

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM FILOSOFIA

MARGARIDA MARIA SANDESKI

**A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX:
UMA ANÁLISE DOS *MANUSCRITOS ECONÔMICO-
FILOSÓFICOS DE 1844***

TOLEDO
2016

MARGARIDA MARIA SANDESKI

A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX:
UMA ANÁLISE DOS *MANUSCRITOS ECONÔMICO-
FILOSÓFICOS DE 1844*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Prof. Dr. Jadir Antunes

TOLEDO
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S216c

Sandeski, Margarida Maria

A concepção de homem em Marx: uma análise dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Margarida Maria Sandeski. _ Toledo, 2016.
124 f.

Orientador: Prof. Dr. Jadir Antunes

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
Campus de Toledo. Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2016
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia

1. Estranhamento. 2. Desestranhamento. 3. Emancipação. I. Antunes,
Jadir. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 335.411
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio – CRB 9ª/965

MARGARIDA MARIA SANDESKI

A CONCEPÇÃO DE HOMEM EM MARX:
UMA ANÁLISE DOS *MANUSCRITOS ECONÔMICO-
FILOSÓFICOS DE 1844*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação submetida à banca de avaliação em: 02/09/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jadir Antunes – (orientador)
UNIOESTE

Prof. Dr. Rosalvo Schültz – (co-orientador)
UNIOESTE

Prof. Dr. Tarcílio Ciotta
UNIOESTE

Prof. Dr. Pedro Leão da Costa Neto
Universidade Tuiuti do Paraná

*Dedicado a Carlos José Dalla Nora,
Luiza Sandeski Dalla Nora, Luana
Sandeski Dalla Nora e Inez Alessi
Sandeski, que com seu apoio e
compreensão foram fundamentais no
desenvolvimento deste mestrado.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e inspiração para desenvolver este trabalho.

À minha mãe Inez pela vida, pela educação, pelo exemplo, por suas orações e por me ter mostrado a dimensão de ser mãe e mulher, e perante os desafios da vida sempre se comportou como guerreira, fazendo a diferença na minha vida e na vida de tantas pessoas.

A meu pai Victório (*in memorian*) por ser exemplo de homem honrado, por suas histórias engraçadas que embalaram meus sonhos e minhas tardes frias ao lado do fogão, por seus sorrisos e bom humor, por me ensinar a ver o lado bom dos momentos mais difíceis da vida, mesmo estando tão doente.

A meu irmão Vicente por seu exemplo de homem íntegro, cujos desafios intelectuais me encorajaram a buscar respostas às inquietações sobre a situação do homem no mundo atual.

A meu irmão Roque pelos abraços, pelos sorrisos na infância e por ter me ensinado a acreditar nos sonhos.

A meu irmão Alcides por ter me ensinado a enxergar dentro de mim mesma.

A meu irmão Otto (*in memorian*) que, mesmo indo tão cedo, preencheu minha infância de momentos felizes.

A meu esposo Carlos José por seu exemplo de ser humano e profissional, pelo apoio incondicional, por sua compreensão, estímulo, respeito, tolerância ao longo deste período e por todas as atitudes que o faz merecedor do meu amor.

Às minhas filhas Luiza e Luana, meninas que me orgulham muito, sou grata pelo apoio e compreensão em minhas buscas existenciais e teóricas.

Agradeço ao professor Jadir Antunes com meu respeito e gratidão, por acreditar em mim e ter aceitado orientar-me no processo de escrita deste trabalho.

Aos docentes do Mestrado em Filosofia da UNIOESTE, Ester Maria Dreher Heuser, Tarcilio Ciotta, Rosalvo Schutz e José Luiz Ames, pelas instigantes aulas ministradas durante o programa, meus agradecimentos.

Agradeço ao professor Pedro Leão da Costa Neto, pela leitura cuidadosa e as contribuições que enriqueceram este trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIOESTE, pela confiança, incentivo e oportunidade desta formação.

Agradeço a Isabel Alves, Márcia Pascutti e Sandra Valéria Dalbello, pessoas especiais que contribuíram com seus diferentes saberes para a consecução deste trabalho.

Agradeço a Maria Damke e a Eva Elenita Marangon, profissionais exemplares e atenciosas do Mestrado, pelo cuidado e atenção que me dispensaram.

Ao Instituto Federal do Paraná pela oportunidade concedida, por meio de sua política de capacitação docente.

"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamos-nos dele.

A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela.

A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis.

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura!

Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido."

Charles Chaplin, em discurso proferido no final do filme *O Grande Ditador*.

RESUMO

SANDESKI, Margarida Maria. **A concepção de homem em Marx: uma análise dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844.** 2016. 124 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2016.

Esta dissertação tem como objetivo apresentar a concepção de homem em Marx a partir da obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844. Para a fundamentação desse propósito, serão abordadas categorias relevantes, tais como: trabalho, propriedade privada, alienação, estranhamento, desestranhamento e emancipação. Buscaremos compreender: 1) como o homem, em meio ao trabalho alienado e estranhado, pode se alçar à qualidade de [homem] emancipado; 2) como a construção teórica de Marx contribui, por meio da proposição do trabalho como categoria fundante do ser social, para que o homem se construa e reconstrua em meio à sociedade capitalista. Inicialmente mostraremos que a estrutura fundante do sistema capitalista está na propriedade privada. O capitalista, ao utilizar-se do trabalho estranhado, potencializa o ganho do capital, faz da divisão social do trabalho um instrumento de acumulação e de exploração do trabalhador que recebe um salário miserável, e sua existência só tem sentido enquanto útil ao capitalista, isto é, ele não existe *enquanto homem*, mas somente como mercadoria humana. Para maximizar os ganhos do capital, a estrutura capitalista alimenta-se do trabalho do homem que, transformado em mercadoria, é vendido por um salário que garante sua sobrevivência. Desta forma, trabalho e capital se interdependem, o trabalhador objetiva-se no trabalho, sua existência é subjetivada no objeto e a dimensão humana é esvaziada. No segundo capítulo, partiremos do pressuposto de que a sociedade capitalista tem na propriedade privada um modo de produção que se utiliza do trabalho alienado para obter e aumentar seu capital. Assim, o homem pelas condições modernas está numa condição de alienação e gera o estranhamento do homem em relação ao seu produto do trabalho, em sua atividade, em seu ser genérico e em relação aos outros homens. A perda de si, na realização de sua atividade (trabalho) transforma sua vida em mero meio de vida, e o homem à medida que se aliena e se estranha, sua exterioridade se opõe a ele, pois faz parte de um conjunto de coerções sociais; Marx então fundamenta na propriedade privada a causa desse estranhamento do homem. Por fim, iremos discorrer sobre o homem, único ser que pode inscrever na própria natureza o atributo de liberdade como um vir a ser. Marx nos dá indicativos para que, por meio de uma ação prática e real, suprimamos o estranhamento, por meio do desestranhamento ao construir ações emancipatórias. Pela ação revolucionária, a propriedade privada e o trabalho estranhado, que resultam no embrutecimento do homem, constituem esse caminho, além da reflexão sobre a importância da conscientização da classe trabalhadora que pode superar seu estado de estranhamento ao compreender que o mundo é produzido por ela, uma vez que o capitalismo é uma construção histórica. Logo, o homem ao requerer sua emancipação, que não ocorrerá sem uma profunda transformação social, percebe que essa ação revolucionária não é o retorno ao seu estado de natureza, mas sim que a emancipação está conectada à história e visa ao desenvolvimento das capacidades humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Estranhamento. Desestranhamento. Emancipação.

ABSTRACT

SANDESKI, Margarida Maria. The concept of man in Marx: an analysis of economic-philosophic Manuscript of 1844. 2016. 124p. Dissertation (Master in Philosophy) - State University of Western Parana, Toledo, 2016.

This dissertation has an objective to show the concept of man in Marx from the Economic-Philosophic Manuscript of 1844. For justification of this purpose, relevant categories will be discussed such as: work, private property, alienation, estrangement, destraction and emancipation. We seek to understand: 1) how man, between alienated and estranged work, can achieve the quality of emancipated man; 2) how a Marx theoretical construction contributes by work proposition as founding category of social being, for man builds and rebuilds himself in the midst a capitalist society. First, we are going to show that the founding structure of the capitalist system is in a private property. The capitalist, when uses the estranged work, empowers the capital gain, makes the social division of work an instrument of worker accumulation and exploitation which earns a too little pay and his existence just has sense while it is useful to the capitalist, i.e. he does not exist as a human, but only as human good. To maximize the gains of capital, the capitalist structure feeds itself by man work which turned into good is sold by a wage which guarantees his survival. In this way, work and capital depend each other, the worker aims in the work, his existence is subjected in object and the human dimension is emptied. Second, we start with the assumption of the capitalist society has in the private property a production way which uses the alienated work to get and enhance its capital. Thus, the man by the modern conditions is in an alienation condition and generates the estrangement of the man in relation to his work product, in his activity, in his generic being in relation to the other men. The loss of himself, in his activity performance (work) changes his life in mere way of life and the man while he becomes alienated and estranged, his exteriority opposes him because it takes part of a set of social coercions; So Marx points out in the private property the cause of this man estrangement. Finally, we are going to talk at length about the man, the only being who can register in his own nature the freedom attribute as a becoming. Marx shows us that by a practical and real action, to remove the estrangement by the destraction and build emancipatory actions. By the revolutionary action, the private property and the estranged work, which result in man brutalization, form this way besides the reflection about awareness importance of the working class which can support his estrangement state understanding the world is produced by it, since the capitalism is a historic construction. So, the man when requires his emancipation, which does not occur without a deep social transformation, notices this revolutionary action is not the return of his state of nature, but for the emancipation is connected to the history and aims the development of human capacities.

KEY WORDS: Estrangement. Destraction. Emancipation.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1.....		25
2.	DA LIBERDADE AO ESTRANHAMENTO: INDICATIVOS PARA PENSAR NO PRESENTE	25
2.1	Sobre o homem	25
2.2	Síntese das contradições.....	34
2.2.1	<i>Salário</i>	39
2.2.2	<i>Ganho de capital</i>	45
2.2.3	<i>Dominação e acumulação de capital sobre o trabalho, os motivos e a concorrência dos capitalistas</i>	48
CAPÍTULO 2		53
3.	ALIENAÇÃO E ESTRANHAMENTO: CONCEITOS CONCÊNTRICOS QUE MOLDAM, PELO TRABALHO, A ESSÊNCIA HUMANA.....	53
3.1	Distinção entre Alienação (<i>Entäusserung</i>) e Estranhamento (<i>Entfremdung</i>)	55
3.1.1	<i>Alienação (Entäusserung)</i>	56
3.1.2	<i>Estranhamento (Entfremdung)</i>	59
3.2	Formas de Estranhamento (<i>Entfremdung</i>).....	63
3.2.1	<i>Estranhamento (Entfremdung) do produto ou da coisa</i>	64
3.2.2	<i>Estranhamento (Entfremdung) em sua própria atividade ou no ato de produção</i>	67
3.2.3	<i>Estranhamento (Entfremdung) do ser genérico do homem</i>	69
3.2.4	<i>Estranhamento (Entfremdung) do homem e na relação com os outros homens</i>	72
3.3	Propriedade privada: desventuras ao desestranhamento humano	74
CAPÍTULO 3.....		81
4.	DESESTRANHAMENTO: O REENCONTRO COM O HUMANO.....	81
4.1	Por onde começar?	81
4.2	Caminhos para o desestranhamento.....	86
4.2.1	<i>O desestranhar-se do homem e na relação com os outros homens</i>	87
4.2.2	<i>O desestranhar-se do ser genérico</i>	89
4.2.3	<i>O desestranhar-se de sua própria atividade</i>	94
4.2.4	<i>O desestranhar-se do produto do trabalho</i>	97
4.3	Suprassunção (<i>Aufhebung</i>) positiva da propriedade privada.....	100
5.	CONSIDERAÇÕES.....	113
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar a concepção de homem em Marx a partir da obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844 (2010a)¹. Para a fundamentação desse propósito, serão abordadas categorias relevantes, tais como: trabalho, propriedade privada, alienação, estranhamento, desestranhamento e emancipação. Buscaremos compreender: 1) como o homem, em meio ao trabalho alienado e estranhado, pode se alçar à qualidade de [homem] emancipado; 2) como a construção teórica de Marx contribui, por meio da proposição do trabalho como categoria fundante do ser social, para que o homem se construa e reconstrua em meio à sociedade capitalista. Para tanto, pretendemos mostrar como Marx, por meio de uma leitura crítica da realidade, identifica o capitalismo como o sistema existencial-econômico em que o trabalho humano está subordinado à lógica de acumulação e reprodução do capital²; como extensão disso, mostraremos, sempre a partir de Marx, que o homem se torna, assim, extensão e apêndice da máquina, contudo pode desestranhar-se e emancipar-se.

Salienta-se que o objeto de reflexão desta pesquisa não é o conjunto total dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, mas uma análise que privilegia, antes de tudo, a fragmentação do trabalho alienado e estranhado e da propriedade privada e o comunismo³. Por ter recorrido à visão teórica de autores como: Eduardo Chagas, Erich Fromm, Jadir Antunes, Jesus Ranieri, Fábio Sobral, Michael Löwy, Rosalvo Schütz, que muito contribuíram para enriquecer este trabalho.

¹ Os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, utilizados nesta dissertação, foram traduzidos por Jesus Ranieri, publicados pela Boitempo editorial. Neles, Ranieri faz distinção entre os termos: *Entfremdung*, como “estranhamento”, e *Entäusserung*, ora como alienação, ora como externalização, exteriorização, ou extrusão. Essa lógica de pensamento seguirá ao longo do desenvolvimento da dissertação. Mesmo se utilizando de comentadores como Eric Fromm ou Fábio Sobral que fizeram uso de outros tradutores, que compreendem *Entäusserung* como objetivação e *Entfremdung* como alienação, no entanto, ao citar tais autores, caso haja necessidade, será citado o original em alemão entre colchetes sempre que os comentadores diverjam do nosso tradutor

² Ranieri (2001, p. 36) aborda que “[...] o capital é sinônimo de trabalho acumulado, trabalho morto, pelo fato de que o trabalho é estranhado (*entfremdete Arbeit*) na medida em que a relação entre trabalho e trabalhador é a relação entre o capitalista e o trabalhador”, e mostra que a sobrevivência do homem depende de sua transformação em mercadoria

³ O socialismo é uma etapa para se chegar ao comunismo. No socialismo, a sociedade controla a produção, a distribuição dos bens em sistemas de igualdade e cooperação que culmina no comunismo, sendo que neste ocorre a substituição do capitalismo e o desaparecimento das classes sociais e do Estado.

No primeiro capítulo da dissertação, mostraremos que a estrutura fundante do sistema capitalista está na propriedade privada. O capitalista, ao utilizar-se do trabalho estranhado, potencializa o ganho do capital, faz da divisão social do trabalho um instrumento de acumulação e de exploração do trabalhador. Recebe um salário miserável e sua existência só tem sentido enquanto útil ao capitalista, isto é, ele não existe *enquanto homem*, mas somente como “mercadoria humana” (MARX, 2010a, p. 93). Para maximizar os ganhos do capital, a estrutura capitalista alimenta-se do trabalho do homem que, transformado em mercadoria, é vendido por um salário que garante sua sobrevivência. Neste processo da (des)evolução humana (desde as comunidades comunais até o desenvolvimento e consolidação do capitalismo), Marx dá elementos para identificar, no caminho percorrido pelo homem, a condição miserável de vida, na garantia de sua sobrevivência e no seu próprio ser. Pelo salário, determinado pela luta entre o trabalhador e o capitalista, na grande maioria das vezes quem acaba por submeter-se é o trabalhador. Desta forma, trabalho e capital são interdependentes, o trabalhador/homem objetiva-se no trabalho e sua existência é subjetivada no objeto. E o que é este objeto para o homem? Ao produzir e gerar lucros, o que ocorre é o esvaziamento da dimensão humana, para o capitalista a relação entre trabalhador e produção não é considerada, pois o homem está apenas cumprindo uma parte do todo.

O desenvolvimento histórico e acumulação de capital expressos na propriedade privada cerceou o trabalhador do processo criativo, cristalizou sua atividade verdadeiramente humana e transformou-o numa atividade estranhada. O desenvolvimento dos modos de produção faz dos homens tanto escravos dos objetos que eles próprios produziram, quanto escravos uns dos outros e, desta forma, o produto produzido interfere no seu destino, “[...] seu idealismo é a ilusão, a arbitrariedade, o capricho” em desejar o dinheiro do outro (MARX, 2010a, p. 139). Pelo trabalho o homem ativa-se e pode objetivar sua subjetividade, mas inserido no padrão capitalista somente reproduz, desta forma a atividade subjetiva do homem, como afirma Marx, resulta em mecanização e miséria.

No segundo capítulo, partiremos do pressuposto de que a sociedade capitalista tem na propriedade privada um modo de produção⁴ que se utiliza, produz e serve-se do

⁴ O modo de produção, refere-se a estruturas sociais específicas, historicamente determinadas e construídas pelo homem. Marx ao apontar o modo de produção na sociedade capitalista delinea o movimento social, que independe da vontade do trabalhador se modifica conforme se torna

trabalho alienado e estranhado para obter e aumentar seu capital. Assim, o homem pelas condições modernas está numa condição de alienação, separado do seu produto, de sua atividade, de seu gênero e dos demais homens, que, como consequência, gera o estranhamento do homem em relação ao seu produto do trabalho, em sua atividade, em seu ser genérico⁵ e em relação aos outros homens. A perda de si, na realização de sua atividade (trabalho) transforma sua vida em mero meio de vida, e o homem à medida que se aliena e se estranha, sua exterioridade se opõe a ele, pois faz parte de um conjunto de coerções sociais; Marx então aponta na propriedade privada a causa desse estranhamento do homem.

Marx apreendeu as contradições que o trabalhador incorpora, por meio do trabalho alienado e estranhado, ao evidenciar o mundo das coisas⁶, a transformação do homem em mercadoria e sua produção como origem da miséria do trabalhador em causas expressas: no produto do trabalho, em sua própria atividade, no ser genérico do homem e na relação com os outros homens. Marx apresenta o trabalho como autogênese humana, construída historicamente mediante relações recíprocas com a natureza e com outros homens, que transforma o homem num ser natural, humano, universal e genérico. Marx compreende que não existe uma natureza humana *a priori*, em vez disso o homem vai se construindo no curso da história, por meio dos enfrentamentos que resultam na construção de sua natureza, pela experimentação de diferentes relações de trabalho, mesmo que em sua maioria pautada pela exploração de uns pelos outros e por ações ativas e criadoras no trabalho, que garantem sua sobrevivência e constituem elementos para sua materialidade e sua essência.

Pelo trabalho, o homem e a natureza se transformam mutuamente, ou seja, a natureza é transformada pelo homem ao atuar sobre o mundo exterior de forma

insuficiente ou esgotado. Para além de compreendermos *o que* produz, cabe reflexão do *como* é produzido, ou seja, como as relações sociais e humanas são realizadas, qual é o resultado efetivo no homem, que inserido numa estrutura econômica, legal e ideológica, precisa submeter-se para sobreviver. O termo modo de produção, se faz presente em outras obras de Marx, mesmo não estando presentes nos *Manuscritos* é basilar para a tessitura lógica desta dissertação.

⁵ Salienta-se, no que se refere ao ser genérico, que é no trabalho que se encontra o caráter inteiro de uma espécie, nele se encontra o caráter genérico do homem, mas somente pela atividade consciente e livre é que é possível existir.

⁶ Neste caso, Marx (2010a, p. 80) acrescenta que: “[...] com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (grifos do autor).

consciente ou não, esta forma de atuar sobre a natureza faz com haja a modificação da natureza do homem. As objetivações quando originadas pelo trabalho, no interior da propriedade privada, produzem riqueza útil, porém, nesse processo de trabalho, identifica-se o controle do capitalista sobre o trabalhador e o produto. A riqueza útil gerada é expropriada do sujeito que a produziu, atribuindo-lhe valor de troca em detrimento do valor de uso do qual originou a alienação e o estranhamento.

Homem e trabalho, portanto, estão intrinsecamente relacionados. Esta relação, no entanto, compreende que as condições materiais apresentadas não são naturalizadas, pois, pela ação, o homem, ao utilizar-se de meios de trabalho⁷, pode influenciar e construir uma nova realidade, suprir carências⁸, reconstruir o mundo e aumentar sua capacidade produtiva. Essa reflexão fornecerá elementos para as ações emancipatórias, ao pensar em formas possíveis de superação desse estado de alienação e estranhamento que pode ocorrer com este homem inserido na sociedade, na história, e que reproduz um modo de produção capitalista.

Assim, no terceiro capítulo, iremos discorrer sobre o homem, único ser que pode inscrever na própria natureza o atributo de liberdade como um vir a ser. Marx nos dá indicativos para, por meio de uma ação prática e real, suprimir o estranhamento, as ações autoritárias e antidemocráticas e construir sua emancipação mediante o desestranhamento. Como construir esse caminho, que ações a classe proletária deverá desenvolver? Pela ação revolucionária, ação efetivamente transformadora e autônoma, desenvolvida pelos trabalhadores, que não visa a manutenção do trabalho alienado e estranhado e a subsistência do trabalhador, tal como querem a propriedade privada e o

⁷ Meios de trabalho representam não somente os meios de produção em si, mas a própria exteriorização da vida, o fazer o trabalho e a época histórica vivida pelos homens. Mostra *o que* e *o modo* como os homens produzem; dão indicativos para a leitura da forma de existência do homem enquanto ser genérico e individual, e a compreensão de que este mesmo ser modifica-se conforme o tempo histórico, produzindo uma nova história, reconstruindo-se como ser histórico.

⁸ No que tange ao conceito carências natural, nos *Manuscritos*, Marx (2010a, p. 127) desenvolve seu conceito como sendo: “[...] a *fome* é uma *carência* natural; ela necessita, por conseguinte, de uma *natureza* fora de si, de um *objeto* fora de si, para se satisfazer, para se saciar. A fome é a carência confessada de meu corpo por um *objeto* existente”. Já Ranieri (2011, p. 129) confere a necessidades (*Notwendigkeit*) e carências (*Bedürfnis*), uma diferenciação procurando distinguir como Marx considera os termos, na qual a carência “[...] cuja base está posta na condição biológica do ser humano (comer, beber, dormir, habitar) o que a vincula a uma falta, assim como também a um desejo, ou seja, a carência se revela como um componente que, uma vez satisfeito, pode dar inclusive origem à positividade de novas carências, mais sofisticadas. É dessa carência que depende a sociedade para constituir-se como elemento autônomo. Por sua vez, *Notwendigkeit* está vinculada à necessidade lógica, oposta à contingência, que aparece como possibilidade efetiva de realização a partir da satisfação histórica das carências”.

trabalho estranhado que resultam no embrutecimento do homem, mas sim ações que sejam uma escolha livre, consciente e de autocriação humana que, além da reflexão sobre a importância da conscientização da classe trabalhadora, possam superar seu estado de estranhamento, ao compreender que o mundo é produzido por ela, uma vez que o capitalismo é uma construção histórica. Logo, o homem ao requerer sua emancipação carece do desvelamento da essência estrutural da sociedade, de desestranhar-se e revelar a naturalidade da exploração sofrida pelo trabalhador; necessita de uma profunda transformação social e da sua própria consciência, pois só assim perceberá que essa ação revolucionária não é o retorno ao seu estado de natureza, mas sim que a emancipação está conectada à história e visa o desenvolvimento das capacidades humanas.

CAPÍTULO 1

2. DA LIBERDADE AO ESTRANHAMENTO: INDICATIVOS PARA PENSAR NO PRESENTE

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o homem como um ser social, marcado pelas relações sociais que estabelece com os outros que com ele compartilham o espaço social. Ao renunciar, compulsoriamente, à sua liberdade, passa a ser espoliado pelo capital e transformado em mercadoria, mantendo a sua existência por meio do trabalho estranhado. Em troca, recebe um salário que garante sua sobrevivência, mas o desumaniza como homem. O capitalista investe em maquinaria para maximizar a sua produção e aumentar o ganho de capital, privilegiando-o mediante sua acumulação e imposição de rotinas de trabalho cada vez mais fatigantes, que debilitam o trabalhador física, moral e espiritualmente. Quanto mais riquezas produz, mais refém do capitalista ele fica, pois caminha para as condições de alienação e estranhamento, problema que, doravante, pretendemos elucidar.

2.1 Sobre o homem

Conceituar o homem na perspectiva marxiana⁹, faz emergir o modo de existência humana, o lugar que ocupa na execução do trabalho, a forma opressiva exercida sobre o homem e a negação do resultado de seu trabalho para responder à lógica do capital. Essa ação priva o homem de si mesmo, em relação aos produtos materiais de sua realização e de sua produção intelectual. Esse processo de busca revela a história material das objetivações e a apropriação histórica, expressa pela subjetividade do sujeito na relação do homem com o trabalho e com a propriedade. Marx concebe a alienação como vinculada ao estranhamento, enquanto uma forma do produto do trabalho humano (estranhamento seria a realização da alienação), tornando-o estranho perante o homem; o gênero humano, portanto, resume-se ao resultado das práxis dos indivíduos, ou seja, das atividades sensíveis que garantem a produção dos meios de existência e reprodução de uma dada atividade.

⁹ Marxianas são as ideias atribuídas a Marx, já o termo “marxista” refere-se a quem, reconhecendo suas ideias, as segue, mesmo em certos casos, não se prendendo ao pensamento de Marx, o que resulta em correntes diversas.

Marx, ao estudar as leis econômicas e sociais que determinam o modo de produção capitalista, identificou no “ [...] processo histórico de desenvolvimento de suas distintas fases [as] características em comum, determinações em comum” (MARX, 2011a, p. 41), que ainda hoje estão presentes no homem, nas suas relações, no modo de produção e obtenção de lucro. Mediante o trabalho, como categoria fundante do ser social, o homem sobrevive nesta sociedade capitalista em meio ao trabalho alienado e estranhado. Mas como ele poderia, também através do trabalho, se construir como homem desestranhado e emancipado? A unidade e distinção entre os homens especifica o que constitui seu desenvolvimento e sua diferença essencial, e, como agente desse processo, é possível identificar como o trabalho atua em sua vida e em sua história.

Através dos tempos, gradativamente, houve a separação do homem da natureza¹⁰, da comunidade, de sua propriedade, das condições objetivas e da força subjetiva de trabalho¹¹. Passou-se à utilização da força de trabalho¹² no processo de produção, tornando o homem em si substituível. O que antes era somente esforço pela sobrevivência, gerou excesso de produção e pôde ser usado em comemorações e adversidades. Contudo, o excedente começou a ser disputado, a terra e a natureza foram progressivamente divididas entre uma minoria, afirmando-se a propriedade privada¹³, sendo utilizadas como objeto de exploração e aquisição de riquezas¹⁴.

¹⁰ O termo ‘natureza’, utilizado por Marx (2010a, p. 112), não se limita à interpretação literal do termo, enquanto natureza pura, ou se restringe a um retorno do homem a um estado primitivo da natureza, à natureza humana abstrata geradora de fruição, idealista, intuitiva que, ao ser engendrada, é engolida pela indústria, resultando numa figura estranhada, a-histórica, ou seja, a “[...] essência humana da natureza ou a essência *natural* do homem é compreendida dessa forma, e por isso a ciência natural perde a sua orientação abstratamente material”, porque a natureza humana, separada da natureza pela indústria, separa o homem de si, a natureza torna-se “[...] nada para o homem” (MARX, 2010a, p. 135), ao mesmo tempo que o homem se torna repetidor de tarefas. De forma contrária, o homem, dentro de um pensamento abstrato, com seu trabalho e com sua intuição da natureza, “[...] criar a partir do nada, da pura abstração” (MARX, 2010a, p. 135).

¹¹ Força subjetiva de trabalho corresponde ao “[...] processo histórico que separaria o homem da natureza e o indivíduo da comunidade humana; seria o mesmo processo que separaria o trabalhador, força subjetiva de trabalho, da propriedade, do conjunto das condições objetivas para o processo de produção” (ANTUNES, 2009, p. 87).

¹² A força de trabalho, segundo Marx (2013), é a força criadora de valor, proveniente dos braços laboriosos do homem, que na sociedade capitalista é transformada em mercadoria, cabendo a ele o recebimento de um salário que garante sua sobrevivência. A determinação desse quantitativo pago ao trabalhador, independe de sua individualidade, é determinada formalmente, “[...] justa e juridicamente perfeita”, ao trabalhador submisso a uma condição de subemprego. O termo força de trabalho, mesmo não estando nos *Manuscritos*, é basilar para a tessitura lógica desta dissertação.

¹³ Para Löwy (2012, p. 43), a propriedade privada e a livre concorrência são responsáveis pela condição egoísta da sociedade, em que os homens permanecem “[...] em luta uns contra os outros, numa verdadeira *bella omnia contra omnes*, e o ‘social’, o ‘interesse geral’, o ‘coletivo’ devem

Mas como o homem atual se foi construindo? A busca pela sobrevivência fez com que ele se submetesse a limitações, à mecanização e se subordinasse à obtenção de excedente. Da mesma forma que Fromm (1979, p. 8) salienta, pelo desejo do conforto, segurança e ausência de riscos, “[...] a pessoa comum vive à procura dum refúgio; tenta escapar da liberdade e busca segurança no colo do grande Estado e da grande empresa”. Esta condição regulada e direcionada dá certa tranquilidade, evitando pensar com consciência em assumir os riscos, tanto na esfera da produção e consumo, quanto pela repetição do que lhe é direcionado. Marx defende que o mundo moderno, tal como se apresenta, é o mundo das paixões pelo dinheiro¹⁵, em que “[...] o dinheiro que aparece como meio é a verdadeira *potência* e a única *finalidade*” (MARX, 2010a, p. 146). Desta forma, ao procurar entender a história, como uma história que não é separada da natureza e nem do processo de trabalho humano, o homem modifica a natureza da forma como lhe convém e, a partir de suas relações reais, incorpora uma dupla determinação (trabalho e natureza) que, por sua vez, resulta em um mútuo condicionamento. Para Marx, as categorias Natureza e Espírito acontecem juntas e parte, então, do ponto de apropriação da vida real e, estudando o homem em suas relações reais com a natureza, identifica que em lugar da história responder às contradições¹⁶, elas são ampliadas e isso justifica a moralização e a racionalidade usadas

necessariamente ser projetados, hipostasiados, alienados, em um ser ou em uma instituição ‘fora’ e ‘acima’ da sociedade civil”.

¹⁴ O trabalhador, ao existir somente por sua força de trabalho, é destituído das condições objetivas de existência e de sua unidade originária presente na comunidade, e passa a dominar o processo de subjetivação, que retira de circulação comum e insere no mundo de uma única existência, que usa para dominar e explorar (Cf. ANTUNES, 2009, p. 87).

¹⁵ Marx (2010a, p. 157) salienta, no que tange ao dinheiro, que ele “[...] na medida em que possui o *atributo* de tudo comprar, na medida em que possui o atributo de se apropriar de todos os objetos, é, portanto, o *objeto* enquanto posseção eminente. A universalidade de seu *atributo* é a onipotência de seu ser; ele vale, por isso, como ser onipotente. ...O dinheiro é o *alcoviteiro* entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem. Mas o que medeia a *minha* vida para mim, *medeia* também a existência de outro homem para mim. Isto é para mim o *outro* homem...”. Marx, nesta passagem, ressalta como esse atributo dá condições ao homem para viver e estar na sociedade e separar-se dos outros homens, convertendo-os em coisas que podem comprar, isso tanto no que se refere às objetivações quanto às pessoas, mostrando que, como é considerado um bem supremo, o dinheiro transforma o homem bom, porque ao pagar a outros para que sejam desonestos, e, por isso, deixa de sê-lo. O dinheiro é “[...] o vínculo de todos os vínculos, [...] a verdadeira moeda *divisória* (*Scheidemünze*), bem como o verdadeiro *meio de união*” (MARX, 2010a, p. 157). É somente ao ousar mexer na estrutura há tanto tempo consolidada, que ocorrem novas reorganizações e desajustes, ameaçando a classe trabalhadora de voltar a seu estado de conforto.

¹⁶ Estas contradições referem-se à perspectiva do homem no modo capitalista, de igualar-se em condições ao patrão, mas ao contrário, no interior do trabalho, pelos processos de alienação e estranhamento separa-sedo produto do trabalho, de sua própria atividade, do ser genérico do homem e do homem e na relação com outros homens. A divisão de classes é ampliada e nessa perspectiva submete-se ao capitalista para sobreviver.

para justificar a barbárie. Assim, Marx justifica que “[...] ao contrário, o ideal não mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem” (MARX, 2013, p. 90).

A riqueza de relações e determinações permite apreender dinâmicas. Que mesmo sendo históricas, possuem uma coerência e interdependência entre os elementos, além de serem passíveis da ação humana para a formulação de conceitos, a partir da apropriação dos processos históricos reais reconstruídos, reconhecidos, em permanente movimento de contradição, exteriorizados e específicos para determinados períodos da história; dominados por um modo de produção que, mesmo por longos períodos históricos, não alteraria a essência de uma estrutura¹⁷ sobre a qual estão edificados, tendo como base os modos de produção historicamente determinados (comunal, asiático, feudal e burguês). A transição de um sistema para outro se deu porque todas as forças produtivas foram exauridas e sobrepondo-se a ela, uma nova força vai sendo gestada (Cf. MARX, 2008, p. 48).

Antunes (2009, p. 2) cita que, para Marx “[...] a história universal seria a história que estabeleceria e desenvolveria, sem resolver, a contradição entre o indivíduo¹⁸ e o gênero humano¹⁹ e entre este e a Natureza”, pois o homem, por meio da ciência, se

¹⁷ ‘Estrutura’ refere-se a um conjunto de elementos interdependentes e estáveis no tempo, assim como os trabalhadores (ou quem sustenta o modo de produção) que, independentemente de sua vontade, estão inseridos em um modo de produção em que, por meio de sua força de trabalho, garantem o crescimento da economia. Já a ‘superestrutura’ corresponde à burguesia, ao Estado e às instituições, que se utilizam de ideologias / formas de consciência para permanecerem onde estão e manterem as instâncias econômicas, as quais “[...] sendo a base da vida social dos homens, não existem senão permeadas por todos os aspectos dessa vida social, que, por sua vez, sob modalidades diferenciadas, são instâncias da superestrutura, possuidoras de desenvolvimento autônomo relativo e influência retroativa sobre a estrutura econômica” (MARX, 2013, p. 31-32).

¹⁸ No que concerne ao indivíduo, cabe uma discussão, pois independentemente dos homens pertencerem ao mesmo gênero humano, podem viver e interagir em sociedade e retotalizar as objetivações do gênero e contribuir para seu desenvolvimento. Ao contrário, o individualismo exacerbado, o egoísmo econômico e o menosprezo pelo outro visam vantagens particulares e econômicas. As relações interpessoais são substituídas por relações de submissão de um indivíduo a outro e, conseqüentemente, à sociedade de consumo. O indivíduo, como ser diferenciado, não subsiste à condição de opressão e formatação, pois dominado pelas carências e despossuído de meios de produção, rende-se ao capital.

¹⁹ No que tange à categoria gênero humano, o capitalismo garante igualdade de exploração, mas as relações estabelecidas entre homem e mulher são diferentes, pois refletem relações machistas, repetidas e reforçadas – por grande parte das mulheres - no espaço familiar, no qual é dado ao sujeito papéis, imposição de condutas e normas que devem ser executados, a fim de perpetuar a identidade programada. Assim, quando esse homem ou mulher adentra no trabalho, nela(e) estão uma série de preconceitos (delicada, emotiva, racional, focado...), tanto que para muitas mulheres atingirem postos dentro da empresa, precisam mudar sua postura para formas masculinizadas. A divisão do trabalho por gênero é histórica e, como prática social, sua construção se dá por meio do movimento oscilante na conservação das tradições, divisão e qualificação de tarefas, salários, disciplina. A subordinação, criada na esfera do trabalho, reflete em outras conjunturas sociais, assim carece de uma abolição nas

desenvolve e com isso cria forças produtivas para dominar e transformar a natureza, esta, por sua vez, ao se desenvolver,

[...] desenvolve ao seu lado a contradição entre produção social e apropriação privada da riqueza. Quanto mais o gênero humano desenvolve as potências para o trabalho, mais aqueles que produzem diretamente riqueza se separam dela e caem na desumanidade e na animalidade (ANTUNES, 2009, p. 2).

Essa mesma riqueza produzida pela classe trabalhadora, faz com que ela seja aniquilada espiritualmente, de modo que não possua os meios objetivos de produção e com isso esteja impedida de usufruir o que produziu. A classe trabalhadora possui uma falsa liberdade²⁰, formal e abstrata, pois para o mercado, para a geração de dinheiro em mais dinheiro²¹, é necessário o trabalhador livre e não o escravo²². Contudo, para que o trabalhador possa receber sua parcela de dinheiro, inevitavelmente terá que alienar sua subjetividade, sua existência e seu tempo.

Desses momentos de produção abstrata²³, gerada nos estágios de produção, sempre existirão determinações comuns, chamadas de “condições universais”. Marx afirma que há determinações em comum, que poderão ser identificadas pela busca na história, e, mesmo utilizando-se de leis gerais para eliminar diferenças, é possível identificar tais semelhanças, assim exemplifica que:

relações de poder em qualquer esfera, quando esta se tratar de diferenciação por sexo, mas ao se pensar o gênero humano, nesta perspectiva, se pensará em formas de ação que o complementem e permitam seu movimento de superação permanente, por meio da satisfação de suas necessidades, ao apropriar-se da natureza transformando-a pelo meio social, de forma a beneficiar um conjunto de pessoas.

²⁰ Para Marx, o trabalhador livre é aquele “[...] destituído de todos os meios objetivos de realização de sua humanidade enquanto trabalhador. Como os meios objetivos de realização do trabalho se converteram ao longo do processo histórico em propriedade do não-trabalhador, do burguês na sociedade capitalista, o trabalhador somente poderá realizar sua capacidade abstrata para o trabalho em trabalho efetivo, alienando sua personalidade e seu tempo de vida ao capitalista” (ANTUNES, 2009, p. 2).

²¹ Ou como Marx aborda em *O Capital* “[...] o que aparece como mais-valor para um lado é menos-valor para o outro; o que aparece como ‘mais’ para um, é ‘menos’ para outro” (MARX, 2013, p. 238).

²² A escravidão é desinteressante para o sistema capitalista, pois impede a dependência do capital e o fluxo de dinheiro nas mãos dos capitalistas.

²³ No que se refere à produção abstrata, Marx (2013, p. 134), após discorrer sobre o duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias, afirma que: “[...] O corpo da mercadoria que serve de equivalente vale sempre como incorporação de trabalho humano abstrato e é sempre o produto de um determinado trabalho útil, concreto. Esse trabalho concreto se torna, assim, expressão do trabalho humano abstrato. Se o casaco, por exemplo, é considerado mera efetivação [*Verwirklichung*], então a alfaiataria, que de fato nele se efetiva, é considerada mera forma de efetivação do trabalho humano abstrato”.

[...] o escravo, o servo e o trabalhador assalariado, todos recebem uma certa quantidade de alimentos que lhes permite existir como escravos, servos e trabalhadores assalariados. O conquistador, que vive do tributo, ou o funcionário, que vive do imposto, ou o proprietário fundiário, que vive da renda, ou o monge, que vive da esmola, ou o levita, que vive do dízimo, todos recebem uma cota da produção social determinada por leis diferentes das que determinam a cota dos escravos (MARX, 2011a, p. 42).

A liberdade formal e a humanidade pertencem ao capitalista. O proletário, ao contrário, é despojado de sua objetividade, vontade e realidade formal, restam-lhe a liberdade abstrata e a vontade de produzir riquezas para si, sonhando melhorar suas condições igualando-se aos patrões. Para isso, adere incondicionalmente às determinações de tempo e intensidade impostas por eles. Assim subjetivada, a riqueza produzida perde-se e objetiva-se apenas a venda dele próprio, por meio de sua força de trabalho. Como “[...] não proprietário dos meios de produção, é não propriedade e, portanto, existe enquanto trabalhador assalariado [...] [e] propriedade do não trabalhador” (ANTUNES, 2009, p.7) que, por sua vez, é excluído da “riqueza objetiva” (MARX, 2011a, p. 230), mas incorporado a uma miséria absoluta e subjetividade abstrata, isto é,

[...] na produção [enquanto universalidade], a pessoa se objetiva na pessoa, a coisa se subjetiva; na distribuição [enquanto particularidade], a sociedade assume a mediação entre produção e consumo sob a forma de determinações dominantes; na troca [enquanto particularidade], produção e consumo [enquanto singularidade] são mediados pela determinabilidade contingente do indivíduo (MARX, 2011a, p. 44).

Ao compreender que a subjetividade é socialmente produzida, identifica-se que o homem, inserido num processo de produção reificada²⁴, produz e autoproduz-se. Assim, como é ressaltado por Marx (2010a, p. 80), “[...] o trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral”. Marx (2011a, p. 45) ressalta ainda que o ato de produção é ao mesmo tempo consumo, “[...] um consumo das forças vitais [...], consumo dos meios de produção que são usados e desgastados, [...] consumo da matéria-prima, que não permanece com sua forma [*Gestalt*] e constituição naturais,

²⁴ Segundo Abbnano (2007, p. 841), a reificação, do latim *res* “coisa”, ou *Versachlichung*: “objetivação”, designa “[...] o fenômeno, ressaltado por Marx, de que, na economia capitalista, o trabalho humano torna-se simples atributo de uma coisa”, a partir desta condição, a coisa se torna independente do homem, e passa a governar sua vida. Submetido a este governo, o homem passa a comportar-se de acordo com tais leis e não de forma humana.

sendo, ao contrário, consumida”, isto é, assim como o modo de produção de mercadorias condiciona a estruturação da vida social, política e intelectual, por meio das relações e inter-relações, o homem se autoproduz, consome, consome-se (sua essência) e se autorreproduz quando o próprio sujeito que produziu está efetivando o consumo, portanto, o processo de estranhamento.

Autoprodução e autoconsumação são relações que estão imbricadas no produto. Marx (2011a, p. 47) afirma que “[...] a produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto”, cria os consumidores que consumirão o objeto, a forma como será consumido, cria a necessidade pelo objeto; determina, assim, que não é somente “[...] a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47). Marx fala dessa determinação, para dizer que ela é uma falsa consciência, resultado de uma consciência fracionada, em razão de seu condicionamento histórico e material da sociedade, construído e direcionado socialmente para atender a uma dada formação social. Assim, o homem é determinado por superestruturas que fragmentam e forjam um tipo específico de homem desejado para atender aos objetivos capitalistas, neste contingente de superestrutura, os indivíduos ainda possuem certos interesses e motivações que não correspondem ao que o capitalista possui, então criam projeções de sua subjetividade para aplacar suas angústias²⁵.

Além das projeções criadas pelo homem, há todo um conjunto ideológico, forjado pelo capitalista que pensa em objetos para um determinado homem e seu meio. Neste sistema, diante das contingências sociais, o trabalhador mesmo sendo convertido em pessoa está separado das condições objetivas²⁶ e, por isso, somente o que o une ao capitalista é o contrato. Deste modo, o trabalhador pode determinar de que forma “[...] sua vida será gasta no processo de trabalho” (ANTUNES, 2009. p. 9), diferentemente dos escravos ou servos-de-gleba que, por natureza, estariam impedidos de escolher a

²⁵ Chagas (2013) aprofunda a discussão no artigo “*O pensamento de Marx sobre a subjetividade*”, mostrando como o homem, já fragmentado e no anseio por encontrar-se, põe em Deus (como projeção de sua subjetividade) seu refúgio, assim como sobre ele pesa todo o conjunto de superestruturas que contribuem para seu condicionamento.

²⁶ As condições objetivas referem-se a todo conjunto necessário para o trabalho. Nas comunidades primitivas, o homem não estava separado dessas condições objetivas, pois a natureza ainda não havia se tornado propriedade de um indivíduo, ao contrário, a natureza e o indivíduo faziam parte da comunidade. Com o processo histórico, o homem foi separado das condições necessárias ao processo de trabalho (natureza, instrumentos de trabalho, transporte, meios de produção e circulação) e do resultado da riqueza gerada.

quem entregariam suas vidas, forças e subjetividade. Essa diferença somente ocorre na esfera do contrato, pois estando excluídos, ambos pertencem à classe dos patrões (Cf. ANTUNES, 2009, p. 9).

Incorporado ao sistema de produção capitalista, restará ao trabalhador, desta maneira, “[...] ser flexível o suficiente para acompanhar e adaptar-se aos movimentos do sistema de máquinas²⁷” (ANTUNES, 2009, p. 11). Nesse sistema de produção, há modificação e mutilação da essência do homem²⁸ e de sua força individual de trabalho. Como resultado, o modo de produção capitalista “[...] aleija o trabalhador, converte-o numa aberração, promovendo artificialmente sua habilidade detalhista por meio da repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas” (MARX, 2013, p. 434); seu trabalho é vazio, há somente movimentos desprovidos de ação que contemplem reflexão de conteúdo, o que conduz o trabalhador a um autossacrifício e mortificação (Cf. MARX, 2010a, p. 83).

Historicamente, se vê o processo de separação do homem do produto de seu trabalho, da natureza, de sua subjetividade e dos vínculos naturais na comunidade humana, pois o que converge são interesses sociais e econômicos; o trabalhador tornou-se um “[...] acessório de um conglomerado humano determinado e limitado” (MARX, 2011a, p. 39), sendo valorizado o que possui no bolso, dependendo disso sua sociabilidade na comunidade. Isto significa que o direito da igualdade entre todos os homens, suprimido pelo capitalismo, converte-se em conformidade com seu poder de compra. O indivíduo transforma-se em um ser fragmentado, impedido em sua livre iniciativa; está, de fato, fora do sistema e da comunidade. Antunes (2009, p. 8) ressalta, porém, que diante das contradições, da destruição dos laços naturais com a comunidade, substituídos por laços econômicos e contratuais, permite-se mesmo a “[...] fundação de uma sociedade mais plena e universal que as antigas sociedades do passado pré-capitalista”; diferente da associação que envolvia o escravo antigo do servo da gleba,

²⁷ Em outras palavras, mais adiante, Marx (2010a, p. 141) aborda a adaptação do homem à máquina e esta a ele e, em virtude de sua simplificação, também simplifica o homem, o deixa débil e negligenciado nos processos criativos e de fruição, uma vez que “[...] a máquina acomoda-se à *debilidade* do ser humano para tornar o ser humano *débil* a uma máquina”.

²⁸ A essência do homem que abordo refere-se a uma lógica omnilateral, que Marx afirma ser aquela que contribui para um homem ser completo tanto pelo trabalho produtivo, quanto pela vida em sociedade (Cf. Marx, 2010, p. 108).

hoje o trabalhador pode participar da sociedade civil com ou como seu patrão, mesmo que essa plenitude resulte na desagregação do indivíduo.

Vemos também que a ciência contribuiu firmemente para essa situação, ao estar a serviço do capitalismo e desenvolver:

[...] potências mecânicas para o trabalho em níveis nunca antes imaginados pela genialidade humana, separadas do desenvolvimento do trabalhador individual. Assim, à mesma medida que essas potências objetivas e espirituais se desenvolvem no gênero humano, desenvolvem-se a estupidez e a miséria do trabalhador individual (ANTUNES, 2009, p. 8).

Assim como todo o processo científico respondeu a uma classe, Marx e Engels (2007, p. 48) nada mais expressam que a visão de mundo e ideias dominantes desconsideram os “[...] indivíduos e as condições mundiais que constituem o fundamento dessas ideias”, com intuito de despersonalizar e tirar a responsabilidade do homem e suas intenções humanas reais (substituídas pelo lucro), para focar a atenção no aspecto positivo e ideal para essa classe, além de apresentar seus interesses como se fossem os interesses de toda a sociedade. Marx exemplifica que na aristocracia os conceitos que dominavam eram os “de honra, fidelidade...”, enquanto que no domínio da burguesia são os conceitos de “liberdade, igualdade” que supostamente preponderam; já outra classe – a classe explorada – precisa submeter-se para sobreviver. Por conseguinte, os valores de uma determinada classe são apresentados como certos e dignos de serem seguidos (ou talvez, efetivamente, diga-se que de fato não há a opção de pertencer àquela). Marx e Engels, nessa perspectiva, expressa que:

[...] As ideias da classe dominantes são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios para a produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a

distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são ideias dominantes da época (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Apresentar ideias dominantes como se fossem comuns e pertencentes a todos, é a marca da classe dominante. Ao utilizar-se de uma lógica irreal para os trabalhadores, mas muito lucrativa para os capitalistas, cria-se uma realidade que não condiz com a história vivida pelos trabalhadores, lógica essa que não compreende contradições, enfrentamentos, supostamente acessível a todos (caso haja esforço na conquista e nas metas desejadas). Porém o indivíduo, submerso nesse contingente ideológico, político, jurídico, religioso, artístico ou filosófico, é cercado de todos os lados, não abstrai²⁹ a realidade, não desenvolve uma consciência crítica, coerente, das condições e contradições sociais em que vive, simplesmente as reproduz.

2.2 Síntese das contradições

Marx apreendeu as contradições do mundo, com base em uma perspectiva crítica, descreveu as más condições vivenciadas pelos trabalhadores ao submeterem-se aos empresários capitalistas. A estrutura fundante do sistema capitalista que perpassa o Estado é a propriedade privada e seus meios de produção, conseqüentemente, implica uma sociedade dividida em classes. Essa condição reconhece o homem no reino das carências, utiliza-a como instrumento de submissão ao trabalho e à propriedade privada. O trabalhador, ao submeter-se ao modo de produção capitalista, transforma-se em mercadoria oferecida ao capitalista por um salário, além da perspectiva dos ganhos materiais. Este salário, de que depende sua perpetuação, é pago pelo próprio trabalhador por intermédio do seu trabalho e de sua transformação como extensão da máquina. O trabalho e o trabalhador são dilacerados; o primeiro, porque é estabelecido em modos de produção; e o segundo, em razão de se alienar do produto e do ato integral de produção. O dilaceramento do homem pelo próprio homem, em um ser genérico, visa atingir o equilíbrio dos ganhos e perdas³⁰ impostos pelos capitalistas, que tiram de onde há

²⁹ Neste caso, a abstração é ideal e não material.

³⁰ O capitalista em nenhum momento quer perder, contudo, o próprio mercado é variável, assim para ele o essencial não é o ganho, mas o ganhar.

excesso e colocam onde há carências³¹. Nenhum capitalista deseja perdas, o que o leva a criar continuamente outras estratégias para seu ganho.

Da forma como se compreende o mundo, nascem as relações de trabalho, de vida do homem com a natureza e do fundamento das relações reificadas³². Ademais, essas relações, além de satisfazerem as carências de consumo, determinam-se pelo acúmulo de dinheiro, o que permite a alguns atuarem como empresários capitalistas. Para isso, a relação que se delimita entre patrão e empregado é de negócio³³, uma relação que nega a existência do empregado como homem individual e livre.

O sistema que Marx descreve é atual. No capitalismo, as relações entre os homens são mais reguladas pelo valor de troca do que pelo valor de uso, pois estão dependentes do poder de compra. Então, o homem e as suas carências ficam em segundo plano, visto que em primeiro plano está o capital. O modo de produção e consumo capitalistas estimula o desperdício e o luxo, por meio da destruição e transformação da natureza em mercadorias e em meios para a reprodução expansiva. Como proprietários dos meios de produção, para sua perpetuação, reduzem o trabalhador a uma mercadoria, e assim podem integrá-lo no sistema como capital variável³⁴, isto é, conforme for maior a oferta de trabalho, menor será o gasto com

³¹ Adam Smith (1996, p. 437-438) aborda essa lógica de equilíbrio automático do mercado, que visa um mecanismo de crescimento econômico da renda, o qual socialmente é aumentado e se torna o mais alto possível. Mostra-nos, em seu livro *A Riqueza das Nações* (1886), como concebe o equilíbrio entre as forças do capital: como sendo a aplicação de valor o máximo possível no produto, de forma a aumentar o lucro anual. Assim, afirma que “[...] a renda anual de cada sociedade é sempre exatamente igual ao valor de troca da produção total anual de sua atividade, ou, mais precisamente, equivale ao citado valor de troca. Portanto, já que cada indivíduo procura, na medida do possível, empregar seu capital em fomentar a atividade nacional e dirigir de tal maneira essa atividade, que seu produto tenha o máximo valor possível, cada indivíduo necessariamente se esforça por aumentar ao máximo possível a renda anual da sociedade. Geralmente, na realidade, ele não tenciona promover o interesse público, nem sabe até que ponto o está promovendo. Ao preferir fomentar a atividade do seu país e não de outros países, ele tem em vista apenas sua própria segurança; e orientando sua atividade de tal maneira que sua produção possa ser de maior valor, visa apenas a seu próprio ganho e, neste como em muitos outros casos, é levado como que por uma mão invisível a promover um objetivo que não fazia parte de suas intenções. Aliás, nem sempre é pior para a sociedade que esse objetivo não faça parte das intenções do indivíduo. Ao perseguir seus próprios interesses, o indivíduo muitas vezes promove o interesse da sociedade muito mais eficazmente do que quando tenciona realmente promovê-lo. Nunca ouvi dizer que tenham realizado grandes coisas para o país, aqueles que simulam exercer o comércio visando ao bem público. Efetivamente, é um artifício não muito comum entre os comerciantes, e não são necessárias muitas palavras para dissuadi-los disso”.

³² Esse fundamento das relações reificadas é originado da ligação entre capital, trabalho e alienação.

³³ “Negócio” como negação do ócio, negação do tempo livre, de atividades prazerosas, de relações de amizade, além da relação contratual abordada anteriormente.

³⁴ Capital variável refere-se à força de trabalho, ou seja, “[...] é chamado variável porque produz um valor novo, superior ao seu valor anterior, pelo jogo da extorsão do mais-valor (que ocorre no uso de

salários; da mesma forma, a redução dos gastos com o trabalho vivo, realizado pelo homem, é substituída por um trabalho morto, realizado pelas máquinas. Essa condição gera crescimento do capital e para continuar neste patamar investe-se em capitais fixos, sendo reduzidos, com isso, os custos unitários de produção; logo, auferem-se aumento da economia e da escala de produção, o que se dá em virtude do aumento da produtividade do trabalhador e do investimento em tecnologias da produção.

Dessa forma, os capitalistas, pela manipulação das carências e necessidades, desejos e prazeres, fortalecem sua hegemonia econômica e ideológica, objetificando o homem. Criam estratégias para aumentar o lucro e a produção ao intensificar e recriar o processo de exploração e dominação da força de trabalho, seja por meio de salários baixos, processos servis, uso de escravos e do trabalho infantil, exploração de países subdesenvolvidos e espaços territoriais, de segmentos de mercado, recursos naturais, e de mão de obra disponível, seja promovendo a possibilidade de barateamento contínuo de custos, mediante tecnologia, terceirização, importação de meios de produção e bens de consumo. Tais processos criam a submissão (*Unterwerfung*) do trabalhador ao capital, dificultando a resistência e a luta da classe trabalhadora, com vistas à transformação social. Isso ocorre porque, de um lado, há um grupo que possui os produtos do trabalho: a matéria-prima, a terra, a maquinaria e os meios de vida e, de outro lado, os compradores que nada possuem, apenas sua força de trabalho vendida ao comprador.

A força de trabalho de um homem é a própria individualidade da vida. Por isso, seus braços laboriosos precisam ser usados para garantir sua subsistência pelo pão de cada dia, e com o advento de sua inevitável senilidade, esse homem precisa ser substituído, preferencialmente abrindo caminho para seus filhos o perpetuarem no mercado de trabalho, mantendo, assim, toda descendência dos trabalhadores. Esse resultado é visto, historicamente, segundo aquilo que Marx denominou de “expropriação originária”. Trata-se da separação entre o trabalhador e a individualidade daquele que trabalha; tal expropriação retira do trabalhador seus instrumentos de trabalho, transferindo-os para o detentor dos meios produtivos e, como consequência, o sistema capitalista se desenvolve a seu modo, indiferente ao homem singular.

força de trabalho)” (MARX, 2013, p. 80). Cabe salientar que mesmo que o termo não esteja presente nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, é basilar para a tessitura lógica desta dissertação.

Sendo assim, a luta da classe trabalhadora, na lógica capitalista, resume-se à compra e venda de sua força de trabalho. Mesmo que o homem não esteja mais na condição de escravo (propriedade de um senhor), seja livre por si mesmo e possuidor de vontade, não seja uma coisa, um objeto, e sim uma pessoa portadora de dignidade e personalidade inalienáveis, sua ida para o mercado de trabalho, sua transformação em mera força de produção a serviço de outro resulta da carência e não da vontade. Muitas vezes, essa troca do homem pelo trabalhador a serviço do capitalista serve para que o homem não seja sustentado pelo Estado³⁵. Como trabalhador, movido por carências, em busca de trabalho e objeto de trabalho, é vendido pelo próprio objeto. Na linha de produção, como sujeito de direito, lhe é garantido um salário, por uma jornada fixa de trabalho, mas assim que assina um contrato, passa a ser trabalhador, operário de fábrica, submetendo-se à única vontade válida: a do patrão.

Separado de todos os meios necessários para sua subsistência, além de vender sua força de trabalho, o trabalhador é expropriado de seu corpo, vontades, crenças, sentimentos, paixões, submetendo-se às exigências de seu patrão, pois deve trabalhar segundo metas, legislações, regras, normas, determinações impostas pelo patrão, mesmo que ele esteja exaurido de todas as suas energias. Ao apropriar-se do corpo e vontade do trabalhador, o patrão apropria-se de bens inalienáveis³⁶, fazendo com que, assim, aquele seja obrigado a cumprir o que foi acordado via contrato, muitas vezes, mesmo constringendo o trabalhador, por força da carência que oprime o homem individual, para além do que foi contratado. No contrato, o capitalista pode dispor do trabalho do trabalhador da forma como lhe convém. Sendo semelhante ao escravo cativo, considerado um bem, o trabalhador transforma-se em coisa, objeto, em meio à relação de compra e venda de sua força de trabalho. Tudo isso, para no final do mês apropriar-se de uma paga, que mal dá para sua subsistência.

Na lógica capitalista, a vontade humana nada mais é do que uma coisa, um bem patrimonial alienável, cambiável. Dessa forma, o mundo, as relações e os negócios são

³⁵ O sustento que menciono refere-se a condições de miséria, invalidez, idade...

³⁶ Marx (2010c, p. 48) utiliza-se da *Constituição de New Hampshire*, nos artigos 5 e 6, para justificar a Bauer sobre a liberdade de consciência do homem e cita: “[...] entre os direitos naturais, há alguns que, por natureza, são inalienáveis, porque não poderiam ser substituídos por nada que lhes seja equivalente. Entre eles estão os direitos de consciência”. Porém, conforme se observa no texto anterior, até a consciência, ainda que bem inalienável, passa a fazer parte do campo de poder e influência do capitalista.

direcionados pelo dinheiro, um ente primeiro do mercado, um novo deus que possui potência e é onipresente, incorruptível, imutável, indestrutível. Em suma, um ente absoluto que rege todo o processo e determina toda a vida humana. Quanto mais o homem aumenta sua necessidade por ele, mais pobre se torna como homem. Marx mostra como esse carecimento o torna hostil e estranhado diante dos outros homens, buscando igualar-se àquele ente tão desejado, em vez de fazê-lo em relação ao outro homem, almeja o dinheiro e para ele

[...] carece cada vez mais de *dinheiro* para se apoderar do ser hostil, e o poder do seu *dinheiro* cai precisamente na relação inversa da massa de produção, ou seja, cresce sua penúria (*Bedürftigkeit*) à medida que aumenta o poder do dinheiro. – A carência de dinheiro é, por isso, a verdadeira carência produzida pela economia nacional e a única carência que ela produz. – A *quantidade* de dinheiro se torna cada vez mais seu único atributo *poderoso*; assim como ele reduz todo o ser à sua abstração, reduz-se ele em seu próprio movimento a ser *quantitativo*. A *imoderação e o descordimento tornam-se sua verdadeira medida...* (MARX, 2010a, p. 139).

Assim determinado, e posto como uma religião com seus templos (bancos), seus porta-vozes (proprietários do dinheiro), é adorado; conferimos-lhe confiança, fazemos promessas (contratos) de cumprimento de prazos e submetemo-nos a punição (juros), caso não os cumpramos. Aquele que se põe na situação de não atendimento/cumprimento das determinações é excluído socialmente. Mesmo o empresário capitalista está constrangido, pela força do dinheiro, em sua administração e ampliação. Abalar o dinheiro é o mesmo que ameaçar o deus para o crente. A luta pelo dinheiro transforma o homem em mercadoria miserável; tudo “[...] parece girar em torno do dinheiro, pois o dinheiro é o começo e o fim dessa espécie de troca”, mostrando-se como se tivesse um fim em si mesmo, conforme indica Marx em nota de rodapé, ao discriminar entre a Crematística³⁷ e a Economia (MARX, 2013, p. 228).

³⁷ Crematística é a arte de fazer dinheiro; Marx, na nota de rodapé nº 6 (2013, p. 228), afirma que, “[...]assim como toda a arte não é um meio para atingir um fim, mas um fim em si mesmo, é ilimitada em seus esforços, pois busca sempre se aproximar, cada vez mais, de seu objetivo último, ao passo que as artes que buscam apenas a consecução de meios para um fim, não são ilimitadas, pois o próprio fim almejado impõe-lhes seus limites, assim também, para a crematística, não há qualquer limite a seu objetivo último, que é o enriquecimento absoluto. A economia, e não a crematística, tem um limite: [...] a primeira tem como finalidade algo distinto do dinheiro; a segunda visa o aumento deste último [...]”.

A sociedade capitalista gira em torno do dinheiro, do ganho de capital, da renda da terra³⁸ e da ampliação do lucro e do capital – o egoísmo e o interesse privado imperam. Marx (2010a, p. 139) afirma que, por meio do egoísmo, o homem coisifica-se e transforma-se em instrumento alheio ao seu produto, expropria o trabalhador daquilo que produziu e de seus direitos, submetendo-o às condições que o alienam e o estranham. Consequência inevitável disso é o trabalhador se afastar de seus parceiros de comunidade, pois, como membro da sociedade, está inferiorizado, limitado e anulado em sua autonomia, e, para sobreviver, une-se ao burguês pela “[...] necessidade natural, a carência e o interesse privado, a conservação de sua propriedade e de sua pessoa egoísta” (MARX, 2010c, p. 50). Abordar este conjunto de fatos faz com que entendamos o que trataremos adiante.

2.2.1 Salário

Marx, no livro *Trabalho Assalariado e Capital*³⁹ (1982), introduz apontamentos sobre o salário (*salaire*) que nos fazem compreender que o trabalhador, despossuído dos meios de produção, obriga-se a sobreviver de sua força de trabalho. Esta, como atividade vital e “manifestação de sua vida”, é transformada em mercadoria, negociada e vendida ao capitalista, por meio da assinatura de um contrato de trabalho⁴⁰. Ao final do mês, recebe pelo trabalho uma quantia em dinheiro, que lhe garante as mínimas condições de sobrevivência: o salário. Este “[...] é apenas um nome especial dado ao preço da força de trabalho, a que se costuma chamar preço do trabalho; é apenas o nome dado ao preço dessa mercadoria peculiar que só existe na carne e no sangue do homem” (MARX, 1982, p. 9). Outra aproximação de Marx (2010a, p. 30) ao tema aparece nos

³⁸ No terceiro *Manuscrito*, Marx (2010a, 148-149) pressupõe que a renda da terra, no futuro, seria derrubada, em razão do proprietário fundiário ser “[...] o único detentor de rendimentos (*Rentier*) totalmente improdutivo”. Quando os capitalistas dimensionaram os rendimentos para o uso abusivo do trabalho do outro, identificaram-no como essência da propriedade privada.

³⁹ O livro *Trabalho Assalariado e Capital* (1982) é resultado de conferências que Marx realizou sobre o assunto, no qual explica que o preço do salário era pensado como o preço de qualquer outra mercadoria e da concorrência, além de abordar a demanda e a oferta e como o custo da mercadoria é determinado pelo custo de produção, e a vida do trabalhador depende de como o mercado está.

⁴⁰ Observa-se que o homem como escravo não vendia sua força de trabalho, “[...] o escravo era vendido, com a sua força de trabalho”; já o servo “[...] só vende uma parte da sua força de trabalho”, mas mesmo assim o proprietário de terra recebe o tributo, por lhe pertencer a terra e assim deve-lhe rendimentos; o homem livre, por sua vez, vende a si próprio, por determinadas horas, a quem lhe pagar mais, aos possuidores de matéria-prima e dos meios de vida (MARX, 1982, p. 10).

Manuscrítos Econômico-Filosóficos: o salário “[...] é uma dedução que terra e capital permitem chegar ao trabalhador, uma concessão do produto do trabalho ao trabalhador, ao trabalho”, da mesma forma que a ação do trabalhador não se dirige ao produto, mas ao salário.

E a determinação do preço da mercadoria (força de trabalho do homem) como é realizada? Marx (1982, p. 13) afirma que: “[...] o salário do trabalho subirá consonante à relação de procura e fornecimento, consoante a forma que tomar a concorrência entre os compradores da força de trabalho, os capitalistas e os vendedores da força de trabalho, os operários”. A oscilação do preço do trabalho seria, pois, determinada pelos custos de produção, o que inclui o tempo destinado a esse fim; contudo, quando o trabalho não exige tempo de formação do trabalhador, o que lhe é exigido é somente a força física, e o preço do trabalho “[...] será portanto determinado pelo preço dos meios de existência necessários”, ou, como no dito popular, ‘dando para sobreviver, é o que basta’.

O dinheiro utilizado pelo capitalista, para pagar o empregado, vem da reserva que possui e que continuamente é aumentada. Marx ressalta que o salário é a sua quota-parte da mercadoria já existente. Mesmo desejando o trabalhador e sua força de trabalho, e pagando-lhe um salário que dê para sua sobrevivência e de sua família, o trabalhador tem importância para o capitalista, porque sua força de trabalho “[...] é uma força criadora de valor” (MARX, 1982, p. 6), mas também nada além disso, somente enquanto fonte de produção, onde as máquinas não podem alcançar.

Assim, o salário “[...] é determinado mediante o confronto hostil entre capitalista e trabalhador” (MARX, 2010a, p. 23), em que ao trabalhador cabe a derrota, ao contrário, “[...] o capitalista pode viver mais tempo sem o trabalhador do que este sem aquele” (MARX, 2010a, p. 23). Nesta lógica, identifica-se o caráter antagônico das duas classes.

Adam Smith, em *A Riquezas das Nações*, no capítulo VIII “Os salários do trabalho”, aborda o trabalho do homem encarado como mercadoria; o salário aí entraria como instrumento de mera subsistência. O aumento do salário depende do aumento da riqueza nacional, ou seja,

[...] o homem sempre precisa viver de seu trabalho e seu salário deve ser suficiente, no mínimo, para a sua manutenção. Esses salários devem até constituir-se em algo mais, na maioria das vezes; de outra

forma seria impossível para ele sustentar uma família e os trabalhadores não poderiam ir além da primeira geração (SMITH, 1996, p. 120).

Esse algo a mais que os economicistas abordam é consumido pelo aumento do “juro do capital”; esse peso atua “[...] sobre o preço das mercadorias como juro simples e composto” (MARX, 2010a, p. 28). Faz sentido que mesmo Smith, expressando o termo “homem”, fale dele enquanto trabalhador. Sua abordagem não deseja que haja o homem como ser humano, “[...] mas como trabalhador, não para continuar reproduzindo sua humanidade, mas sim a classe de escravos que é a dos trabalhadores”. Assim, o trabalhador vende a si próprio e sua humanidade para permanecer enquanto trabalhador, detentor de sua propriedade ativa.

Rebaixado à condição de mercadoria, ao trabalhador resta a busca por sua sobrevivência, para que a “raça de trabalhadores não se extinga”. Essa busca por sobrevivência dependerá de um capitalista “[...] que se interesse por ele. E a procura pela vida do trabalhador depende do capricho do rico e capitalista” (MARX, 2010a, p. 24), que submeterá o trabalhador (*ouvrier*) “[...] à fome, ou o obrigará a sujeitar-se a todas as exigências” (MARX, 2010a, p. 24). Naturalmente, como o mercado flutua conforme a oferta de força de trabalho seja maior que a procura, haverá concorrência entre os trabalhadores pelo trabalho, podendo o capitalista diminuir o valor do salário. Para Marx, o homem torna-se cada vez mais dependente do trabalho⁴¹,

[...] e de um trabalho determinado, muito unilateral, maquinal. Assim como é, portanto, corpórea e espiritualmente reduzido à máquina – e de um homem [é reduzido] a uma atividade abstrata e a uma barriga –, assim também se torna cada vez mais dependente de toda as flutuações do preço de mercado do emprego dos capitais e do capricho do rico (MARX, 2010a, p. 26).

O sofrimento e as desvantagens pelos quais o trabalhador passa, são vividos em sua existência; o capitalista vive, porém seu ganho é de “Mamon - morto” (MARX, 2010a, p. 25). Se as vendas aumentam, quem ganha é o capitalista, já o trabalhador

⁴¹ Principalmente com a divisão do trabalho que aumenta o número dos trabalhadores e o capital do capitalista, pois se tem cada vez mais especialistas desempenhando pequenas atividades, no menor tempo possível, o trabalhador sabe cada vez menos sobre o todo que desenvolve, contribuindo para o capitalista e criando dependência do capital (Cf. MARX, 2010a, p. 26). Marx (2010a, p. 29) também afirma que esta mesma divisão do trabalho “[...] eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até [a condição de] máquina [...]. Mantém o trabalhador sempre mais dependente do capitalista, leva-o a maior concorrência, impele-o à caça da sobreprodução, que é seguida por uma correspondente queda da intensidade”.

continuará sofrendo⁴²; se o trabalhador quiser ganhar mais, torna-se servo do capital e de sua lógica: “[...] tanto mais [terá] que sacrificar o seu tempo e executar trabalho de escravos, desfazendo-se (*sich entäussernd*) de toda a liberdade a serviço da avareza” (MARX, 2010a, p. 26). Marx denomina esse fenômeno de sobretrabalho. Este pode ocasionar “morte prematura”, não é necessariamente prejudicial ao mercado, pois a saída de um trabalhador pode rearranjar a oferta de novos candidatos para “[...] descerem à condição de máquina” (MARX, 2010a, p. 27).

O homem, para sobreviver, “[...] nunca se contrapõe ao interesse da sociedade”. Já a sociedade – tutelada pelo interesse privado –, além de se contrapor a qualquer grupo ou indivíduo, desconsidera as necessidades do trabalhador e todos os impulsos internos de energia que direcionam o comportamento do indivíduo, ao considerá-lo “[...] apenas como animal de trabalho, como uma besta reduzida às mais estritas necessidades corporais” (MARX, 2010a, p. 31). Os capitalistas investem em forças motrizes e maquinarias que contribuem para a ampliação da produção, tomam o espaço que antes era desenvolvido por cem a trezentos e cinquenta homens e o substituem por um único homem, e mesmo assim resulta em uma produção maior, com lucros maiores para o capitalista, e um volume maior de trabalhadores à sua mercê, realizando uma ação desprovida de sentido – trabalhando como escravos/máquinas (Cf. SCHULZ, 1843 apud MARX, 2010a, p. 31-32).

Dependentes do capitalista, forçados a vender sua força de trabalho pelo parco salário, precisam sobreviver “[...] através de [um] trabalho fatigante, corporalmente arruinante, moral e espiritualmente atrofiante” (SCHULZ, 1843 apud MARX, 2010a, p. 33), mas que precisa ser exercido para que o salário recebido seja trocado por alimento. Marx cita como o preço dessa mercadoria – a força de trabalho –, pode sofrer alterações quando

[...] a economia nacional considera o trabalho abstratamente como uma coisa; o trabalho é uma mercadoria; se o preço é alto, a mercadoria é muito procurada; se é baixo, [a mercadoria] é muito oferecida; como mercadoria, o trabalho deve baixar cada vez mais o preço, o que força a isso é em parte a concorrência entre capitalista e

⁴² Marx (2010a, p. 28) expõe esse sofrimento do trabalhador: “[...] na sociedade em situação regressiva (*abnehmend*), miséria progressiva do trabalhador; na [sociedade] em situação progressiva, miséria complicada; na [sociedade] em situação plena, miséria estacionária”. Em todas as condições, o homem e trabalhador sofrerá e arcará com penas, para que o capitalista esteja feliz.

trabalhador, em parte a concorrência entre trabalhadores (MARX, 2010a, p. 35-36).

Para o capitalista, o foco é a obtenção e acumulação de riquezas e sua felicidade. Assim o homem, portador de uma mercadoria com “[...] as mais infelizes propriedades” (MARX, 2010a, p. 37), é resultado de um regime econômico de mercado livre. Marx (2010a, p. 141) denomina a economia nacional de uma “[...] ciência do renunciar, da indigência, da *poupança* e ela chega efetivamente a poupar ao homem a *carência* de *ar* puro ou de *movimento* físico”. Nessas condições, os homens que se submetem a esse sistema a duras penas, para fugir da fome e sustentar sua família, não são vistos e reconhecidos por seus superiores, pois o que os capitalistas veem é o lucro; os trabalhadores são considerados somente como instrumentos de produção, forçados a cumprirem metas cada vez mais inatingíveis, sem o mínimo de gastos, sem segurança de permanecerem no trabalho e recebendo um salário com o qual pouco ou nada podem fazer. Marx (2010a, p. 37-38) cita Buret (1840) para representar como o trabalhador é visto, tratado e descartado pelo capitalista, neste mercado de concorrência entre capitais, nele

[...] a guerra industrial, para ser conduzida com efeito, exige numerosos exércitos que ela possa juntar no mesmo ponto e dizimar abundantemente. E nem por dedicação, nem por dever, os soldados desse exército suportam os esforços que lhe são exigidos: só para fugir da dura necessidade da fome. Eles não têm afeto nem reconhecimento pelos seus chefes; estes não se ligam aos seus subordinados por nenhum sentimento de benevolência; eles não o conhecem como seres humanos, mas apenas como instrumentos de produção, os quais têm de render tanto quanto possível e fazer tão poucas despesas quanto possível. Estas multidões de trabalhadores, cada vez mais pressionadas, não têm nem mesmo a despreocupação de estarem para sempre empregadas. A indústria, que os convocou a todos, somente os deixa viver enquanto precisa deles, e assim que pode libertar-se deles, ela os abandona sem a mínima hesitação; e os trabalhadores são forçados a ofertar a sua pessoa e a sua força pelo preço que se lhes quiser atribuir. Quanto mais o trabalho que se lhes dá é longo, penoso, repugnante, tanto menos eles são pagos; veem-se alguns que, com 16 horas de trabalho por dia, sob esforço contínuo, mal compram o direito de não morrer (MARX, 2010a, p. 37-38).

Mesmo assim, George Reisman, autor de *Capitalism: a treatise on economics*⁴³ (1996), defende que os trabalhadores são “auxiliares” na realização do objetivo final⁴⁴, e

⁴³ George Reisman disponibiliza o livro: *Capitalism: a treatise on economics*, no qual aprofunda sua defesa, no link: <http://www.capitalism.net/Capitalism/CAPITALISM_Internet.pdf>.

o lucro para o capitalista é resultado de seu trabalho intelectual, de seu planejamento e tomada de decisões. Mesmo reconhecendo a utilização da mão de obra de terceiros, eles realizam a produção. Justifica, assim, que se os capitalistas não existissem, voltaria a circulação simples⁴⁵ (M-D-M), isto é, sem ter em que gastar seu dinheiro, os trabalhadores produziram mais materiais, trocariam por dinheiro, que, por sua vez, usariam para comprar mais materiais. O autor ainda afirma que com a economia capitalista, maiores serão os salários e os custos e menores serão as receitas, os lucros. Ressalta, ainda, a importância do capitalista estar concentrado na compra, produção, oferta e aumento de bens de capital, pois com isso aumentará a produtividade da mão de obra e, segundo ele, os preços cairão em relação aos salários, que continuarão aumentando à medida que for aumentando a produtividade. Desse modo, Reisman (2013) justifica os salários como um custo de produção dedutível das receitas:

[...] Portanto, no que concerne à relação entre capitalistas e assalariados, a verdade é exatamente o inverso daquilo que é alegado pela teoria da exploração. Os capitalistas não deduzem seus lucros dos salários dos trabalhadores; os capitalistas são os responsáveis pelo surgimento dos salários. Sendo um custo de produção, os salários são deduzidos das receitas, as quais, na ausência de capitalistas, representariam o lucro total. Logo, pode-se dizer que os capitalistas são os responsáveis pelo aumento dos salários em relação aos lucros e pela redução dos lucros em relação aos salários. Ao mesmo tempo, por meio do aumento na produção e na oferta de produtos, o que leva à redução de seus preços, os capitalistas aumentam o poder de compra dos salários que eles pagam. Isto não é nenhuma exploração dos trabalhadores assalariados. É, isto sim, a maciça e progressiva melhoria de seu bem-estar econômico (REISMAN, 2013).

Esse bem-estar econômico, de que o autor fala, pode, no entanto, ser compreendido como bem-estar do capitalista, por meio da exploração do trabalhador (sobretalho), obtendo mais lucros e também juros. A opressão sofrida pelo trabalhador, no contexto do sistema capitalista, visa o aumento da propriedade privada, mediante a produção de riquezas, e são os proprietários que mantêm o trabalhador

⁴⁴ George Reisman explica o termo “auxiliares”, utilizando o exemplo de que não foram os marujos que descobriram a América, eles apenas seguiram os planos de Colombo, com isso, mostra a dependência dos marujos a quem os direcionou para a obtenção final daquele resultado e sua incapacidade de encontrarem o caminho, da mesma maneira, utiliza outros nomes como: Henry Ford, John D. Rockefeller, Bill Gates, no qual defende que sem seu direcionamento, os trabalhadores não teriam os mesmos resultados (semelhando aos marujos).

⁴⁵ Em *O Capital*, Marx (2013, p. 225) considera que “a circulação simples de mercadorias começa com a venda e termina com a compra, ao passo que a circulação do dinheiro como capital começa com a compra e termina com a venda. Na primeira [(M-D-M)], o ponto de partida e de chegada do movimento é a mercadoria; na segunda [(D-M-D)], é o dinheiro. Na primeira forma, o que medeia o curso inteiro de circulação é o dinheiro, na segunda, é a mercadoria”.

alijado e alienado dos resultados do seu trabalho, de como produzir e para quem será essa produção. Para o capitalista, a impossibilidade de o homem desenvolver plenamente suas possibilidades e potencialidades é rentável; ela é, efetivamente, rentável ao sistema, útil à manutenção da propriedade privada e do capital, pois quanto mais desumanizado o trabalhador se torna, mais se aproxima da condição de máquina produtora.

O homem, ao vender-se por um salário, produz mercadorias e produz a si próprio como ser humano espiritual e fisicamente desumanizado. Esta forma de atividade desenvolvida é estranha a si mesmo, aos homens e à realização da vida. Nestas circunstâncias, as relações são objetivadas e dissociadas da mercadoria produzida, cuja continuidade contribuirá para a perpetuação da condição de pobreza, uma vez que quanto mais o trabalhador produzir, vivendo menos, mais o capitalista aumentará seu ganho e se apropriará dos bens produzidos. O capitalista objetiva o ter coisas, aparentar algo que não é, e busca sanar necessidades subjetivas, que estão cada vez mais se renovando, se reinventando – gerando novas necessidades de aquisição e criação⁴⁶.

2.2.2 *Ganho de capital*

Se para o trabalhador é devida uma parte que garante apenas sua sobrevivência, para onde vai o capital e o resultado do trabalho do homem? Nesta perspectiva, é que Marx passa a analisar a remuneração do capital, sua origem e destino. O autor inicia com um questionamento que contribui para a compreensão do processo social, ou seja, “[...] em que se baseia o *capital*, isto é, a propriedade dos produtos do trabalho alheio?” (MARX, 2010a, p. 39). Ele⁴⁷ salienta que se o capital não se objetiva no roubo ou pela fraude, utiliza-se para isso da legislação, por exemplo, na sacramentação da herança que perpetua uma classe de proprietários. (Cf. MARX, 2010a, p. 39-40).

⁴⁶ É nesse sentido que Marx (2010a, p. 139) sublinha que o homem inserido na perspectiva da propriedade privada “especula sobre como criar no outro uma *nova* carência, a fim de forçá-lo a um novo sacrifício, colocá-lo em nova sujeição e induzi-lo a um novo modo de *fruição* e, por isso, de ruína econômica”.

⁴⁷ Neste caso, Marx utiliza-se dos autores que contribuem para a discussão, como Jean-Baptiste Say e Adam Smith.

Então, Marx (2010a, p. 40) referencia a correlação entre o capital e o trabalho. O capital, sendo o poder de governo, determina que o trabalho seja armazenado e acumulado pela exploração:

[...] O capital é, portanto, o *poder de governo (Regierungsgewalt)* sobre o trabalho e os seus produtos. O capitalista possui esse poder, não por causa de suas qualidades pessoais ou humanas, mas na medida em que ele é *proprietário* do capital. O poder *de comprar (kaufende Gewalt)* do seu capital, a que nada pode se opor, é o seu poder.

[...]

O que é o capital?

Uma certa quantidade de *trabalho armazenado* e posto de reserva (Smith, t. II, p. 312).

Capital é *trabalho armazenado* (MARX, 2010a, p. 40).

Desse poder de governo sobre o trabalho resulta o capital. Fruto de um trabalho morto, acumulado e do qual o capitalista retira sua remuneração, que não é investimento individual, produto de seu trabalho vivo⁴⁸. Esse ganho (lucro) do capital é diferente do salário, pois foi resultado do trabalho de um outro, trabalho este subordinado ao lucro. Para além disso, são ainda exigidos, pelo capitalista, lucros proporcionais ao seu capital, mesmo que seus esforços não sejam, nem de longe, equivalentes aos do trabalhador. Uma parte do capital é reinvestida para que o crescimento do capitalista continue. Com isso, Marx afirma que a burguesia continua no comando, mantém o trabalho assalariado e contribui para o crescimento do capital produtivo, ao conceituar o capital como o

[...] crescimento do poder do trabalho acumulado sobre o trabalho vivo. Crescimento do domínio da burguesia sobre a classe que trabalha. Se o trabalho assalariado produz a riqueza alheia que o domina, o poder que lhe é hostil, o capital, para o primeiro retornam os meios de ocupação, isto é, de subsistência do mesmo, sobre a condição de que ele se faça de novo uma parte do capital, a alavanca que de novo lança este mesmo num movimento acelerado de crescimento (MARX, 1982, p. 17).

⁴⁸ Ranieri (2001, p. 33), nesta perspectiva, afirma que : “[...] o trabalho assalariado é trabalho vivo gerador de capital, que por sua vez é trabalho passado que contrapõe ao trabalho vivo – como o capital é trabalho acumulado, o exercício de seu predomínio ocorre sobre o trabalho e seus produtos, ou seja, opõe-se ao próprio trabalho. Capital e trabalho se opõem, mas não podem existir sem a presença do seu oposto, dado que o capital produz o trabalho e o trabalhador, o capital”. Assim, o capital é sinônimo de trabalho morto, acumulado, estranhado e que aumenta na medida em que o trabalhador, para sobreviver, iguala-se a uma mercadoria.

Diferentemente do capitalista, mas servindo à sua lógica, surge a figura do gestor. Ainda que com os mesmos interesses (dinheiro) do trabalhador, a esse é atribuída uma função de gestão, sendo um trabalhador qualificado sua função técnica é a de administração do processo produtivo, importante nos empreendimentos capitalistas; seu salário não é equivalente à sua responsabilidade, a ele lhe é dada a falsa percepção de estar entre os donos da empresa. Há a “confiança” que nele se deposita, o ego inflado de estar em diferente posição de seus iguais – assalariados que desempenham outras funções. O que o diferencia? Nada, pois continua sendo assalariado, dependendo do salário e do crescimento do capital do patrão para que continue empregado. Se o capital cresce, cresce também o trabalho assalariado e a dependência do trabalhador ao capital; se tiver sorte, aumenta o preço do trabalho. Nesta perspectiva, Marx (1982, p. 17) salienta que “[...] o domínio do capital estende-se sobre uma massa maior de indivíduos”, por meio da abertura de novas vagas.

No que tange ao aumento do preço do trabalho, pode-se inferir que a diferença salarial entre os trabalhadores também cresce, o que causa maior índice de insatisfação. O conjunto dos trabalhadores se vê oprimido em sua subjetividade; não possui o mesmo poder aquisitivo dos demais, causado pelo aumento do crescimento do capital produtivo que “[...] provoca crescimento igualmente rápido da riqueza, do luxo, das necessidades sociais e dos prazeres sociais” (MARX, 1982, p. 17). Mesmo que os prazeres do operário tenham subido, a satisfação social é inferior e diferente do prazer que o capitalista possui, e o autor salienta ainda que as “[...] nossas necessidades e prazeres derivam da sociedade”, ou seja, se a sociedade vai mal, não há como o trabalhador enganar-se diante de um salário corrompido e que mascara uma realidade ilusória.

Quem ganha sempre, nesse processo, é o capitalista. Sua ambição e metas de lucro imediato, de aumentar seu ganho, fazem-no aumentar a busca por matérias-primas com o menor custo de obtenção, aumentar o volume de empregos, buscar territórios e mercados com pouca concorrência ou com novos ramos, diversificar o comércio e utilizar-se dos preços mais altos possíveis. Assim, quanto maior o investimento por parte dos capitalistas em mercadorias manufaturadas, maiores são os lucros (Cf. MARX, 2010a, p. 42-44).

Na mesma medida, quanto mais pobre for a sociedade, maior a degradação do homem e mais o capitalista obtém lucro. O progresso por ele defendido, com

investimentos na sociedade, é na verdade a exploração do trabalho humano⁴⁹ sobre o produto natural e a mercadoria, que se traduzirá em maior “[...] ganho do capital morto” (MARX, 2010a, p. 45). Esse progresso que o “[...] trabalho humano realiza sobre o produto natural (e que constitui o produto natural elaborado), não eleva o salário, mas, em parte, aumenta o número de capitais passíveis de ganho, e a proporção de cada capital subsequente ao anterior” (MARX, 2010a, p. 45). Então, mesmo que a vida do operário melhore, incomparavelmente, mais depressa sobe o lucro do capital às custas da situação degradante da sociedade.

2.2.3 Dominação e acumulação de capital sobre o trabalho, os motivos e a concorrência dos capitalistas

A dominação do capital objetiva acumulação e gera competição entre os capitalistas. Além de derrubar a concorrência e tornar-se único na área, o lucro privado é a razão e a meta pelas quais o capitalista gera empregos. Não lhe interessa calcular o trabalho produtivo⁵⁰ que é posto em atividade, ao invés disso parte de um olhar racional que não necessariamente produz benefícios sociais, no entanto, é aquele que rende ao capitalista maior ganho, lucro, e com maior segurança. Quem domina o capital, regula e determina como será realizado o trabalho, visando sempre a ampliação no “[...] mercado e limitar a concorrência dos vendedores... Esta é uma classe de gente, cujo interesse jamais será exatamente o mesmo que o da sociedade, [de gente] pois seu interesse em geral consiste em enganar e sobrecarregar o público” (SMITH, citado por MARX, 2010a, p. 47).

O capitalista busca a limitação da concorrência, pois com ela seu ganho diminui. Os trabalhadores assalariados acreditam ser vantajoso encontrar mercadorias vendidas a

⁴⁹ Conforme apontado por Marx (2010a, p. 155), para os economistas (neste caso, Starbek e Mill) “[...] a atividade *humana* reduz-se, para eles, a um movimento mecânico; divisão do trabalho e aplicação de máquinas promovem a riqueza da produção. Tem de entregar-se a cada homem uma esfera tão pequena quanto possível de operações. Por seu lado, a divisão do trabalho e a aplicação de máquinas condicionam a produção da riqueza em massa, portanto do produto. Este o fundamento das grandes manufaturas”.

⁵⁰ Por trabalho produtivo entende-se aquele que produz além do valor necessário, a reprodução da força de trabalho, tanto na produção como na circulação da mercadoria, produzindo também mais-valia absoluta, relativa, isto é, o valor excedente que origina lucros dos diferentes capitais e investimentos realizados (alugueis, juros...), pela superexploração do trabalho assalariado e não assalariado.

preços menores, porém, para Marx, os capitalistas, para conseguirem tais preços, utilizam matérias-primas baratas e malfeitas (*Machwerk*), o que pode representar a deterioração dos produtos, tirando o máximo dos compradores. Mesmo com a concorrência, os capitalistas unem-se⁵¹ e elevam de forma semelhante o preço das mercadorias. Marx argumenta que também representa:

[...] a acumulação, que sob a dominação da propriedade privada é concentração do capital em poucas mãos, é geralmente uma consequência necessária quando os capitais são abandonados ao seu curso natural, e através da concorrência abre-se verdadeiramente caminho livre a esta determinação natural do capital (MARX, 2010a, p. 48).

Abandonar o capital ao seu curso natural? Natural para quem? Abandonar em que perspectiva? Logicamente, para o padrão capitalista que faz do trabalho morto o sujeito da produção e o trabalhador, verdadeiro sujeito, um mero complemento. Marx (1982, p. 20) afirma que: “[...] quanto mais gordo o capital, melhor cevado será o seu escravo”, mais dependente será do salário e sujeito às condições determinadas pelo capitalista. Mesmo que para o capitalista, para que haja mais procura de trabalho, se torne necessário destinar uma maior quantidade de fundos, e para isso os ganhos sejam reduzidos e os salários subam. Então, Marx explica que para o capitalista,

[...] poder vender mais barato sem se arruinar tem que produzir mais barato, isto é, aumentar tanto quanto possível a força de produção do trabalho. Mas a força de produção do trabalho é sobretudo aumentada por meio dum maior divisão do trabalho, por meio dum introdução generalizada e dum aperfeiçoamento constante da maquinaria. Quanto maior é o exército de operários entre os quais o trabalho se divide, quanto mais gigantesca a escala em que se introduz a maquinaria, tanto mais diminuem proporcionalmente os custos de produção, tanto mais frutuoso se torna o trabalho. Nasce daqui uma competição generalizada entre os capitalistas para aumentarem a divisão do trabalho e a maquinaria e as explorarem à maior escala possível (MARX, 1982, p. 21).

Esse aumento da força de produção de trabalho faz com que o trabalhador se torne refém da estrutura que o domina. Para manter-se vivo, submete-se ao salário que o

⁵¹ Essa união dos capitalistas, aqui tratada, é o chamado cartel, mediante o qual eles elevam os preços dos bens produzidos, limitam a produção e funcionam como uma única empresa, como um monopólio; utilizam-se da fixação de preços, da divisão do mercado e da divisão de cotas para as empresas participantes. Essa forma de atuação é proibida nos países em que vigora a economia de mercado (Cf. TEIXEIRA, 2009).

capitalista deseja pagar, fruto da divisão do trabalho⁵²; seu trabalho é reduzido e simplificado, limitando-se a pequenos movimentos que, como resultado, o capacita a realizar o trabalho de mais homens. Com o aumento da produção de um trabalhador, inicia-se entre os demais uma concorrência, ao distanciar os funcionários do aumento de sua produção, e por vezes ocorre a própria venda de seu trabalho a preços mais baixos. Com a alta produção, poucos salários, sobretrabalho, insegurança, desumanização, e pela simplificação do trabalho,

[...] a habilidade especial do operário torna-se sem valor. Ele é transformado numa força produtiva simples, monótona, que não tem de pôr em jogo energias físicas nem intelectuais. O seu trabalho torna-se trabalho acessível a todos. Por isso, de todos os lados o acoçam concorrentes, e além disso lembramos que quanto mais simples, mais fácil de aprender é o trabalho, quanto menos custos de produção são precisos para se apropriar do mesmo, tanto mais baixo desce o salário, pois tal como o preço de todas as outras mercadorias ele é determinado pelos custos de produção (MARX, 1982, p. 23).

Assim, para obter mais lucros, os capitalistas investem na melhoria, modificação e transformação, tanto do modo como dos meios de produção, utilizam-se das capacidades intelectuais e habilidades técnicas para melhorar a maquinaria e sua aplicação no trabalho em grande escala, para produzir mais, barateando os produtos, na diversificação e combinação de forças produtivas - indústria e comércio, associando forças humanas e naturais (chamada por Marx de sobreprodução), tendo em vista a criação de necessidades, fantasias e satisfação destas necessidades pelos produtos produzidos, nem sempre acessíveis aos trabalhadores (Cf. MARX, 2010a, p. 53-55). Marx ainda complementa que o homem para o capitalista é “[...] uma máquina de consumir e produzir; a vida humana, um capital e as leis econômicas regem cegamente o mundo. [...] Os homens são nada, o produto tudo” (MARX, 2010a, p. 56). O que importa é o lucro auferido, e não se é produzido por dez ou mil homens, na medida em que as riquezas produzidas pelos trabalhadores são privadas e não lhes pertencem, porém o capital não vive/sobrevive sozinho, depende do trabalho gerado pelo trabalhador.

⁵² Marx (2010a, p. 149) define a divisão do trabalho como sendo a “ [...] expressão nacional-econômica da sociabilidade (*Gesellschaftlichkeit*) do trabalho no interior do estranhamento, [...] o assentar (*Setzen*) exteriorizado, estranhado, da atividade humana como uma *atividade genérica real* ou enquanto *atividade do homem como ser genérico*”. No parágrafo seguinte do *Manuscrito*, afirma ainda que a essência da divisão do trabalho é o próprio trabalho, “[...] esta figura estranhada e exteriorizada da atividade humana enquanto atividade genérica”.

Enquanto o homem continuar alienado e estranhado, permanecerá refém do capitalista. Essa permanência de seu estado de alienação e estranhamento será abordada no capítulo seguinte, com base na fundamentação teórica de Marx, para que o homem possa distanciar-se do homem-máquina para aproximar-se do próprio homem e de sua humanidade.

CAPÍTULO 2

3. ALIENAÇÃO E ESTRANHAMENTO: CONCEITOS CONCÊNTRICOS QUE MOLDAM, PELO TRABALHO, A ESSÊNCIA HUMANA

Sabe-se que o trabalho é o fator relacional entre o homem e a natureza. O trabalho, como expressão e fator constituinte da vida humana, modifica a relação do homem com a natureza e, por meio dela, modifica a si mesmo. Ao mesmo tempo que o conhecimento desenvolvido pelo homem, no âmbito da técnica, constrói máquinas, socialmente rompe com a subjetividade do homem, por meio de uma ação que apenas se realiza no consumo. Inserido em um mundo irreal e egoísta, como ser passivo e comandado pelo capital, ele ruma na direção da execução do processo de trabalho, no qual à medida que aumenta “[...] a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta [a] desvalorização do mundo dos homens”, e quanto maior for o valor dos objetos por ele produzidos, maior será sua desvalorização (MARX, 2008, p. 80).

Com a inserção dos utensílios de produção para o maquinário acionado por energia artificial, o trabalhador submete, efetivamente, seu trabalho ao comando do capitalista e, pelo avanço científico, submetido à máquina e transformado em mero acionador de botões, mediante a passagem do princípio subjetivo de realização da atividade do trabalho humano para um princípio objetivo. Neste, o produto não possui relação direta com seu produtor, é desvinculado, o constrange, se opõe, o domina, é independente e gera a insatisfação do homem pela submissão desse trabalho ao maquinário e ao processo capitalista. Neste contexto, sua sobrevivência dependerá de sua mansidão no nível físico e espiritual e de como suportará o tempo à máquina, imposto pelo capitalista.

O trabalho que era para ser um instrumento de realização e emancipação, converteu-se em uma escravidão moderna consentida, com base no aceite contratual. O homem transforma sua força de trabalho em mercadoria, miserável mercadoria que para o trabalhador, além de render-lhe miséria física (pois o que recebe não é o bastante para que viva dignamente), ocasiona a mortificação de sua essência humana⁵³ e a

⁵³ Ranieri (2001, p. 48) salienta que “[...] a essência humana, para Marx, é característica fundamental do homem liberto do estranhamento do trabalho e sua efetivação vincula-se à descoberta tanto deste estranhamento, como das possibilidades da sua superação, possibilidades que, em si mesmas, alçam os

transformação do produto de seu trabalho em algo hostil a ele. Como Marx (2010a, p. 79, grifos do autor) afirma, sob os “[...] pressupostos da economia nacional [...] as únicas rodas que os economistas nacionais põem em movimento são a *ganância* e a *guerra entre os gananciosos, a concorrência*”. Além disso, esta desvalorização e desumanização do homem leva a uma condição de alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*), ligada intimamente à “[...] propriedade privada, à ganância, à separação de trabalho, ao capital e à propriedade da terra, à troca e concorrência, ao valor e desvalorização do homem, ao monopólio e concorrência etc., de todo este estranhamento (*Entfremdung*) com o sistema do *dinheiro*” (MARX, 2010a, p. 80).

Dessa forma, por intermédio da propriedade privada, o trabalho morto revela-se dominante sob o trabalho vivo. O resultado não pertence mais ao homem e o processo de alienação (*Entäusserung*) se consolida na objetivação do trabalho pela relação com o mundo externo sensível (natureza), que fornece os meios de existência dos objetos e sua sobrevivência, em virtude da exteriorização das potencialidades humanas. Contudo, o homem vê-se como um ser diferente de si próprio. Ao passo que o homem, subjugado a um mundo que ele próprio criou, objetiva-se – sai dele – no produto e tem início a submissão do homem ao estranhamento (*Entfremdung*), em que as objetivações não são pertencentes a ele, mas voltam-se contra ele, mediadas por relações sociais capitalistas. Essa divisão que foi se consolidando historicamente, por meio da divisão do trabalho intelectual e manual, constituiu o início da divisão social, da consciência, da experiência e dos condicionantes: Alienação (*Entäusserung*) e Estranhamento (*Entfremdung*).

Para além de uma mera diferenciação, os dois termos, alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*) possuem uma unidade conceitual, de um pelo outro, que se combina em algumas partes e intrinsecamente possuem vínculo, no que se refere às situações humanas de “[...] *separação* e de *transpassagem* de um estado a outro” e de “[...] *não-reconhecimento de si mesmo*” em situações históricas específicas (RANIERI, 2001, p.9). Assim sendo, há uma unidade conceitual entre os termos: no *Entäusserung* ocorre a saída de um determinado estado e no *Entfremdung* a entrada em outro estado,

homens à perspectiva de uma individualidade plena no interior de uma universalidade articulada, genérica, mas que não podem ser compreendidas como emancipação humana sem a concorrência da superação da diferença nuclear entre capital e trabalho”.

“[...] em decorrência do caráter de alcance, chegada ou atribuição da referida situação” (RANIERI, 2001, p.10).

Esse mesmo trabalho que gera realização, liberdade, criatividade e emancipação, para uns, constitui-se em “[...] desefetivação (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, [e] a apropriação como estranhamento (*Entfremdung*), como alienação (*Entäusserung*)” (MARX, 2010a, p. 80). Assim, a alienação (*Entäusserung*) está ligada às condições ontológicas do homem, e o estranhamento (*Entfremdung*) está ligado à existência da propriedade privada. O homem, quando determinado pelas condições da propriedade privada, objetiva-se nas mercadorias produzidas em seu trabalho, e com isso perde sua essência, uma vez que intenciona aos interesses do capital e ao atendimento das carências imediatas.

Para Marx (2010a, p. 80), no modo capitalista de produção, “[...] o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria”. Evidencia-se o mundo das coisas e perde-se o homem, num processo de alienação e estranhamento, à medida que afasta o trabalhador do produto do seu trabalho, de sua própria atividade, do seu ser genérico e na relação com outros homens.

3.1 Distinção entre Alienação (*Entäusserung*) e Estranhamento (*Entfremdung*)

Em Marx, emerge um conceito diverso, mas que se combina em algumas partes, com os termos alienação (*Entäusserung* ou exteriorização, extrusão) e estranhamento (*Entfremdung*). São elementos que estão imbricados um no outro, pois a partir do momento em que o trabalhador está sob o domínio da economia nacional – marcada pela ganância, lucro e concorrência –, para sobreviver, precisa vender-se como mercadoria e produzir para o capitalista. O resultado da produção, o produto, conforme Marx (2010a, p. 82) considera, é “[...] sim, somente o resumo (*Resumé*) da atividade, da produção [...]. No estranhamento do objeto do trabalho, o estranhamento resume-se somente à exteriorização na atividade do trabalho mesmo”. Cabe, portanto, antes de discorrer sobre os condicionantes que afastam o homem de sua verdadeira essência,

realizar distinção entre os termos alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*), para, num segundo momento, discorrer sobre esses condicionantes que afastam o homem do produto do seu trabalho, de sua própria atividade, do seu ser genérico e na relação com outros homens.

3.1.1 Alienação (*Entäusserung*)

Na obra de Marx, a alienação não atinge somente o trabalhador, mas todo o sistema. No homem apresenta-se como uma consciência confusa da expropriação do produto de seu trabalho, voltada para a sua atividade, para o que é objetivado, e mostra-o como um ser diferente de si e como um dever ser que volta a si. O trabalhador transformado em mercadoria, pelas exteriorizações históricas do ser humano, deve lutar por um espaço para trabalhar, e os burgueses competir uns com os outros. Além do mais, estar inserido num sistema capitalista, faz com que o modo de agir dos seus participantes seja determinado pela posição que ocupam, subjugados por formas coercitivas, em que o capitalista sairá do mercado, se não explorar, e o trabalhador explorado, se não aceitar sê-lo, será despedido. Desta feita, aquele investe na tecnologia para potencializar a produção e excluir o aspecto humano.

A alienação, assim, está presente em todos os contextos sociais e separa o indivíduo do produto do seu trabalho, de sua própria atividade, de seu ser genérico e o homem na relação com os outros homens – é expropriado, impondo a sua inserção em um modelo vigente caracterizado pela competitividade, consumo e lucro – de forma coercitiva. Esses resultados incidem na existência humana e a história mostra como o homem objetivou materialmente e subjetivamente as auto-objetivações. O homem, nesse processo, é um mero instrumento para se chegar a um fim, já que se pretende a manutenção do *status quo*, da servidão cega, da escravidão moderna que regula os comportamentos, para permanecerem alheios à própria vida e sua natureza, e, portanto, separando-o de sua potência de crescimento, da consciência de sua essência humana e de seu ser social. Ranieri complementa, ao explanar sobre o significado da alienação, com seu conjunto de características que o homem abstrai em seu ser, assim:

[...] *Entäusserung* tem o significado de *remissão para fora, extrusão, passagem de um estado a outro* qualitativamente diferente, *despojamento*, realização de uma ação de *transferência*. Nesse

sentido, *Entäusserung* carrega o significado de *exteriorização*, um dos momentos da *objetivação* do homem que se realiza através do trabalho num produto de sua criação (RANIERI, 2001, p. 24).

O homem carrega consigo, neste momento de *objetivação*, o pôr para fora o que está interno⁵⁴, e refere-se a um primeiro movimento⁵⁵, que significa agir, sair do interior para o exterior, processo através do qual se torna exterior, ou seja, é a exteriorização de suas potencialidades humanas, mediante o objeto do trabalho na relação com a natureza. Esse momento de exteriorização “[...] é a esfera ontológica fundamental da existência humana”, visto que o homem intenciona sua consciência, sua intelectualidade, de forma ativa e concreta, e se realiza por meio do produto criado pelo trabalho. Chagas (1994, p. 24) afirma que esta condição contém em si a universalidade do trabalho, mas também traz com ela a alienação, contudo considera que este é um momento positivo, dado que “[...] o produtor, através de seu trabalho, entra em conexão com o produto de seu trabalho e com os outros homens”.

No movimento *em si*, a diferença entre a alienação e a objetivação consiste em que o sujeito trabalhador é só considerado sujeito para o trabalho. Quando ele passa a exercer uma atividade, por exemplo, a atividade de marceneiro, constitui-se só marceneiro em potência. Quando a exerce ele dá-lhe objetivação, torna essa atividade em algo objetivado, ou seja, aquela atividade se objetiva na mesa (por exemplo). A mesa é alienação, atividade alienada, atividade objetivada.

Nesse caso, a alienação tem um sentido positivo, porquê? Por ser um movimento necessário, pelo qual o sujeito deixa de ser *em si* e passa a *ser para si*, ele fabrica a mesa e externa as suas potências que são meramente internas e não são vistas, é como uma passagem do invisível ao visível. Aquilo que é exteriorizado é visível, aquilo que é interno não é visível, permanece no campo do invisível, da mera potência.

⁵⁴ Por para fora o que está interno, refere-se a um movimento, significa agir, sair do interior para o exterior, processo através do qual torna-se exterior, por exemplo, a linguagem é exteriorização, eu alieno, eu exteriorizo ao outro.

⁵⁵ O termo ‘movimento’ é utilizado pela sua lógica, porque a alienação e o estranhamento ocorrem em movimentos lógicos. E esses termos tentam mostrar as diferentes posições, os diferentes movimentos desse movimento mais amplo, ou seja, é um processo constituído de diferentes movimentos, diferentes etapas e cada uma dessas etapas, desses momentos, é explicada com um termo distinto. Ou seja, cada termo desses é usado para explicar um momento, uma etapa distinta, dentro de um movimento maior.

Qual é o problema em relação aos termos? É que Marx usa os conceitos, por vezes, alternativamente, usando os mesmos conceitos diferentes para explicar o mesmo movimento, usando termos distintos para significar coisas idênticas. Por isso que somente a filologia, por si só não é suficiente, levando em consideração o movimento que Marx constrói.

E se pensar no campo do trabalho, na divisão social do trabalho, o trabalhador torna objetivo, aliena suas potências num objeto e reparte o objeto trabalhado. Uma parte vai satisfazer suas necessidades individuais e outra parte vai servir às necessidades de um outro si, da comunidade, de um outro trabalhador igual a ele, com o qual vai estabelecer uma relação de troca, através daquele objeto.

Essa operação de troca é alienada, aqui alienar tem sentido jurídico e comercial, significa entregar a outro aquilo que pertence a si. Assim como o outro aliena a você, aquilo que pertence a ele. Até aqui não tem estranhamento, pois a coisa não se tornou estranha, nem para o si que produziu a mesa, nem para o si que consumiu a mesa, não há desconhecimento, nada é estranho, externo⁵⁶.

Esse processo de alienação, portanto, ocorre de dentro para fora. Contudo, no trabalhador há o encerramento de sua vida no objeto. Enquanto trabalhador e homem, não lhe cabe nenhum direito, pois ele não existe enquanto tal, e sim o que há é o produto. Nesta perspectiva, Marx completa que:

[...] a exteriorização (*Entäusserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele* (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (MARX, 2010a, p. 81).

Em Marx (2010a, p. 81), a apropriação do mundo externo e da natureza sensível, por meio do trabalho, é um processo de privação cada vez maior dos meios de vida. Nessa transformação que o homem realiza ao longo do processo histórico, na natureza, quanto mais se distancia dos objetos e dele mesmo, mais forte se torna o capitalista e sua propriedade. Esse processo é o primeiro⁵⁷ dos duplos sentidos, caracterizado por Marx como resultado desse processo de transformação e apropriação da natureza em objetos e meios de vida (os meios de subsistência física do homem são os produtos do trabalho). Nesta contingência, tem-se a alienação (*Entäusserung*) como condição humana ligada ao trabalho, na qual o trabalhador ao intencionar-se, congrega energia subjetiva e física, transforma a natureza em produtos – num ato de exteriorização e

⁵⁶ Como exemplo, uma bactéria que é estranha e externa ao corpo provocará adoecimento, no entanto, num outro exemplo, a água ou os alimentos são seres externos ao corpo, mas não são estranhos.

⁵⁷ O segundo dos duplos sentidos será abordado no item abaixo (3.2.1 Estranhamento do produto do trabalho), pois considera-se que está relacionado a ele.

objetivação das potencialidades humanas –, porém, em vez desses produtos permanecerem nas mãos daquele que os produziu, lhe são retirados pelo não trabalhador.

3.1.2 *Estranhamento (Entfremdung)*

No estranhamento, as objetivações e as relações sociais capitalistas se voltam contra o homem. Ocorrem de fora para dentro. É o movimento pelo qual a coisa se torna estranha e corresponde a um segundo movimento, pelo qual a coisa não só se torna externa, como também objetivada e estranhada. Sua exterioridade se opõe a ele, pois faz parte de um conjunto de coerções sociais, e a mesma objetivação criada pelo sujeito e pela dinâmica do sistema capitalista passa a oprimir quem o construiu. Marx, então, aponta na direção da propriedade privada, por meio do trabalho estranhado (*entfremdete Arbeit*), do caminho que leva à perda da essência do homem ao transformar a atividade genérica em uma ação mecanizada. Ranieri afirma que:

[...] *entfremdung* tem o significado de real objeção social à realização humana, na medida em que historicamente veio a determinar o conteúdo das exteriorizações (*Entäusserunge*) por meio tanto da apropriação do trabalho como da determinação desta apropriação pelo surgimento da propriedade privada (RANIERI, 2001, p. 24).

A propriedade privada e o trabalho são como pontes que fazem com que um homem domine, e outro submeta-se à aceitação dessa dominação que se dá pela carência de sobrevivência, visto que um não possui matéria, nem os meios para a produção. O produto do trabalho apresenta-se como indiferente, contribuindo para os impedimentos sociais e históricos de apropriação e organização do trabalho, por meio da propriedade privada, que sob o capitalismo é a “[...] forma lógica de desefetivação do trabalho humano e é o resultado estranhado de uma determinada exteriorização da vida” (RANIERI, 2001, p. 66). O homem, nessas circunstâncias, perde a noção de sua atividade, perde sua essência, pois não realiza uma atividade consciente e livre, como resultado, a potencialidade do homem torna-se assíncrona com sua objetividade, é o outro de si: essa relação se efetiva não no nível sistêmico, mas se estabelece entre o operário, a máquina e seu outro – a objetivação. Por essa razão, há a separação da natureza sensível do homem, pois seu pensamento está separado do corpo e da vida efetiva.

O estranhamento assim, ocorre quando surge uma terceira figura, a do patrão, que é o *si* estranhado e não o *si* alienado. Aqui, sim, surge o estranhamento, porque o patrão é uma figura estranha a essa relação lógica e natural do processo de trabalho, de troca, de uso, de consumo do objeto produzido. E aí, sim, o objeto se torna estranho, passa a ser inimigo. Uma mesa, por exemplo, não é tão inimiga do trabalhador, mas se pensarmos em relação aos meios de produção, que é produzida e fabricada por ele, na qual o trabalhador se exterioriza e se objetiva (no sentido positivo da palavra) na maquinaria, mas esta não é produzida em vista do trabalhador (a mesa é produzida em vista das necessidades daquele que a fabrica e as necessidades do outro que fará uso dela, que a vai consumir). A maquinaria, não, pois é fabricada em vista do ser estranho, do sistema estranhado, ela servirá como capital, não apenas como maquinaria, e como capital será útil para explorar, destruir, negar a vida do trabalhador⁵⁸.

Uma coisa são as potências alienadas do trabalho, outra são as potências estranhas ao trabalho, e, neste caso, o empresário capitalista é essa potência estranha ao trabalho, assim como o dinheiro, o capital, a mercadoria são potências estranhas ao mundo do trabalho, ainda que sejam produzidas pela atividade do homem, por meio do trabalho, mas no momento em que entra esta figura estranha (*Entfremd*) a coisa se inverteu.

Assim, a exteriorização gestada na alienação (*Entäusserung*) se transforma em estranhamento (*Entfremdung*) quando essa vem acompanhada da apropriação do não trabalhador, que é estranho ao trabalho. O estranhamento (*Entfremdung*), assim, representa as circunstâncias⁵⁹ em que a alienação (*Entäusserung*) acontece, interior ou exteriormente à atividade do trabalhador, e vem acompanhada do não trabalhador. Dessa forma, a apropriação privada se consolida, domina e direciona, além de potencializar a disparidade socioeconômica, resultando na apropriação desigual do produto do trabalho humano (Cf. RANIERI, 2001, p. 63). Para o entendimento dessa lógica, Ranieri (2001, p. 8), em nota de rodapé de número 2, afirma que no momento

⁵⁸ Mesmo que este movimento do estranhamento (*Entfremdung*) não esteja exposto nos *Manuscritos*, a princípio de forma tão clara, mas vai se tornando claro ao longo da evolução intelectual dos escritos de Marx.

⁵⁹ Estas circunstâncias referem-se às condições históricas (na contradição entre propriedade privada e trabalho) em que o trabalho é realizado e não à sua natureza. Na sociedade capitalista, as condições do trabalho, as relações de produção, a criatividade expressa ao realizá-lo, ao invés de emancipá-lo desumaniza o homem e não refletem, contudo, uma escolha, mas pela ausência de meios para sua sobrevivência, as condições da realidade o direcionam para tal.

em que a produção se tornou alvo de “[...] apropriação por parte de um determinado segmento social distinto daquele que produz, tem-se também o estranhamento, na medida em que este conflito entre apropriação e expropriação é aquele que funda a distinção socioeconômica”.

Marx mostra como o estranhamento aparece permeado em estruturas complexas sociais e relacionais, criadas pelas pessoas. Mesmo que degrade o homem, ele adapta-se e se reconhece nesta sociedade, mas não na forma humana, mas objetivada, vive uma fantasia e uma busca incessante por preencher vazios intencionalmente criados por ela, criando objetos de desejos e estimulando sua aquisição, adquirindo-os, com isso mais horas trabalhadas, menos tempo para viver.

[...] O estranhamento aparece tanto no fato de *meu* meio de vida ser de um *outro*, no fato de aquilo que é *meu* desejo ser a posse inacessível de um *outro*, quanto no fato de que a cada coisa mesma é um *outro* enquanto si mesma, quanto [também] no fato de que a minha atividade é um *outro*, quanto finalmente – e isto vale também para os capitalistas – no fato de que, em geral, o poder *não humano* domina (MARX, 2010a, p. 146).

Ranieri contribui ao falar sobre o isolamento que o homem adquire pelo estranhamento (*Entfremdung*), para ele é

[...] como um ato, ou uma ação maior no tempo e no espaço, em que o homem, tomado genericamente (portanto como ser social), se torna alheio, isolado, estranho aos resultados ou produtos de sua própria atividade, assim como à atividade mesma, além de estar isolado ou alheio à natureza a partir da qual produz e vive em conjunto com outros seres humanos (RANIERI, 2001, p. 8).

No estranhamento, as objetivações do trabalhador, sua própria condição social e as criações do seu espírito não são reconhecidas como tal pelo homem, antes se constata a perda do produto do trabalho pelo trabalhador, e a despossessão do objeto pelo sujeito e, nestas circunstâncias, ele é despojado tanto daqueles meios necessários à vida, assim como de seu trabalho estranhado (Cf. MARX, 2010a, p. 80-81). Destarte, quando o homem está diante de objetos prontos, não consegue submetê-lo ao seu controle consciente, não os vê em sua totalidade, e sim como se lhes fossem estranhos, ao mesmo tempo que desempenham sobre o homem um poder hostil e exterior, fruto da propriedade privada. O próprio trabalho é apontado por Marx como aquele que faz o homem tornar-se um objeto e dentro do sistema capitalista, no afã de possuí-lo, precisa suportar opressões, gigantescos esforços e, assim, quanto mais produz, menos pode

possuir, mais submetido fica ao capital (MARX, 2010a, p. 81). Desta forma, quanto mais o trabalho e o trabalhador se integram como componente do capital, mais o homem perde sua natureza genérica.

O desgaste do trabalhador, na realização de seu trabalho, resulta no aumento do poder do mundo objetivo, que lhe é alheio (*fremd*), que, na mesma intensidade, o torna mais pobre fisicamente, em seu mundo interior, e menos pertencedor a ele próprio⁶⁰, ficando à mercê do deleite do capitalista, que exige o cumprimento de metas e anula seu ser em meio ao objeto (Cf. MARX, 2010a, p. 81). A esse respeito, Marx discorre que:

[...] o trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quanto maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é (MARX, 2010a, p. 81).

Pelo estranhamento (*Entfremdung*), a miserabilidade da condição humana, gestada pela propriedade privada e efetivada pela atividade realizada no trabalho, é estendida a todo quadro da atividade e história humana quando este homem, em sua objetivação, perde o objeto. Pelo trabalho, o homem distingue-se dos demais seres vivos, apenas por sua condição de liberdade para fazer da natureza uma expressão de sua essência. Como produtos sociais e formas historicamente construídas, possuem uma certa força, “[...] um poder *independente* do produtor” (MARX, 2010a, p.80) que direcionam o homem a precisar obedecer às leis impostas pelo produto (criadas historicamente por uma minoria de homens) que não conseguem reconhecê-la, mas que contribuem para a desrealização e desumanização do homem.

⁶⁰ Esse pertencimento refere-se à rotina diária a que o homem se submete para poder sobreviver: levantar de madrugada, pegar o lotação, a rotina de trabalho que, na maioria das vezes, o impede de retornar a sua casa, ficando no trabalho para alimentar-se e realizar horas extras e, finalmente, o retorno para casa. No ambiente de sua casa, grande parte das mulheres ainda inicia o seu terceiro turno, por vezes utilizando o tempo disponível, na limpeza e organização da casa, no cuidado dos filhos e na preparação dos alimentos. Os homens, mesmo diante das lutas que as mulheres têm travado pela igualdade, acabam, pela cultura machista, gozando de um tempo livre para o descanso.

Uma outra questão sobre o retorno tanto do homem como da mulher a casa é que este local, que deveria ser um espaço de aconchego, fruição e abrigo, torna-se estranho e hostil. A tecnologia criada pelo homem, faz com que ele, por vezes, leve trabalho para casa, ou mesmo, viva no isolamento em frente do computador ou da televisão. Qual é o tempo que as famílias e a comunidade têm reservado para fortalecer os laços que verdadeiramente os une? Como descrevem sua cultura? O que sabem sobre sua história, sobre seus pais? Quais são os valores que possuem e qual suas acepções? É por isso que a destruição da cultura e a manipulação dos homens estão fáceis, pois o conhecimento histórico-cultural e reflexivo está sendo substituído pelo que a classe dominante projeta.

3.2 Formas de Estranhamento (*Entfremdung*)

Na escravidão moderna, assim como na antiga, o homem continua inserido no mundo do trabalho, cujo principal objetivo é sobreviver e promover a felicidade de outros. Tornar-se escravo moderno⁶¹, é tornar-se propriedade, é alienar-se e estranhar-se; é transformar-se em extensão da máquina, uma máquina de fazer semelhante ao servo da gleba pertencente à terra; é separar-se do próprio produto do trabalho, cuja produção o desumanizará; é separar-se do gênero humano quando separado das produções que o humanizam, pois, do contrário, elas ampliam a barbárie, a pobreza, a semelhança das condições vividas pelos escravos antigos, mas agora reproduzidas dentro da fábrica. Separado das atividades espirituais, o homem permanece preso ao mundo da natureza e das carências, mas relaciona-se com ele por intermédio da necessidade. Assim, está preso ao trabalho. E como trabalhador, é também instrumento de trabalho, seu gênero humano é transformado e moldado, conforme as necessidades dos instrumentos de produção, e na dependência de sua sobrevivência está o não trabalhador. Ao satisfazer a outro, exclui sua felicidade individual, particular, e sua dignidade é desumanizada muito mais do que os escravos do mundo antigo⁶².

Com a separação de suas relações com outros homens, no interior do gênero humano instaura-se uma divisão de classes semelhante ao que acontecia no passado: senhor-escravo, senhor-servo da gleba e patrão-empregado. O homem desconhece-se, estranha-se de sua história, de sua cultura e de seu lugar, abrindo caminhos para que novos valores e culturas sejam priorizados. Sua vida se resume ao desenvolvimento de atividades que lhe garantam um salário e sua sobrevivência, pois está mergulhado em meio à lógica capitalista, e sem compreender a dimensão de sua humanidade, perde-se e, em seu lugar, padrões dominantes são colocados.

⁶¹ Marx (2010a, p. 140), nesta perspectiva, acrescenta que além dessa escravidão moderna consentida, “[...] as mais rudes *formas (instrumentos)* de trabalho humano reaparecem; assim o *moinho de tambor* do escravo romano tornou-se modo de produção, modo de existência de muitos trabalhadores ingleses”, afirmando isso pela forma inumana a que o homem teve que se submeter para se manter vivo.

⁶² Compreendo que esta comparação se refere à questão de que os escravos no mundo antigo ainda possuíam o conhecimento *do como fazer* em sua integralidade, hoje o homem não conhece a totalidade do produto que fabrica; não recebe punições físicas, como o escravo antigo, mas hoje está subjugado a coerções psíquicas, e caso não as cumpra é punido com a perda do trabalho, ficando sem meios de sobreviver, e, assim como no passado, está subjugado ao trabalho, sem escolhas, no entanto, sob circunstâncias empreendedoras, pode sair de sua condição de submissão.

3.2.1 *Estranhamento (Entfremdung) do produto ou da coisa*

Seguindo as determinações do capitalismo, o produto do trabalho humano é para o trabalhador como um objeto estranho e independente. Marx (2010a, p. 80) conceitua-o assim: que o “[...] produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*sachilch*), é a *objetivação (Vergegenständlichung)* do trabalho”, a isto identifica-se que o objeto, objetivado, não é objetivação do homem, mas do trabalho que não pertence ao trabalhador. É uma desrealização do trabalhador que lhe causa sofrimento, miséria e o transforma em mero servidor do mundo das coisas, na medida em que quanto mais põe sua essência, mais forte este mundo se torna; sua existência passa a ser estranhada e pobre, interior e exteriormente. Há uma quebra de vínculo entre produto e produtor. E mesmo que o trabalhador não se pertença mais, e sim ao capitalista, resta-lhe apenas as funções animais, pois humanamente se vê como animal.

Este processo é o segundo⁶³ dos duplos sentidos caracterizados por Marx, como resultado do processo de transformação e apropriação da natureza em objeto e meios de vida (os meios de subsistência física do trabalhador, os produtos do trabalho). Neste momento, ele mostra a servidão do homem ao objeto, introduzindo o que se pode chamar de ‘processo inicial de estranhamento no produto de seu trabalho’, sua humanidade, portanto, resumida a ser trabalhador e à manutenção de sua vida, ao abordar que:

[...] o trabalhador se torna, portanto, um servo do seu objeto. Primeiro, porque ele recebe um *objeto do trabalho*, isto é, recebe *trabalho*; e, segundo, porque recebe *meios de subsistência*. Portanto, para que possa existir, em primeiro lugar, como trabalhador e, em segundo, como sujeito físico. O auge desta servidão é que somente como *trabalhador* ele [pode] se manter como *sujeito físico* e apenas como sujeito físico ele é trabalhador (MARX, 2010a, p. 81-82).

O homem, ao tornar-se servo do objeto, contribui para o aumento da “[...] valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) e aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*)” (MARX, 2010a, p. 80). Todo o trabalho desenvolvido pelo trabalhador sobre o objeto, volta-se contra ele, pois o objeto não ficará com o trabalhador, e sim com o proprietário dos meios de produção. Marx (2010a, p. 80) ressalta que essa efetivação do trabalho aparece tanto “[...] como

⁶³ O primeiro dos duplos sentidos foi abordado no item acima (3.1.1 Alienação), pois se considera que está relacionado a ele.

desefetivação [...] [ao] trabalhador [que] é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto, que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho” que, ao estar sob o domínio do capitalismo, deles se utiliza para se fortalecer cada vez mais. Marx, nesta perspectiva, apresenta como é a relação entre o trabalhador e o produto do seu trabalho, ao afirmar que:

[...] quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*), que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador (MARX, 2010a, p. 81).

E é somente no trabalho que o estranhamento ocorre? Na citação acima, Marx afirma existir o estranhamento em outra esfera e cita, como exemplo, a religião: “[...] é do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo” (MARX, 2010a, p. 81). Isso se dá na medida em que o trabalhador não se identifica com o resultado de seu trabalho, não se vê enquanto ser genérico e social, porém, assim como no trabalho e na religião estão inter-relacionadas outras esferas (política, educacional, moral, artística...), de forma lógica também estariam sob o domínio do estranhamento em sua atividade central de trabalho, estranhando sua essência.

Marx apresenta então o estranhamento do trabalho⁶⁴ em seu objeto, mostra como as condições de execução e as relações de exploração se desenvolvem e geram a dominação da coisa sobre o homem, ou seja,

[...] o estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacionais-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o

⁶⁴ Ranieri (2001, p. 159), no que tange ao estranhamento do trabalho, salienta que, para Marx, o que gera essa forma de estranhamento “[...] não é o trabalho em geral, mas a sua situação histórica sob determinadas condições, que o põe em contradição com o produtor, contradição estruturada a partir da apropriação privada dos produtos da atividade do homem”.

trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (MARX, 2010a, p. 82).

O objeto determinado pelas leis nacionais-econômicas deve ser alvo de luta pela sua aquisição, mortificação do homem e de seu acúmulo. Enquanto objeto autônomo, quanto mais for exigido em sua produção, menos o trabalhador será reconhecido. Para apropriar-se do objeto de sua produção, o homem deve trabalhar mais, perder-se enquanto trabalhador no produto do seu trabalho, de modo que, quanto mais produz, tanto menos pode se apropriar de seu resultado, e menor se torna, pois nunca será igualado ao produto de seu trabalho. Em Marx, a relação entre trabalho-produto e trabalhador-objeto apresenta um hiato entre eles, pois os capitalistas ignoram a íntima relação das partes, mesmo sabendo que:

[...] o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalhador por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador (MARX, 2010a, p. 82).

Marx evidencia que o homem, quando servo do objeto, fica cada vez mais pobre. Nesse aspecto, acentua a relação do trabalhador com o objeto e produto de seu trabalho, que adquire potência (*Macht*) e subjuga o homem, pois como ser estranho, está para que outro possa usufruir. Acentua no trabalhador a deformação, a barbárie social, a imbecilidade, o cretinismo, a mecanização, porque o

[...] estranhamento (*Entfremdung*) aparece, em primeiro lugar, como a relação do homem com o mundo exterior dos sentidos, os objetos da natureza, na qual o ser humano é compreendido como indivíduo estranho desta última, ou seja, trata-se de um estranhamento com relação à coisa exterior (RANIERI, 2001, p. 13).

O homem ao desenvolver seu trabalho deveria estar produzindo para o bem-estar de todos os indivíduos, mas, ao contrário, ao estar submetido à estrutura do capitalista, submete-se a uma condição de sofrimento, de miséria, condição esta vivenciada somente por uma parcela da população que é a maioria: a classe trabalhadora. Classe que quanto mais coloca de si nos objetos que cria, mais estranha ela se torna, da mesma forma que quanto mais trabalhar, mais poderoso o mundo se torna frente a ele. Pobreza interior e exterior, isto é o que o trabalhador ganha. Pobre, despertencido de sua

essência humana, separado de seu produto, está inserido em um modo de produção em que os instrumentos de produção não lhe pertencem.

O produto do trabalho é o resultado do ato de produção. Dessa forma, partindo do questionamento de Marx (2010a, p. 82) sobre: “[...] qual a relação essencial do trabalho”, então perguntamos: Qual a relação do *trabalhador* com a produção? É o que iremos discorrer neste item a seguir.

3.2.2 *Estranhamento (Entfremdung) em sua própria atividade ou no ato de produção*

Ao identificar o estranhamento presente no produto do trabalho humano, Marx contribui para reconhecer outra forma de estranhamento anterior ao produto, mas presente na própria atividade produtiva ou, como Marx afirma, no ato da produção. Se o produto, é “[...] somente o resumo (*Resumé*) da atividade, da produção”, (MARX, 2010a, p. 82) é exteriorização o ato de produção, é uma “[...] exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização” (MARX, 2010a, p. 82). Se o produto não pertence ao trabalhador, nem mesmo a sua própria atividade desenvolvida na exteriorização pertence a ele, pois não é determinada pelo trabalhador, ao contrário, deve seguir um padrão, critérios em relação ao tempo, rotina, conteúdo, instrumentos, métodos, finalidades, potencialidade, que é obrigatório, impositivo, opondo-se a um processo criativo, autodeterminado, às aspirações pessoais, então a quem pertence o produto?

Nada do produto de seu trabalho é determinado pelo trabalhador na sua própria atividade. Nela o homem nega-se, mas afirma a potencialidade da propriedade privada, torna-se infeliz e doente física e espiritualmente, mas oportuniza fruição⁶⁵ ao capitalista, “[...] a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração”

⁶⁵ Marx (2010a, p. 148), nessa ótica, afirma que “[...] a fruição está, portanto, subsumida ao capital, o indivíduo que frui subsume sob o [indivíduo] que capitaliza, enquanto anteriormente acontecia o contrário”, ou seja, o que o autor nos mostra é que ao trabalhador resta-lhe apenas o trabalho, o sacrifício e o desgaste, já desfrutar do resultado e suor do trabalhador fica com o capitalista; antes de o homem se tornar estranhado, ele podia fruir o que produzia, contudo, nesta nova condição, o capitalista desfruta e “[...] se abandona somente à fruição”. Marx ainda descreve que, apesar do “sacrifício inútil”, o trabalhador é desprezado com arrogância, visto como uma “[...] parte na condição de ilusão infame de que o seu esbanjamento desenfreado e o consumo inconsciente e improdutivo condicionam o trabalho e, com isso, a *subsistência* do outro”; o trabalhador é um estorvo, não é alguém, mas algo que precisa ser suportado e ignorado.

(MARX, 2010a, p. 83). Por meio de seu trabalho determinado, o trabalhador perde sua essência humana e se torna uma mercadoria na medida em que vende sua força de trabalho ao capitalista. Marx afirma que:

[...] é externo (*äusserlich*) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito (MARX, 2010a, p. 82-83).

No que diz respeito à sua própria atividade, por não deter os meios de produção, o homem vende sua força de trabalho a outro, que passa a gerenciar sua atividade. O trabalho, portanto, transforma-se em momento de mortificação, de autossacrifício, visto que é obrigatório e controlado para satisfazer o outro, para que a matéria-prima não seja desperdiçada e o instrumento de trabalho seja usado adequadamente. Quanto mais o trabalhador produz, inserido num trabalho obrigatório e necessário à sua sobrevivência, tanto mais pobre se torna, mais fora de si está, tanto mais “[...] estranho e poderoso sobre ele” o produto está e se defronta hostil ao homem (MARX, 2010a, p. 83). Quanto mais aumenta a proporção de sua produção, mais o trabalhador como mercadoria perde-se a si mesmo, revela, portanto, um trabalho que não é seu, mas de outro, e além do trabalho há a condição de despertencimento e perda de si próprio, ao invés de ser manifestação de si (MARX, 2010a, p. 83).

Pode-se compreender que nas duas formas de estranhamento (no produto e na própria atividade), sob a égide o sistema capitalista, o trabalhador torna-se uma mercadoria, um objeto direcionado, perdendo sua essência. Mas como o homem, nesta contingência de direcionamentos, pode sentir-se livre? Marx (2010a, p. 83) nos responde que “[...] o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano e o humano animal”. O que Marx questiona é que o trabalho, ao invés de estar como instrumento autorrealizador, de objetivação de si, de contemplar-se pelo resultado de sua atividade humana, passa a ser uma finalidade humana, pois dele depende o atendimento das carências básicas (comer, beber, procriar, morar), salientando que estas são funções animais e que, além disso, ele exerce tais funções como animal de carga. Ranieri afirma que esta forma:

[...] aparece também como expressão da relação de trabalho como o ato de produzir no interior do processo de trabalho, ou seja, a relação do trabalhador com sua atividade, estranha, alheia, que não lhe oferece qualquer satisfação, a não ser no momento de vendê-la a alguém. Este é o estranhamento de si mesmo (RANIERI, 2001, 13).

Nesse estranhamento, tanto o produto como a atividade não pertencem ao trabalhador, é como se sua atividade se voltasse “[...] contra ele mesmo, independente dele, não pertence a ele. O estranhamento-de-si (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da coisa” (MARX, 2010a, p. 83). Marx salienta, no excerto anterior, que além do produto incidir sobre o produtor e a atividade, ele reflete na dimensão existencial do homem; sabe-se, contudo, que nessa dimensão, a existência humana está interconectada com o ser social humano – produto das condições sociais, determinadas historicamente, mas constitui-se como elemento objetivo e exterior a quem o produziu.

3.2.3 *Estranhamento (Entfremdung) do ser genérico do homem*

Como ser genérico, o homem também é ser objetivo. O homem se humaniza, por meio da concretização dos objetos produzidos por ele, a serviço do gênero; nesta ação, seu ser social revela sua particularidade e universalidade, isto é, pelo trabalho, como atividade consciente e livre, o homem utiliza esta atividade vital – o trabalho para o atendimento de suas necessidades particulares – para produzir para todo o gênero humano. Nesta perspectiva, ele é um ser social e genérico, ser para-os-outros e ser para-si. Essa condição de ser genérico contrapõe o trabalho estranhado, que separa o homem da vida genérica e o reduz a um ser universal, individualista, devido ao modo de produção social. Marx destaca como compreende esse homem em seu ser genérico:

[...] o homem é um ser genérico (*Gattungswesen*), não somente quando pratica e teoricamente faz do gênero, tanto do seu próprio quanto do restante das coisas, o seu objeto, mas também – e isto é somente uma outra expressão da mesma coisa – quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser *universal*, [e] por isso livre (MARX, 2010a, p. 83-84).

O homem, como ser genérico, une a ideia do individual (enquanto ser que congrega particularidades, individualidade, interesses, necessidades e carências específicas) com a do social (sua universalidade, as relações sociais, pensamentos, sentimentos, entre outros), vive da natureza inorgânica, sua universalidade se faz

mediante a ampliação de seus domínios tanto como meio de vida imediato, quanto como atividade vital. Essa condição de viver da natureza existe, porque seu corpo é natureza, está interconectado e é uma parte da natureza, deve repô-la quantitativamente para não morrer.

Ranieri (2001, p. 13) afirma que essa forma de estranhamento “[...] aparece como algo que se vincula ao objeto do trabalho, objeto que é sinônimo de objetivação, de vida do gênero humano, da efetividade das forças essenciais humanas (*menschlichen Wesenskräfte*)”. Nessa lógica, e na medida em que o estranhamento estranha “do homem a natureza”, e como a natureza está interconectada com o homem e é o próprio homem, estranha-se “de si mesmo”, pois as objetivações não fazem parte de seu ser, e como a “função ativa” no homem é objetivada com o uso da natureza inorgânica, conseqüentemente, sua “atividade vital”, aparece não como forma do homem expressar-se humanamente, mas como meio de sobrevivência (MARX, 2010a, p. 84).

O homem estranhado, estranha também o “[...] gênero [humano]. Faz da *vida genérica* apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última, em sua abstração, o fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranha” (MARX, 2010a, p. 84). A permanência do estranhamento da vida individual do homem é ampliada para o estranhamento da espécie humana, estranha o gênero humano do indivíduo que é transformado em um ser abstrato.

Marx (2010a, p. 84) também salienta que “[...] a vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo (*Art*) da atividade vital – o trabalho, encontra-se o caráter inteiro de uma espécie, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem”. Essa capacidade de o homem fazer escolhas o torna diferente de outros animais, contudo, pela inserção na propriedade privada, há o rompimento da essência humana e a potencialidade de desestranhamento, pois na medida em que se estranha em sua existência, estranha-se também espiritualmente.

[...] O trabalho estranhado transforma, porém, este ser genérico do homem em algo estranho a ele, cuja única potencialidade é a garantia de sua existência individual. Trata-se do estranhamento com relação a si mesmo como pertencente a um gênero, assim como acontece com o estranhamento de sua existência (natureza) exterior e o estranhamento de sua existência espiritual (RANIERI, 2001, p. 14).

O ser genérico se constrói quando o homem une o individual (interesses, carências específicas) com o social (enquanto atividade vital consciente). Essa união contesta o autoestranhamento (*Selbstentfremdung*) humano no capitalismo, que se corporifica pela atividade humana individual, na qual busca sua sobrevivência, e na relação prática com os outros homens. Nesta condição, transforma o homem em um ser universal aleatório, individualista, enquanto valoriza as características meramente animais, um ser privado, estranhado de sua própria espécie, pois somente busca a satisfação das necessidades individuais. Portanto, o homem se confirma na construção do mundo objetivo e, ao relacionar-se com a realidade criada, se relaciona com o seu gênero e sua essência. Essa ação o faz incorporar sua essência efetiva como totalidade humana social.

O trabalho alienado e estranhado desconstrói a essência genérica do homem. Em seu lugar instaura a esfera da liberdade pela busca dos bens privados e marca ações individualistas, confirma, no homem, o isolamento de seus iguais e a abstração de sua essência real e palpável. Assim, o ser genérico do homem se confirma na elaboração do mundo objetivo, por sua atividade operativa ou intelectual, por meio do uso da natureza, que se efetiva no objeto. Marx (2010a, p. 85) chama esse processo de “[...] *objetivação da vida genérica do homem*” e quando o fruto de sua atividade operativa ou intelectual lhe é arrancado (*entreisst*) pelo trabalho estranhado, é-lhe arrancado a “[...] vida genérica, sua efetiva objetividade genérica (*wirkliche Gattungs-gegenständlichkeit*)”, da mesma forma que a autoatividade livre resume-se a um meio da vida genérica do homem e a um meio de existência física e/ou animal. Pelo trabalho estranhado extingue-se, na essência humana, a produção consciente para tornar-se uma atividade despossuída de sentidos, significados, finalidades, visto que quando um homem se põem em movimento, em sua essência, possui uma finalidade. Nesta atividade controlada, sua finalidade é o salário ao final do mês, pois sua produção não lhe pertence e extingue a sua liberdade, que somente possui na esfera privada, já que a pública é direcionada e voltada para a sobrevivência individual, diferentemente de uma atividade social-universal. Assim, sobre as consequências do trabalho estranhado, sobre o ser genérico do homem, Marx diz que faz:

[...] do *ser genérico do homem*, tanto da sua natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser *estranho* a ele, um *meio* de sua existência *individual*. Estranha do homem o seu corpo, assim

como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência *humana* (MARX, 2010a, p. 85).

Como consequência desse estranhamento, Marx acena para o estranhamento do homem pelo próprio homem. Se o homem, no entanto, permanecer guiado pelo trabalho estranhado, perderá sua consciência genérica e adquirirá uma vida egoísta, na qual procurará “[...] criar uma força essencial *estranha* sobre o outro, para encontrar aí a satisfação de sua própria carência egoísta” (MARX, 2010a, p. 139). Portanto, ele criará um mundo e desenvolverá estratégias em que “[...] o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica” (MARX, 2010a, p. 85). Neste contexto, o homem inclina-se somente à satisfação física e biológica, ao invés de sua atividade ser coletiva e superar o biológico, até chegar à exteriorização da sua essência.

É a realidade definindo a consciência do homem. E partindo do princípio de que o homem não é um ser isolado, a consequência do estranhamento de seu ser genérico resulta no estranhamento em relação aos outros homens. Marx (2010a, p. 86) corrobora isso ao afirmar que “[...] a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles está estranhado da essência humana”. Desta forma, este quarto aspecto do estranhamento, que está intimamente vinculado ao abordado a seguir, irá ser aprofundado tal tema.

3.2.4 Estranhamento (Entfremdung) do homem e na relação com os outros homens

Por meio deste estranhamento, a essência humana e sua sociabilidade são perdidas, ao alienar do homem o gênero. Conseqüentemente, a relação dele com outros homens sofre um processo de estranhamento, pois conscientemente não contempla a realidade, o produto e a atividade não lhe pertencem, não estão sob seu controle; desta forma, estabelece com os seus iguais, critérios e relações condizentes com a condição de trabalhadores estranhos e privados dos objetos que produziram. Marx (2010a, p. 86) salienta que: “[...] em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana”. Esse processo ocorre porque a relação estabelecida entre eles é egoísta, e não social, o que contribui para o afastamento da posse de suas objetivações. Portanto, é por meio da relação que o homem estabelece

consigo mesmo que ele se expressa perante o outro homem e estabelece com este “[...] o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador” (MARX, 2010a, p. 86).

Como não reconhece a si e ao outro homem como seres da mesma espécie – trabalhadores assalariados – a serviço do capitalista exploram, dominam, usam do poder, e conseqüentemente, se afastam individualmente e socialmente. Nesta condição, os trabalhadores se reconhecem pela posição que ocupam na divisão do trabalho. Pelo trabalho alienado e estranhado o homem subjuga-se ao poder da obsolescência industrial, mas para isso renuncia à alegria e à fruição, aceita incondicionalmente apenas a produção de riquezas para outros homens que são detentores dos meios de produção e dos objetos do trabalho, os quais usufruem do produto do seu trabalho, e possuem fruição e prazer no consumo, contudo o trabalhador se torna socialmente cada vez mais miserável e humanamente desumanizado (Cf. MARX, 2010a, p. 86). Marx (2010a, p. 86) ressalta que a riqueza produzida pelo trabalhador pertence a outro homem, detentor da “[...] fruição e alegria de viver” e quanto mais a miséria do trabalhador aumentar, mais poder o proprietário terá.

O próprio homem estabelece consigo mesmo uma relação objetiva e efetiva, da mesma forma como se relaciona com os outros homens. Se, contudo, o produto do seu trabalho e o seu trabalho objetivado está para o homem como um “[...] objeto estranho, hostil, poderoso, independente dele” (MARX, 2010a, p. 87), da mesma forma será a relação que este homem terá com o outro homem estranho (*fremd*), ao não reconhecê-lo, estará a se relacionar de forma estranha, hostil, como um ser independente e poderoso um ser que é senhor do objeto que o trabalhador produziu. Esta relação reflete também a condição de submissão, por meio de uma atividade violenta, simbólica e não livre, que o cerceia de expressar sua humanidade, que é expressa pelo “[...] autoestranhamento (*Selbstentfremdung*) do homem de si e da natureza e aparece na relação que ele outorga a si e à natureza [que] para com os outros homens diferenciados de si mesmo” (MARX, 2010a, p. 87). O homem ao estar inserido no mundo prático-efetivo (*praktisches wirkliches Welt*) e relacionar-se com ele da mesma forma que com os outros homens, converge no autoestranhamento (*Selbstentfremdung*), na forma prático-efetiva (*praktisches wirkliches Verhältnis*), ou seja, a forma como o homem se relaciona consigo mesmo e com a natureza, aparece na relação que ele confere a si, à natureza e aos outros homens diferentes de si.

Marx expõe como o trabalho estranhado e as relações engendradas pelo homem consigo mesmo constroem sua produção e sua desconstrução humana, enquanto que para o não trabalhador constrói sua efetivação

[...] através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas sua relação com o objeto e o ato de produção enquanto homens que lhe são estranhos e inimigos; ele engendra também a relação na qual outros homens estão para a sua produção e o seu produto, e a relação na qual ele está para com estes outros homens. Assim como ele [articula] a sua própria produção para sua desefetivação, para o seu castigo, assim como [articula] o seu próprio produto para a perda, um produto não pertencente a ele, ele engendra também o domínio de quem não produz sobre a produção e sobre o produto. Tal como estranha a si e a sua própria atividade não própria deste (MARX, 2010a, p. 87).

Ranieri reconhece que essa forma de estranhamento está estreitamente vinculada ao estranhamento do ser genérico do homem e leva em consideração a condição humana como um todo, nela está o

[...] estranhamento do homem com relação ao próprio homem, estranhamento do homem com relação ao produto da atividade de outro homem e também de seu produto. É o coroamento do estranhamento do homem com relação tanto à natureza como a si mesmo, que é o estranhamento do homem na sua relação com a humanidade, assim como com relação ao seu semelhante (RANIERI, 2001, p. 14).

A redução do homem a um mero instrumento que atende às necessidades de outrem, cada vez mais o aprisiona e fragmenta enquanto indivíduo, pois alija o homem da sociabilidade em geral. Assim, o produto do trabalho desse homem não lhe pertence, nem este trabalho se torna para ele instrumento de fruição; cabe, então, a outro, o pertencimento do produto produzido - ao capitalista. Assim sendo, a relação que ocorre entre o trabalhador e aquele que se apropria do produto objetivado, tem como origem e resultado a propriedade privada, pois o produto do trabalho não pertence ao trabalhador mas ao “senhor do trabalho” (MARX, 2010a, p. 87). Desta forma, pretende-se discorrer um pouco sobre essa relação do homem que tem como origem/intermédio/resultado a propriedade privada.

3.3 Propriedade privada: desventuras ao desestranhamento humano

Pode haver relação de iguais quando um faz para o bem de outro? Porque não há reconhecimento entre os homens, em seu ser genérico em seu produto e em sua atividade? Não é possível a relação entre iguais, pois a propriedade privada é a relação entre um homem e o outro, entre o trabalhador e seu produto, entre os trabalhadores na mesma condição de trabalho, ela impede o reconhecimento em seu ser genérico, pois é pela propriedade privada que o homem tem no resultado e processo de seu trabalho a condição alienada (*Entäusserung*) e estranhada (*Entfremdung*), que o impede de tornar-se pessoa. Desta forma, “[...] a *propriedade privada* é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do *trabalho exteriorizado*, da relação externa (*äusserlichen*) do trabalhador com a natureza e consigo mesmo” (MARX, 2010a, p. 87).

Marx nos mostra que o trabalho – morto e acumulado, deixa de ser uma condição de desenvolvimento, de efetivação do trabalhador livre e criativo, de reconhecimento enquanto ser genérico, e transforma-se, pela sua atividade estranhada dentro da propriedade privada, como *objeto* a serviço do capital, em um instrumento que visa atender suas carências imediatas de sobrevivência, transformando-se em mercadoria qualquer, ao objetivar-se e perder sua essência humana. Em sua relação com a natureza, evidencia-se que, por não poder criar nada sem ela, gera uma dependência absoluta que fornece tanto os meios de existência dos objetos como do trabalhador, contudo esse apoderamento do mundo exterior gera privação dos meios de existência, o objeto assim o habilita a existir e sua atuação dentro da propriedade privada o mantém como sujeito físico na condição de trabalhador e vice-versa.

Marx (2010a, p. 79) inicia o capítulo *Trabalho estranhado e propriedade privada* partindo “dos pressupostos da economia nacional” e deles discorre seus pressupostos (propriedade privada, separação entre o trabalho, capital e a terra, entre o salário, o lucro do capital e a renda da terra, a divisão do trabalho...), apresenta a condição de trabalho do homem, em seu processo de alienação e estranhamento, sua miséria aumentada na relação inversa à do capitalista que fica cada vez mais rico, mostrando que o que vale é o interesse do capitalista e o que o preocupa é a ganância e vencer outros capitalistas, gestando duas classes (a dos proprietários e dos trabalhadores). Marx afirma que a economia nacional não aprofunda a essência dos fatos sócio-históricos, antes os explica se utilizando de justificativas que, por si mesmas,

não são reais⁶⁶, mostrando que se originam como consequência do desenvolvimento do sistema da propriedade privada (Cf. MARX, 2010a, p. 23-90). No decorrer dos capítulos⁶⁷ dos *Manuscritos*, Marx (2010a, p. 87) demonstra a condição vivida pelo trabalhador, como ele se constitui em um ser separado da essência subjetiva - a propriedade, e ao se objetivar origina a perda de si mesmo, restando-lhe a luta diária por sua sobrevivência, numa condição de trabalho que o desrealiza e desumaniza.

Pela produção o trabalhador, inserido na propriedade privada, somente é sua força de trabalho. O produto do trabalho nasce dele, mas lhe é alheio e estranho; quem o produziu não tem poder e controle, ao mesmo tempo volta-se contra quem o produziu, o domina, são estranhos à sua vontade e são comandados pela lógica capitalista e mecanicista. Nesta perspectiva, Chagas (1994, p. 26) afirma que o objeto “[...] deixa de ser para o trabalhador seu próprio ser objetivado para ser apenas um objeto estranho que o enfrenta, o escraviza”. A vida do trabalhador é esmaecida na produção do objeto, mas agora o homem pertence ao objeto e mais despertencido se tornará. Quanto mais o trabalhador se estranha do produto exteriorizado, mais a sua atividade se torna alheia, mais sua essência é deformada pela repetição unilateral de uma ação. Isto porque o homem, em sua essência, não nasceu para tal execução, ela vai contra sua natureza genérica, e ao ser negada e suprimida produz insatisfação, infelicidade, frustração e oposição aos outros homens (Cf. CHAGAS, 1994, p. 26-27).

O estranhamento do homem na essência do trabalho é mascarado. Ao desconsiderar a relação entre homem-trabalho-produção, faz do homem uma mercadoria miserável, aumentando na proporção de sua produção. Marx salienta que, por desconsiderar o ser humano, o mundo das coisas é supervalorizado, e ele passa a ter uma vida dupla,

[...] não só mentalmente, na consciência, mas também na realidade, na vida concreta; ele leva uma vida celestial e uma vida terrena, a vida da comunidade política, na qual ele se considera um ente comunitário, e a vida na sociedade burguesa, na qual ele atua como pessoa particular; encara as demais pessoas como meios, degrada-se a si próprio à condição de meio e se torna um joguete na mão de poderes estranhos a ele. A relação entre o Estado político e a sociedade burguesa é tão

⁶⁶ A economia política omite e direciona o olhar para outro aspecto, como no exemplo da relação salário e lucro do capital, em que afirma que o interesse do capitalista é a razão última, nisso supõe-se o que deve desenvolver (Cf. MARX, 2010a, p.79).

⁶⁷ Conforme desenvolvido nos capítulos 1 e 2 desta dissertação.

espiritualista, quanto a relação entre o céu e a terra (MARX, 2010c, p. 40).

O trabalhador vive uma condição confusa e não compreende o que está em jogo, está submerso na busca pelo atendimento às carências humanas e, por isso, não consegue entender por que deve empenhar o corpo e sua vida. A discussão e/ou busca pela essência da desconstituição humana, pelo trabalho exteriorizado (*Entfremdete Arbeit*) que se consolida, e da economia nacional, faz Marx (2010a, p. 87) considerar que se está no movimento e é consequência da propriedade privada. Marx (2010a, p. 88) afirma ainda que a propriedade privada é “[...] por um lado, o *produto* do trabalho exteriorizado e, em segundo lugar, que é o *meio* através do qual o trabalho se exterioriza, a *realização desta exteriorização*”.

Assim, quanto mais a propriedade privada é ampliada, em igual medida os processos de alienação e estranhamento são ampliados. Esta condição não dá margem para o processo de desestranhamento, Marx (2010a, p. 88) cita que com a possibilidade de aumento de salários, no qual, “[...] nada seria além de um melhor *assalariamento do escravo* e não teria conquistado nem ao trabalhador nem ao trabalho a sua dignidade e determinações humanas”, esse salário é a consequência tanto do trabalho estranhado, que tem como causa a propriedade privada, como o ganho de capital, a acumulação, o dinheiro são expressões determinadas pelos capitalistas, dentro de uma contingência da propriedade privada.

O que Marx nos mostra nos *Manuscritos*, principalmente no que se refere aos processos de alienação e estranhamento e da evolução da propriedade privada, é que sob o ponto de vista do trabalhador, em qualquer condição que esteja, não adquirirá dignidade nem determinação humanas. Marx (2010a, p. 89) discorre no texto que os proprietários do capital falam da propriedade privada como algo externo ao homem. Isso porque o capitalista pode ter uma atitude voraz diante de seus subordinados, faz os trabalhadores acreditar que não é ele capitalista que está exigindo tal resposta, mas sim a empresa – outro *ente* externo e que não é o capitalista.

Contudo, Marx (2010a, p. 89) nos mostra que a essência universal da propriedade privada tem relação com a propriedade verdadeiramente humana. Isso indica que o homem ao estar inserido nesta estrutura e em uma condição de estranhamento, está aclimatado, naturalizado, tornou-se um cidadão dentro da estrutura

da propriedade privada, o que faz com que a apropriação apareça como estranhamento e exteriorização (alienação). Marx revela o trabalho exteriorizado e faz uma análise sob a ótica do trabalhador e consigo mesmo, ao apresentar a relação deste com o trabalho exteriorizado e com o beneficiado deste resultado: o não trabalhador, detentor da

[...] propriedade privada, como expressão material, resumida, do trabalho exteriorizado, abarca as duas relações, a relação do trabalhador com o trabalho e com o produto do seu trabalho e com o não-trabalhador, e a relação do não-trabalhador com o trabalhador e [com] o produto do trabalho deste último (MARX, 2010a, p. 90).

Desta forma, ao observar algumas contradições que ocorrem entre o trabalhador e o não trabalhador, isto é, “[...] tudo o que aparece no trabalhador como atividade de exteriorização, o estranhamento, aparece no não trabalhador como estado da exteriorização, do estranhamento” (MARX, 2010a, p. 90); logo, o comportamento efetivo do trabalhador para com o produto e na produção aparece no não trabalhador como um comportamento teórico, que ele projeta teoricamente para que o trabalhador, com sua força de trabalho, a realize, ou seja, “[...] o não trabalhador faz contra o trabalhador tudo o que o trabalhador faz contra si mesmo, mas não faz contra si mesmo o que faz contra o trabalhador” (MARX, 2010a, p. 90).

Isso revela que, enquanto o trabalhador está totalmente perdido em si, transformado em uma mercadoria, sua propriedade humana, seu trabalho, vale quando o é útil para o capital “que lhe é *estranho*”. A perpetuação da classe trabalhadora ocorre por meio do salário, pago pelo próprio trabalhador. Nesta condição, a subjetividade lhe é suprimida, seu produto é resultado de uma ação de dor e martírio; neste processo de produção estranhada, tornam-se competidores, em lugar de cooperadores e construtores de uma sociedade melhor (Cf. MARX, 2010a, p. 90), contudo o que se pode esperar, é que a mudança não virá do não trabalhador, detentor da propriedade privada, porquanto ele sempre fará tudo contra o trabalhador, em seu benefício próprio.

Perdido em si, o trabalhador está dentro da estrutura do capital. Como capital e trabalho são estranhos entre si, o primeiro porque se refere ao capitalista, e o segundo porque o trabalho é estranho ao homem. O homem somente é, enquanto trabalhador e capital vivo, apenas quando o capital o enxergar assim, caso contrário resta-lhe morrer de fome. Isso faz com que o homem somente consiga viver na sociedade capitalista como trabalhador e produtor inconsciente de mercadorias, e não livre.

O homem ou é capitalista ou trabalhador, fora desta contingência não é cidadão. Se o homem não possui um título/atuação profissional para dizer a quem pergunte⁶⁸, o representar na sociedade ou submeter-se para receber um salário miserável que lhe dê sobrevida, uma função social e/ou *status*, começa a ser ignorado e rechaçado de determinados grupos sociais⁶⁹, ele nada será. Assim, pelo trabalho, o homem se autoproduz como mercadoria inconsciente de si e, ao decidir fazê-lo, contribui para que o capital aumente para o capitalista, assim o homem,

[...] não somente como uma *mercadoria, a mercadoria humana*, o homem na determinação da mercadoria; ela o produz, nesta determinação, precisamente como um ser *desumanizado (entmensches Wesen)* tanto *espiritual* quanto corporalmente – imoralidade, deformação, embrutecimento de trabalhadores e capitalistas (MARX, 2010a, p. 92-93).

Observar o aspecto da deformação, corporal e/ou espiritual do trabalhador, dá indicativos da relação entre o homem-trabalho-propriedadeprivada-capital. Nesta relação, Marx (2010a, p. 93) aponta que o homem mortifica-se diariamente na construção de “[...] seu pleno nada no nada absoluto e, portanto, na sua efetiva (*wirkliche*) não existência”, da mesma forma que este homem, pela “[...] produção do objeto da atividade humana como *capital*, no qual toda a determinidade natural e social do objeto está *extinta*”, é indicado pelo autor como aquele que contribui para a perda das qualidades natural e social, originada na propriedade privada, do mesmo modo que o capital, em sua condição, gera a indiferença entre os homens.

Marx (2010a, p. 97) aborda como a relação entre homem-trabalho-propriedade privada-capital se desenvolve. Inicialmente pelo capital e trabalho, primeiramente unidos, depois são separados e estranhados; essa condição dá lugar ao capitalista e ao trabalhador que numa contraposição de ambos, esforçam-se em arrancar a existência um do outro; num terceiro momento, o mesmo ocorre com o capital–trabalho acumulado que o trabalhador contrapõe contra si mesmo, de forma hostil, isto porque existe um

⁶⁸ Nesta cabe um desafio de observar uma conversa de pessoas que estão se conhecendo, em que após se apresentarem, já dão indicativos da profissão, onde trabalham, onde moram. E conforme essa for (se lhe gera mais *status* ou não), vai-se alongando a conversa para que, de forma estruturada e intencional, possam num futuro utilizar-se dessa nova relação.

⁶⁹ Neste caso, se pode observar as pessoas com quem se convive. Normalmente, possuem perspectivas e nível financeiro próximos aos nossos, já se forem pessoas que destoam da “nossa normalidade” estranhamos e nos afastamos. Aqui, cabe uma reflexão, no que tange à necessidade de novos encontros, novos pontos de vistas e, conforme se aborda no capítulo 3, podem significar novas formas de reencontro com o outro humano, nas suas múltiplas possibilidades de desestranhamento.

quantitativo de homens que produzem para outro, por não possuírem controle sobre seu próprio trabalho, e entre capitalista e trabalhador é mantida uma relação de estranhamento, contudo diferentes, pois o trabalhador adquire miséria, sofrimento e desumanização e o capitalista riqueza, deleite e satisfação (Cf. CHAGAS, 1994, p. 27).

Assim sendo, a produção realizada pelo trabalhador cria um mundo irreal e externo ao homem, tornando-se um ser estranho e independente que rouba sua liberdade, isto é, a “[...] *objetividade externa sem pensamento* é suprimida na medida em que a propriedade privada se incorpora ao próprio homem e reconhece o próprio homem enquanto sua essência – mas, assim, o próprio homem é posto na determinação da propriedade privada” (MARX, 2010a, p. 99).

Estar determinado pela propriedade privada, é estar em condição estranhada (*Entfremdung*). É estar absorto, tornando-se essência da propriedade privada, e enquanto não ser, fazem da propriedade privada figura ativa e sujeito do processo. Marx (2010a, p. 100) ressalta que “[...] o que antes era *ser-externo-a-si (sich Äusserlichsein)*, exteriorização (*Entäusserung*) real do homem, tornou-se apenas ato de exteriorização, de venda (*Veräusserung*)”. Essa exteriorização (*Entäusserung*) real do homem, refere-se ao trabalho que, assim como o produto, é determinado. Desta forma, importa que o trabalho como categoria fundante do ser social em sua “[...] completa absolutidade (*Absolutheit*), isto é, abstração, seja elevado a *princípio*” (MARX, 2010a, p. 101), mas, neste caso, princípio de desenvolvimento e desestranhamento humano.

CAPÍTULO 3

4. DESESTRANHAMENTO: O REENCONTRO COM O HUMANO

Neste capítulo pretende-se destituir da propriedade privada o ente capaz de realizar o homem plenamente, na medida em que ela constitui e consolida no homem sua condição de estranhamento. Dessa condição, será vislumbrado um caminho inverso ao da alienação e estranhamento, para que, por meio de uma atividade autoconsciente, o homem ao desestranhar-se trilhe seu retorno à própria essência e à natureza, ou seja, sua emancipação.

4.1 Por onde começar?

Mediado pelo capitalismo, enquanto relação social de produção que afasta o trabalhador das condições objetivas do trabalho e do trabalho vivo⁷⁰, o homem se vê numa condição de permanente expropriação⁷¹. Os processos de alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*), assim, aparecem-lhe como uma realidade que é transformada em sua realidade, sua dependência o torna incapaz de agir sobre ela, pois a relação desenvolvida é de reprodução. Pela alienação (*Entäusserung*), o homem é impedido de compreender sua constituição histórica, a totalidade do trabalho desenvolvido e o que dele é gerado; particular e universalmente, não consegue dimensionar os conflitos gerados no meio em que vive e nas relações de trabalho, assim, fica impedido de contribuir ativamente para a construção da sociedade; enquanto que pelo estranhamento (*Entfremdung*), em virtude dos engendramentos existenciais entre os homens e inserido na propriedade privada, não se reconhece, impedindo que as alternativas de conscientização e do papel da subjetividade humana ocorram nos processos históricos, bem como de se reconhecer, reconhecendo o outro, a natureza e

⁷⁰ O trabalho não consiste somente em fazer coisas, ou seja, fazer coisas para garantir o sustento biológico, enquanto forma de se apropriar do mundo, mas ele também forma, dá forma (consciente ou alienada e estranhada) e constrói o próprio homem. Trabalhar, ressalta-se, não é um ato menor que somente supre as necessidades. Trabalhar é a própria condição pela qual nos tornamos humanos, é lá que nós construímos nossa humanidade, que somos o que somos a partir da especificidade do nosso fazer.

⁷¹ Essa permanente expropriação é fortalecida quando aceitamos ingenuamente, e nos conformamos, com tudo o que é grandioso, instituído e a nós imposto pela classe dominante.

seu trabalho. Desta forma, a atividade produtiva, realizada na propriedade privada, gera objetivações e, em lugar de emancipar, reduz o homem a uma mercadoria. A riqueza por ele produzida se transforma em capital, resultado das interações que realiza historicamente entre ele–natureza–produtos–outros homens e que determina seu ser social.

Como desestranhar? Como fazer do estranhamento o estranhamento? Como fazer a negação da negação? Pois o estranhamento é uma negação da negação. A primeira negação é a passagem do *em si* à alienação, que é uma negação. Você nega o *em si*, passa para o *para si* e se objetiva. Depois há uma segunda negação, a negação da alienação para o estranhamento, pois no estranhamento, há um ser estranho ali no meio, não pertence àquelas relações entre o homem e a natureza. E a terceira negação, a negação do estranhamento, o desestranhamento, a negação da negação. Nessa terceira negação há os problemas mais amplos e, do ponto de vista de Marx, esse desestranhamento do estranhamento só se consome, só se torna algo mais efetivo, com a revolução e a expropriação da propriedade capitalista, a propriedade privada, bem como com a aniquilação social do empresário capitalista e a restauração dessas relações apenas de alienação.

Desse ponto de vista, podemos inferir que, se quisermos que o produto do trabalho humano se reencontre com seu produtor, é preciso fazer o caminho inverso do estranhamento. É preciso ter claro que, ao envolver a existência exterior do homem, seu processo de produção individual, enquanto atividade e produto desenvolvidos, em sua vida e na relação com os outros homens, o estranhamento obstaculiza a construção dos caminhos para a emancipação humana. Ranieri salienta que:

[...] uma vez desvendada a natureza social do trabalho desvendam-se, igualmente, os caminhos para a compreensão da desigualdade socioeconômica e, conseqüentemente, sua superação: é somente na compreensão do objeto do trabalho como objeto que, ao mesmo tempo, supre e cria necessidades que repousam, por um lado, o sentido da sociabilidade e, por outro, a chave de seu coroamento numa sociedade emancipada (RANIERI, 2001, p. 29).

A natureza social tem a ver com relações sociais que o homem estabelece com os outros homens e com as relações de produção (o salário, o ganho de capital, a propriedade privada, o trabalho). O trabalho deve representar uma ação consciente, tendo clareza do fim que se pretende alcançar, enquanto atividade vital ao homem e à

construção da história que ela representa. A transformação da natureza em produtos para a satisfação humana é ampliada quando representa o atendimento às necessidades sociais, no qual o homem vai transformando seu gênero. Mas esse processo não reside somente no próprio homem, antes é ampliado para a humanização de todos os homens, de forma que, conscientes, construam sua liberdade, compreendam e autoconstruam sua potência social. Ranieri (2001, p. 67) afirma que na natureza humana há uma real potencialidade no homem, um caminho “[...] para a recuperação do ser genérico do homem e a de sua própria atividade, e que essa atividade historicamente determinante das formas humanas de ser e operar estava contida na categoria trabalho”, categoria base de todos os tipos e formas de atividade.

A relação que o homem tem com a natureza, é potência da atividade humana e do desenvolvimento “[...] da sociabilidade na história” (RANIERI, 2001, p. 160). O homem pode alçar caminhos para o resgate de seu ser genérico em sua atividade, no produto e com os outros homens, pois as contradições, que antes eram naturalizadas, ao tornarem-se conscientes começam gradativamente a passar por modificações, no momento em que as potencialidades intrínsecas ao homem são reconhecidas, desenvolvidas e aprimoradas. Na medida em que a dependência se transforma em interdependência, o que era interesse individual se transforma em interesse coletivo, mas, de forma organizada e consciente, pode-se ver em suas objetivações elementos não da propriedade privada, mas da propriedade de todos.

Na perspectiva da propriedade privada, a negação contribui para definir a especificidade⁷² do que se pretende identificar com profundidade no elemento objetivado. Se toda determinação é negação, na gênese do trabalho, o elemento negado é algo determinado – quando se determina algo a outro é imposição –, e ao negá-lo é possível defini-lo, isto é, ao se definir algo pelo que ele não é, este não ser identificado nesse algo negado, torna possível definir o conteúdo daquilo que realmente este algo é (Cf. RANIERI, 2001) e assim determinar o que se deseja como ideal.

Conhecer e conceituar as circunstâncias ideais na execução de seu trabalho, confere ao homem condições para compreender sua inumanidade, resultante do processo histórico, identificado principalmente por meio das ações do homem. Se as

⁷² A especificidade congrega o valor do trabalho em si e o valor de uso, ou seja, são os produtos do trabalho, o quanto eles têm do fruto do trabalho humano e qual o trabalho usado na fabricação.

ações forem realizadas somente de forma prática, não desenvolvem condições emancipadoras e desestranhadas, ao contrário, é pelo potencial libertário, enquanto potência humana contida no homem, que o trabalhador constrói esse caminho. Essa potência capacita o homem a conhecer a diferença quando a consciência sabe que a objetivação é parte dela mesma, e sabendo dessa diferença e o que faz parte dela enquanto conhecimento, ela vai se saber diferente dele. Ranieri (2001, p. 43) afirma que “[...] a simples consciência desta ruptura não é suficientemente forte para fazê-la retroceder ao patamar do indivíduo íntegro”. A ruptura de que o autor fala é entre indivíduo e gênero, ou seja, em vez de o homem colocar suas qualidades em prática, um outro determina que ele as cumpra.

Assim, o desestranhamento se realiza pela reversão, dentro da estrutura capitalista, dos efeitos por ele causados, de forma que possibilite o reencontro do trabalhador do homem e na relação com os outros homens, com seu gênero, com sua atividade e com o produto do seu trabalho, tanto no processo de produção como em sua sociabilidade, do mesmo modo que desenvolve a reflexão e o entendimento sobre como o homem e a natureza se inter-relacionam. Superar a propriedade privada no seio da sociedade capitalista e tornar-se sujeito autônomo, requer que se pense, como referência, no que não se deseja, em vencer a frieza das relações nessa sociedade; requer uma nova ética, novas relações, nova cultura; requer pensar e produzir conhecimentos e no atendimento das carências coletiva, cooperativa, social e solidariamente; requer baratear valores, enxugar a jornada de trabalho – fazendo o necessário; requer uma ideologia contrária ao consumo, que descentralize e partilhe as informações, os processos⁷³; requer que, no interior do homem, a libertação dos processos de alienação e estranhamento sejam desejados. Sobral, nesta perspectiva, afirma que:

[...] A atividade vital precisa ser pensada e dirigida pelo homem. Eis a sua especificidade humanizada. A lucidez na produção é o centro; uma lucidez voltada para si e para a espécie. A liberdade é o estabelecimento da atividade consciente sobre a atividade produtiva. Aqui não está colocada uma prevalência da espécie sobre o indivíduo, o que seria estabelecer novamente um elemento externo de controle, mas o de uma “igualdade”, inclusive nas decisões humanas. Não está

⁷³ Neste caso, pode-se usar o exemplo das produções de software livre. Em que há um investimento por parte de quem produziu, mas esse material não servirá somente para quem o produziu, enquanto rendimentos financeiros, mas para a sociedade – como no caso do BrOffice, programas de libras, etc. Nesta partilha com a sociedade, os processos podem ser melhorados e servir, cada vez mais, a um maior número de pessoas.

negada a individualidade, ao inverso a individualidade só se realiza em uma sociedade genérica (SOBRAL, 2005, p. 124).

Ao contrário dessa ideologia proposta, quando a emancipação não ocorre, outra ideologia quer manter o ser humano sob seu jugo, visando a continuidade do poder inserido nas formas políticas, na construção histórica, nas ideias, valores e interesses universais, nas representações e valores defendidos de uma estrutura incorruptível, pois ela é ‘a única forma possível’ de se poder viver. Como são historicamente construídas, essas ideologias estão introjetadas no homem, que acredita serem normais, mas é uma falsa consciência que, por sua produção material, ele possa identificar a ideologia permeada nas relações sociais. Relações estas que, perante o capital e o trabalho estranhado, a individualidade do homem se opõe em relação às condições materiais.

O homem liberto do estranhamento do trabalho, é um homem que conseguiu superar-se e resgatar sua essência humana, por meio do trabalho humano. Para isso, ele precisa descobrir-se estranhado por isso que o processo de desestranhamento é inverso ao do estranhamento e, a partir do que não é – pela negação submetida –, descobrir as possibilidades de sua superação, proporcionando plenitude à sua individualidade, desde que esta esteja inserida dentro de uma universalidade articulada, genérica. Contudo, esse estado de consciência e de articulação entre individualidade e universalidade não representa a emancipação humana, pois requer o enfrentamento com o capital e o trabalho. Assim sendo, primeiro o homem precisa desestranhar-se do homem e na relação com os outros homens, com seu gênero, com sua atividade e com o produto do seu trabalho para que, consolidado, possa construir bases sólidas em seu enfrentamento com o capital e o trabalho, visando sua emancipação (Cf. RANIERI, 2001, p. 48).

Como então resgatar a essência humana, por meio do trabalho? Para Marx, nas *Teses sobre Feuerbach* (1999, nº 6), ela “[...] não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na realidade ela é o conjunto das relações sociais”, ou seja, na medida em que o homem se relaciona socialmente, se reconhece enquanto indivíduo, já não está mais só em seu egoísmo, dado que suas relações visam um bem comum. Por isso, Marx defende a necessidade da humanização socializada que pode ser desenvolvida pelo trabalho e, concomitantemente, por processos educativos reflexivos que vislumbrem o respeito para com a natureza, seu ser genérico e com os outros homens, da mesma forma que conhecer a natureza e o trabalho que desenvolve, o capacita a congruir a

atividade humana de modo consciente para um fim. Ranieri diz que, para Marx, a essência humana diz respeito:

[...] à disponibilidade histórica do homem tornar-se social por meio de suas relações e interações mundanas a partir do domínio da natureza e da organização do trabalho. [...] A humanização do homem é, nesse sentido, produto da diversidade originária da essência (que existe *em e para si mesma*) e não da história (RANIERI, 2001, p. 129).

Mesmo que a história constitua o gênero humano, ela pode ser conhecida mediante a ação consciente? Esse conhecimento é realizado pelo trabalho, nele o homem constitui a sua essência humana, ou seja, sua humanidade e seu ser social. Torna-se insustentável pensar na essência, na vida e na sociabilidade humana, sem pensar no trabalho, na forma como o homem vive e constrói sua vida material, de maneira que vise à sua sociabilização, do pensamento, e sua humanização. As relações estabelecidas entre os homens, na dinâmica do relacionamento social, pode comprometer a possibilidade de desestranhamento ou emancipação, “[...] por este motivo que a perspectiva do ‘desestranhamento’ é aquela que toma como ponto de partida o trabalho humano, pois o estranhamento manifesta-se historicamente como objetivação e apropriação” (RANIERI, 2001, p. 9). Tomando como ponto de partida o próprio Marx (2010b, p. 151), esse autor nos instiga a irmos à raiz, “[...] mas a raiz, para o homem, é o próprio homem”.

O trabalho humano terá como referência a perspectiva histórica, incorporando as objetivações, apropriações e também o que foi expropriado do homem. Nesta contingência, as forças produtivas desenvolvem-se, atingem e transformam a genericidade humana, de sorte a adequá-las à lógica do capital. Para subsumir, o homem precisa reconhecer-se numa determinada condição inicial. Este reconhecer-se, essa consciência, dar-lhe-á referência como uma determinação inicial, para estabelecer critérios de não concordância e, a partir deste ponto, opor-se ao poder do capital, transcender-se a si mesmo, na medida em que se emancipa das condições do trabalho (RANIERI, 2001, p. 9).

4.2 Caminhos para o desestranhamento

Mesmo que se deseje fazer uma distinção entre os caminhos para o desestranhamento do homem e na relação com os outros homens, com seu gênero, com sua atividade e com o produto do seu trabalho, estes processos se interconectam, pois no momento em que uma ação para o desestranhamento está sendo desenvolvida, concomitantemente, outro desestranhamento está sendo mobilizado e reconstruído. Mesmo que se deseje fazer essa distinção, não se fica somente no aspecto a ele relacionado, antes é ampliada, assim como o homem se constrói em suas múltiplas relações.

4.2.1 *O desestranhar-se do homem e na relação com os outros homens*

A história do homem foi construída, afastando-o dele próprio, na relação com os outros homens e com a natureza. A ganância ocasionou desrespeito ético. Pelo trabalho, com finalidade exploratória e negativa do homem, é que o estranhamento é fomentado. O homem, nessa conjuntura, estranha-se a si mesmo “[...] na medida em que o trabalho estranhado rebaixa a atividade humana a mero *meio* de subsistência, a própria vida humana transforma-se num *meio* de efetivação da atividade estranhada” (RANIERI, 2001, p. 62). Chegado a esse ponto, o homem não detém a relação com os outros homens, pois não possui referência própria, ao contrário, parte da perspectiva do capital, que não intenciona essa relação.

Marx, contudo, pretende pelo processo de desestranhamento a

[...] reconciliação do homem consigo mesmo, com a natureza⁷⁴ e com seu semelhante, baseada no fato de o homem ter gerado a si próprio no decurso da História [...], e na *história*, não em uma situação que *transcenda* a história, se acha a salvação do homem. Significa isso estarem as metas espirituais do homem inseparavelmente ligadas à transformação da sociedade; a política fundamentalmente não é um domínio capaz de ser divorciado dos valores morais e da auto-realização do homem (FROMM, 1979, p. 67).

Marx cita que a economia nacional, ao criar o desejo pelo capital, pretende anular o homem, enrudecê-lo, negligenciá-lo, torná-lo egoísta, impedi-lo de

⁷⁴ Cabe aqui uma reflexão sobre a urgência do desestranhamento em relação à natureza, pois não a reconhecemos mais como sendo um organismo vivo, e uma condição fundamental de nossa existência. Carece do reencontro entre as ciências humanas e as ciências da natureza.

compartilhar com os outros homens; objetiva que renuncie à vida, mas consiga guardar míseras moedas para consumir individualmente, é pois uma

[...] autorrenúncia, a renúncia à vida, a todas as carências humanas, é a sua tese principal. Quanto menos comeres, beberes, comprares livros, fores ao teatro, ao baile, ao restaurante, pensares, amares, teorizares, cantares, pintares, esgrimires etc., tanto mais tu *poupas*, tanto *maior* ser tornará o teu tesouro, que nem as traças nem o roubo corroem teu capital. Quanto menos tu *fores*, quanto menos externares tua vida, tanto mais *tens*, tanto maior é a tua vida *exteriorizada*, tanto mais acumulas da tua essência estranhada (MARX, 2010a, p. 142).

Essa reconciliação não somente percorre o aspecto visível do homem, mas de sua essência, e requer pensar no que não foi pensado. Ranieri (2001, p. 59) refere que: “[...] segundo Marx, não pode ser atribuído ao elemento abstrato, mas à forma concreta de posição, reposição e autoprodução dos homens”, ou seja, é pela prática que o homem demonstra seu pensamento; pelo aspecto concreto tem-se a abstração, quando ele intenciona a busca pelo seu autoentendimento provoca mudanças tanto no pensamento quanto na prática, porque nela incidiu a reflexão.

Incide sobre a ação do homem uma perspectiva socialista, que prevê liberdade, mas esta condição só se efetiva, por meio da igualdade social, que não é o mesmo que igualdade de oportunidades (esta condição é encontrada na condição capitalista). A igualdade social exclui a exploração do outro homem e se efetiva, portanto, na relação entre os homens, e destes, por sua vez, com a natureza, numa condição de respeito, liberdade e igualdade entre eles. Juntos rumam para a construção de uma nova sociedade, em que o trabalho possa servir a todos indistintamente. Marx (2010a, p. 145) afirma que a “[...] igualdade não é outra coisa senão o eu = eu (*Ich = Ich*)”, isto é, como homens iguais, mas com capacidades e talentos distintos, para construir uma sociedade integrada.

A construção histórica realizada pelo homem, por meio de sua atividade, é ao mesmo tempo produto objetivo e subjetivo, e resultado de intencionalidades que nem sempre são controláveis, pois a ela está interligado o conjunto social, que, num primeiro momento, recebe influência da relação homem-natureza e, posteriormente, das diversas intencionalidades e consciências dos demais homens.

Partindo do princípio de que a emancipação do indivíduo é a emancipação do gênero humano, Marx, no caderno III dos *Manuscritos*, considera a necessidade do

comunismo⁷⁵ como alternativa para o homem como produtor de sua existência. Então como se pode esperar que, dentro de um ambiente capitalista, os resultados tenham como referência uma sociedade equânime? Somente poderá haver homens humanizados, quando eles assim o desejarem, ou seja, é um movimento interno que inicia neles próprios e transcendo à sociedade. Nesta relação imbricada entre os homens e a sociedade, Marx salienta que:

[...] a essência *humana* da natureza está, em primeiro lugar, para o homem *social*; pois é primeiro aqui que ela existe para ele na condição de elo com o *homem* na condição de existência sua para o outro e do outro para ele; é primeiro aqui que ela existe como *fundamento* da sua própria existência *humana*, assim como também na condição de elemento vital da efetividade humana (MARX, 2010a, p. 106-107).

O homem, enquanto ser social, somente conseguirá evoluir para uma dimensão de desestranhamento, quando entender que é necessário unir o aspecto da existência biologicamente natural com sua condição social⁷⁶. Então, entenderá que é essa relação que articula todos os homens, o homem com sua subjetividade e seu produto, a sociedade e sua atividade. Por esta ação gradativa, se desenvolve um novo modo de existência que fruirá socialmente, quando essas ações e as expressões sensíveis que o homem cria e frui, pessoalmente e socialmente, estiverem em harmonia com a natureza.

4.2.2 O desestranhar-se do ser genérico

Nos *Manuscritos*, ao abordar a “propriedade privada e comunismo” no caderno III, Marx (2010a, p. 103) indica que a “[...] supressão do estranhamento-de-si faz o mesmo caminho que o estranhamento de si”, quando o gênero não se reconhece em sua origem, suas raízes históricas, o homem estranha-se em seu ser genérico. Assim, o ser genérico se constrói historicamente, quando o homem se enxerga e se realiza no que desenvolve, o gênero é o objeto da atividade e resultado de sua essência. O ser genérico-social se constrói no movimento equilibrado entre as particularidades do homem, e a

⁷⁵ Em outra referência nos *Manuscritos*, Marx (2010a, p. 145) afirma que o comunismo “enquanto negação da negação, enquanto apropriação da essência humana que se medeia consigo mesma, mediante a negação da propriedade privada, por isso não é ainda, enquanto a verdadeira posição, posição por si mesma, mas antes começando a partir da propriedade privada”.

⁷⁶ No que tange a esta união social, Marx (2010a, p. 145) infere que “quando os *artesãos* comunistas se unem, vale para eles, antes de mais nada como finalidade, a doutrina, a propaganda, etc. Mas ao mesmo tempo eles se apropriam, dessa maneira, de uma nova carência, a carência de sociedade, e o que aparece como meio tornou-se fim”. Sua união tem a sociedade como um fim.

história construída pela totalidade dos homens e pelo trabalho realizado enquanto atividade vital e consciente que se constrói pela sua relação livre com o produto, de forma que o resultado de seu trabalho, além de satisfazer as necessidades humanas, possua uma finalidade social e universal.

O trabalho, na sociedade capitalista, limita a potencialidade do homem que, por meio de uma atividade mecânica e fragmentada, o torna infeliz e ao não possuir domínio sobre o que é objetivado, sua atividade o direciona à produção de riquezas sociais reificadas. O homem ao produzir neste padrão da sociedade capitalista, tem *em si* um diferente, que ele não é, potencializando a sua destruição enquanto ser genérico.

Apesar de Marx não se ter detido a estudar a individualidade do homem no aspecto psíquico, aprofunda a exploração por ele sofrida, expressa na dinâmica do capital. Nessa discussão do autor figura uma reflexão que aponta para a sensibilidade e particularidade do indivíduo, como expressão de um todo social, da mesma forma que este todo social e universal é constituído pelas particularidades que se expressam; e diz inclusive que “[...] a vida individual e a vida genérica do homem não são diversas” (MARX, 2010a, 107), da mesma forma que a individualidade e a sociabilidade, as objetivações e as subjetivações coexistem harmonicamente. Assim como sua vida individual é manifestada, assim também sua vida social é manifestada pela inter-relação com os demais homens.

Quando Marx (2010a, 107) afirma que: “[...] como *consciência genérica* o homem confirma sua *vida social* real e repete apenas no pensar a sua existência efetiva, tal como, inversamente, o ser genérico se confirma na consciência genérica, e é, em sua universalidade como ser pensante para si”, isso significa que na medida em que o homem vai atingindo um nível de consciência sobre sua atuação e da sociedade, ele poderá agir de forma tal que seja determinado por sua consciência. Sobral (2005, p. 128) corrobora ao enunciar que “[...] somente quanto há a produção consciente de um organismo social e do indivíduo humano é que a vida genérica supera a vida alienada [*Entfremdung*]”, ou seja, numa vida genérica consciente. Assim, além de distinguir-se dos demais animais, suas objetivações não são mais orientadas por uma determinação individual, mas sim social, e de forma livre e consciente desempenhará sua atividade para toda a sociedade. Portanto, desestranhar-se de sua própria atividade influi

concomitantemente no ser genérico do homem, que somente se realiza fora da propriedade privada⁷⁷.

O homem, por representar a existência da sociedade, utiliza-se de uma diversidade de possibilidades humanas para ressocializar sua consciência genérica com sua vida social e, pelo processo histórico-cultural de reintegração de sua vida genérica na humanização produzida pelo trabalho, por sua vez, infere o desestranhamento na relação com outros homens e se reconhece como indivíduo com suas carências e, à medida que realiza suas objetivações, cria alternativas para satisfazê-las. Ao mesmo tempo que o homem se desenvolve, ele frui de suas objetivações e das relações estabelecidas com os outros homens, pela linguagem sociabiliza-se e contribui para que a sociedade se transforme e frua. Esta sociedade é compreendida enquanto relação entre homens, natureza e o trabalho, em que o homem, em sua individualidade e socialidade, se satisfaz. Esse processo, contudo, desenvolve-se por meio de uma ação dialética, um confronto que promove o surgimento do novo, mas não de forma a suplantá-la uma das partes, ao contrário, ambas fazem parte do resultado e coexistem harmonicamente, “[...] como os órgãos são imediatamente em uma forma como órgãos comunitários” (MARX, 2010a, p. 10).

O movimento dialético, neste caso, atua como um movimento tensionador entre as partes, articulando o saber de cada uma delas, a experiência de vida e suas objetivações. É, pois, a relação entre o aspecto subjetivo e a universalidade originada das subjetividades sociais, que Marx (2010a, p. 108) ressalta ser capaz de contribuir para que o homem vivencie sua existência plena, apropriando-se da essência humana plenamente desenvolvida, apropriando-se de sua “[...] essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como homem total”, ou seja, livre da propriedade privada e podendo existir plenamente.

⁷⁷ Desestranhar-se, portanto, do ser genérico do homem, implica pensar fora da propriedade privada, mas para isso é preciso pensar fora da perspectiva do dinheiro. Marx (2010a, p. 159) afirma que o dinheiro, enquanto força divina, “[...] repousa em sua essência enquanto ser genérico – estranhado, exteriorizando-se e se vendendo (*sich veräußernden*) - do homem”, contribui para refletir a necessidade do homem conhecer historicamente seu desenvolvimento e a partir dele inferir o grau de dominação em sua vida. Até que ponto ele “é a força *verdadeiramente criadora*” que transforma meus desejos, atende minhas carências, “é a diferença entre ser e pensar, entre a pura representação existindo em mim e a representação tal como ela é para mim, enquanto objeto efetivo fora de mim”, ou seja, o dinheiro cria um falso ser no homem e este vive uma fantasia, é individualista e o transforma conforme seus interesses, é “[...] o mundo invertido, a confusão e a troca de todas as qualidades naturais e humanas” (MARX, 2010a, p. 159).

Marx (2010a, p. 108) também salienta que essa apropriação do homem não ocorre somente de forma teórica, mas se constrói nas “[...] relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim, todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários”. Estas relações significativas são próprias do homem e somente podem ser compreendidas a partir de si, e não a partir de elementos externos, ou seja, “[...] o significado humano da natureza é o próprio significado humano do homem, tal fato só existe em sua característica social, em uma sociedade que aboliu a alienação [*Entfremdung*] e se comporta como espécie e indivíduo genérico” (SOBRAL, 2005, p. 129).

É preciso religar o nexos social real, constituindo uma totalidade concreta pela articulação das particularidades, em sua relação pessoal com o mundo. Sua individualização ocorre na sociedade, e somente sendo concreto pode inter-relacionar sua vida individual com sua vida genérico-social, produção e consumo, meios e fins, ser e pensamento, em que o ponto de partida é o ser concreto, o que implica que haja interesses comuns de indivíduos conscientes, e não união por meio de interesses externos. O desestranhamento do ser genérico não concebe o aceite da propriedade privada, pois esta implica a existência de trabalhadores submissos e de uma terceira figura a do patrão que é *o si* estranhado; é preciso ter liberdade de expressão dentro da coletividade não egoísta, de indivíduos realizando-se em seus trabalhos.

O homem não conseguirá desestranhar-se de seu gênero, se não se desestranhar da relação com os outros homens. É um processo, um movimento que acontece primeiro na forma individual e concomitante com o outro, pois o homem não o é sem o outro e sem o movimento do trabalho; é, pois, “[...] um indivíduo *particular*, e precisamente sua particularidade faz dele um indivíduo e uma coletividade efetivo-*individual* (*wirkliches individuelles Gemeinwesen*)” (MARX, 2010a, p. 108); é o movimento que visa o ser, mas numa perspectiva omnilateral, isto é, por meio de um movimento que sai do homem, se integra com outros movimentos e se objetiva e volta para o homem.

O homem estranhado padece do enfrentamento entre trabalho e capital. Como gênero humano, não se realiza pelo trabalho, e individualmente afasta-se dele por não haver identidade em suas objetivações (Cf. RANIERI, 2001, p. 38), mas há a separação

entre essência e existência. O trajeto inverso ocorre pela práxis humana sensata, pela reapropriação da essência humana – separada do movimento da propriedade privada.

A atividade do homem é diversa da dos outros animais, pois nela expressa a consciência do seu fazer histórico, sua liberdade de escolha, podendo produzir universalmente, pois é membro da espécie humana. O desafio de desestranhar-se de sua vida genérica é comandar sua existência, contudo a essência da vida humana é o trabalho, “[...] na forma como vive e como produz e reproduz sua vida [...] [e] na medida em que é sujeito de uma atividade livre e consciente” (CHAGAS, 1994, p. 23-24). Sabe-se que a vida genérica é o exercício da essência humana pelo trabalho, quando realizado com lucidez no início deste processo de transição, mediante decisão quanto à mudança, é conscientizar-se em sua essência. Marx salienta que, pelo trabalho, o homem manifesta sua genericidade, ao sobrepujar a atividade dos animais, a qual está direcionada somente ao atendimento das carências imediatas de sobrevivência e proteção. A atividade desenvolvida é ele mesmo, é sua própria atividade, há uma identificação com ela, que se autoproduz, mas não há consciência; sua produção é unilateral, visa atender somente às suas carências físicas imediatas e da *specie* à qual pertence, e sabe instintivamente o que fazer do objeto (Cf. MARX, 2010a, p. 85).

Uma vez que o trabalho deixa de ser regulado pela propriedade privada e pela troca, os homens, de forma conjunta, buscarão novas formas de regulação em que as relações de produção tenham como referência a propriedade social, e a capacidade criativa e intelectual dos sujeitos possa ser compartilhada, superando assim a propriedade privada. Essa forma terá na atividade do homem como ser livre, consciente, recuperado, genérico “[...] sua apropriação da natureza, cada vez mais um gênero *para-si mesmo*” (RANIERI, 2001, p. 30).

Assim, na atividade genérica, o homem é capaz de transformar os produtos de seu trabalho, suas objetivações, em “[...] objetos humanizados: não é simples natureza, mas natureza humanizada”. Essa ação de transformação do objeto do trabalho exige um esforço da consciência do homem, de sua intelectualidade, e também operativamente, por ser uma ação genuinamente humana, e mesmo que seja uma forma de “[...] alienação (positiva) de sua vida genérica, encerra características inerentemente humanas” (CHAGAS, 1994, p. 24). Marx apresenta a necessidade de o homem, ao

desenvolver seu trabalho, saber-se possuidor de consciência do que faz, utilizando-se da natureza como caminho para o desenvolvimento de seu ser genérico:

[...] O homem não é apenas um ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, ser existente para si mesmo (*für sich selbst seiendes Wesen*), por isso, *ser genérico*, que, enquanto tal, tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser quanto em seu saber. Consequentemente, nem os objetos *humanos* são os objetos naturais assim como estes se oferecem imediatamente, nem o *sentido humano*, tal como é imediata e objetivamente, é sensibilidade *humana*, *objetividade humana*. A natureza não está, nem objetiva nem subjetivamente, imediatamente disponível ao ser *humano* de modo adequado (MARX, 2010a, p. 128).

Pelo estranhamento, o homem ao perder seu ser genérico, perde sua vida comunitária, social e a sociabilidade autenticamente humana e volta-se para uma vida egoísta, na medida em que aumenta sua vida produtiva, uma atividade vital que visa a satisfação das suas carências físicas e biológicas. Contudo, “[...] o homem só pode asseverar-se como ser genérico, mediante a atuação conjunta dos homens pela manifestação de todas as suas forças genéricas, o que a princípio só pode ser feito sob a forma de alienação” (CHAGAS, 1994, p. 24), na qual o homem se interconecta conscientemente com os outros homens, por meio do produto de seu trabalho.

4.2.3 *O desestranhar-se de sua própria atividade*

Marx (2010a, p. 103) continua sua escrita no caderno III dos *Manuscritos*, abordando a “propriedade privada e o comunismo”, no que tange à oposição existente entre o trabalhador e o capitalista e afirma que, mesmo havendo esta diferença é indiferente, pois, na sua relação ativa, ainda há uma “relação interna”, realizada entre o “trabalho e o capital”. O autor ainda afirma que o trabalho, produzido pelo homem, é a “[...] essência subjetiva da propriedade privada enquanto exclusão da propriedade e o capital, o trabalho objetivo enquanto exclusão do trabalho, são a *propriedade privada* enquanto relação desenvolvida da contradição”. Esta contradição ressalta a separação entre quem desenvolve (retratada por Marx enquanto essência subjetiva) e o resultado (retratado como essência objetiva e que, por sua vez, ficará para o dono do capital).

Marx aponta que a propriedade privada, em seu afã pelo aumento do capital, torna-se o grande motivador do processo de estranhamento na atividade do homem. Nos *Manuscritos*, o autor fornece alguns indicativos para se refletir sobre esse processo de

desestranhamento, nos quais é defendido, e para o qual indica a necessidade do homem tornar “o trabalho como sua essência”, mas esta ação implica consciência do que se faz, ou seja, o sentido da ação humana. Isso pressupõe a saída de sua condição de subordinação – a serviço do capitalista, e, nessa condição, o resultado não pertence ao homem, nem possui um fim em si mesmo, antes são fins exteriores ao homem, isto é, para o capitalista a condição de assalariamento, a manutenção da propriedade privada e o trabalhador continuarão a seu serviço.

Por isso, entender que nascemos e vivemos no tempo histórico em que o capitalismo impera, já fornece os elementos do que não se deve ser. Iniciar, contudo, o processo de contradição implica principalmente, no que tange à própria atividade, conceber a contradição na forma como os sentidos apreenderam, foram ensinados ou determinados a ver as coisas, bem como compreender que o consumismo não tem sentido e sua lógica é reificada, ou seja, que no modo de produção capitalista, as relações sociais passam a ser coisificadas e expressas através da troca; ao contrário, o produto deve pressupor atendimento das carências humanas, tornar o homem sensível para que transcenda as determinações e, desconstruído, busque o resgate histórico e cultural e ao se construir em sua objetivação, esta se humaniza pelo homem.

O homem, ao elaborar e transformar a natureza num produto social, confirma sua individualidade e apresenta a estrutura do desestranhamento do seu ser genérico. Transcende a teórica e faz da sua vida individual, um viver social; seus sentidos amortecidos são ressignificados e aprenderão a agir pela práxis revolucionária⁷⁸, compreenderão que “[...] não só no pensar, portanto, mas com *todos* os sentidos, o homem é afirmado no mundo objetivo” (MARX, 2010a, p. 110). A práxis não é apreendida sem um investimento pessoal, sem abertura para o novo, é reaprender a caminhar com as próprias pernas, escolher o caminho a seguir, reaprender a pensar, a decidir. Marx exemplifica esse processo, quando refere que um ouvido não musical poderá ouvir as mais belas canções, mas elas não terão sentido algum.

⁷⁸ Sánchez Vázquez (2007, p. 116-117) contribui para a práxis ao salientar que esta ação “[...] requer a mediação dos homens, mas até agora Marx só falou de suas consciências. A aceitação, pelos homens, de uma teoria é condição essencial para uma práxis verdadeira, mas não é ainda a própria atividade transformadora. É preciso determinar, em primeiro lugar, o tipo de teoria que há de ser aceito e que há de passar para a própria realidade; é preciso, também, determinar o tipo de homens concretos que, uma vez que fazem sua crítica, a convertem em ação, em práxis revolucionária”.

O homem ao desenvolver seus cinco sentidos, o sentido espiritual (das ideias) e o prático, passa então a possuir “sentido humano” social, e em sua atividade poderá identificar a humanização dos sentidos sociais como elemento de fruição, portanto, de atividade social que interdepende de relações com outros homens. Nessas circunstâncias, ele deixará sua forma rudimentar e unilateral para reconhecer-se como homem histórico, interdependente, consciente em sua atividade, confirmando sua relação com suas objetivações, por meio da atividade desenvolvida. Marx (2010a, p. 110) ressalta que a “[...] objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer *humanos* os *sentidos* do homem quanto para criar *sentido humano* correspondente à riqueza inteira do ser humano natural”. O desestranhamento vai, portanto, resgatar o homem e colocá-lo na condição em que precisa estar: de “[...] homem *plenamente rico e profundo* enquanto permanente efetividade”; homens assim vislumbrarão sua atividade como instrumento de construção de uma sociedade pela qual todos estejam pautados.

Pelo trabalho desestranhado, o homem experiencia seu ser social por meio de sua produção, de ações, de sua autoconstrução e autorrealização no mundo. O homem estranhado em sua atividade não se realiza em seu trabalho, da mesma forma que suas capacidades produtivas de produção, a apropriação humana e os produtos não são efetivados. Na sociedade capitalista, a divisão do trabalho sedimenta a configuração social existente e afasta os iguais – não se reconhecendo em sua individualidade e universalidade, porém, para desenvolver seu trabalho, o homem depende de outros homens e da sociabilidade do trabalho, pois este trabalho desestranhado faz com que “[...] a consciência seja, ao mesmo tempo, consciente de si e consciente de que ela é também o outro de si mesma, posto que entre ela e o outro existe toda a criação humana” (RANIERI, 2001, p. 51), e quando o homem (com sua particularidade e universalidade) se contempla e se vê diferente pela existência de outros homens (dentro de sua particularidade e universalidade), da mesma forma que o conjunto de suas atividades conscientes, é que ele se constitui em seu ser social e se desestranha de sua própria atividade.

O homem enquanto ser social só existe pelo trabalho – trabalho este que inter-relaciona objetos, meios e fins. Ao produzir os meios de vida, produz sua vida material, que, por sua vez, constrói e determina sua consciência (Cf. MARX; ENGELS, 2007, p. 94). Assim, quando o homem compreender que o meio em que está inserido, as

conjunturas causais e o que ele desempenha contribuem para a sua construção enquanto sujeito, terá elementos para identificar as contradições de um não ser que existe nele e que precisa ser superado. Da mesma forma que, enquanto o não ser está realizando atividades, cujo resultado não o representa, sua existência está nas mãos do proprietário da propriedade privada; infeliz e efêmero em suas buscas de satisfação física, faz de seu trabalho um mecanismo para aquisição do ter.

Mas para que o homem se distinga dos outros animais, o trabalho precisa ser um ato de consciência e felicidade, consolidando sua existência humana, precisa se resintonizar com a natureza, excluindo o consumo supérfluo e ressignificando aquele que serve às carências humanas. O homem consciente não carecerá do consumo excessivo e supérfluo para se completar. O homem desestranhado não precisa agir com voracidade diante da natureza, nem dominá-la, ao contrário, “[...] se une a ela, [...] é sensível e suscetível aos objetos, de modo que eles se tornam vivos para ele” (FROMM, 1979, p. 66). Marx, nesta perspectiva, apresenta como o homem consciente, em seu processo de humanização e humanidade, desempenha uma atitude que parte de sua individualidade para toda a sociedade:

[...] sou ativo socialmente porque [sou] enquanto homem. Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha própria existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social (MARX, 2010a, p. 107).

Assim, a atividade deve vislumbrar o todo social, fruto das carências humanas, das ações que ruem o estranhamento, enfraquecendo-o e abrindo caminhos para que o homem atue socialmente. Não se trata de o homem tomar o lugar do capitalista para repetir o mesmo processo de exploração a que está submetido, o que se deve desejar é que o trabalho se torne resultado da essência humana, fruto da realização do homem, de sua história e das gerações anteriores, respeitando e transformando a natureza, à medida que o próprio homem se respeita e respeita os outros homens

4.2.4 O desestranhar-se do produto do trabalho

Marx (2010a, p. 103), no caderno III dos *Manuscritos*, aborda a “propriedade privada e o comunismo”, discorre sobre “[...] o modo particular do trabalho – enquanto

trabalho nivelado, parcelado e por isso não livre – é apreendido como a fonte da *novidade* da propriedade privada e da sua existência estranhada do homem”. Essa fragmentação é identificada como o início do processo de estranhamento, portanto desestranhar-se implica esta desfragmentação e desnivelção do trabalho, de forma que todos os trabalhadores se reconheçam e de forma consciente detenham a informação, e também haja a “[...] igualdade do salário que o capital comunitário, a comunidade enquanto o capitalista universal, paga” (MARX, 2010a, p. 103).

O trabalho como atividade vital do homem, na sociedade capitalista, constitui um instrumento de desumanização. Mesmo nos modelos sociais pré-capitalistas, o homem estava sob o jugo de uma estrutura social consanguínea ou divina, contudo, se reconhecia e reconhecia o ato e o resultado de seu trabalho. Já inserido no modelo capitalista, o produto de seu trabalho é estranho e independente dele, o trabalhador tornou-se dependente das abstrações produzidas, em vez de, entre os homens, dependerem um do outro. Marx, nos *Manuscritos*, por meio da relação que o homem estabelece com *o ser*, possibilita traçar linhas para seu retorno. Contudo, ao estar dependente das condições em que vive e não de sua individualidade⁷⁹, não conseguirá estabelecer uma relação com suas objetivações, por meio de um processo de distanciamento-aproximação-distanciamento, o qual contribui, pelo distanciamento, para se reconhecer e, pelo reconhecer-se, distanciar-se para ver o todo, sem perder o seu objeto.

Se o homem tiver sua finalidade no salário ao final do mês, como resultado, os objetos produzidos, seu meio e seus sentidos lhes serão estranhos. Como consequência, o homem ficará limitado na busca do ‘ter’. Marx, então, aponta ao homem o caminho que vai em sentido contrário à abstração, ao afã do ter; assim, na sociedade, a sociabilidade, a coletividade, nos constrói como indivíduos. O homem, ao pensar e ser, reflete a particularidade na totalidade da sociedade e da vida dele, por isso é que o “[...] pensar e ser são, certamente *diferentes*, mas [estão] ao mesmo tempo em *unidade*

⁷⁹ O processo de autoconstrução da individualidade humana revela-se pela efetivação do trabalho e na interação do homem com seu meio. Assim, concomitantemente ao desenvolvimento (ou não) da sociedade, está o desenvolvimento (ou não) do homem. Quando o homem está dependente do capitalismo, impede que sua individualidade se construa na relação com os outros homens e, nos diversos níveis, com o gênero. A relação, contudo, ocorre com a estrutura do capital fazendo-se máquina e relacionando-se com ela, sendo nessa relação que os homens interagem com suas individualidades, e o constructo social, a genericidade humana e a individualidade são formados. Inclusive Marx (2010a, p. 108) afirma que as relações humanas com o mundo têm a marca da individualidade humana e do homem enquanto ser comunitário.

mútua” (MARX, 2010a, p. 108), isto é, nas objetivações do trabalho, o homem mostra uma indissociabilidade entre a individualidade e a vida social. Nessas objetivações, o homem pode reconstruir-se enquanto ser social, reestruturar seus conhecimentos e projetar novos, reintegrar e reconhecer sua história e a história social. Articular na coletividade a inserção do individual para, dessa forma, o homem não se perder em seu processo de desestranhamento e de trabalho.

Essa relação que acontece entre os homens não é uma relação abstrata, mas faz parte do concreto; de seres humanos que são reais e se desenvolveram histórica e culturalmente, mas que estão inseridos numa lógica capitalista. Para supressão da propriedade privada, na qual o homem e o produto do trabalho são determinados e fracionados, é necessário que todas as qualidades humanas, todos os “[...] sentidos e propriedades tenham se tornados humanos, tanto subjetiva quanto objetivamente” (MARX, 2010a, p. 109). Nesta perspectiva, o produto do trabalho não lhe é expropriado, sua ação consciente faz com que o homem veja suas objetivações, e em sua práxis⁸⁰ relacional

[...] com a *coisa* [, a faz,] por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento *humano objetivo* consigo própria e com o homem, e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa, se a coisa se relacionar humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza *egoísta* e a natureza a sua mera *utilidade (Nützlichkeit)*, na medida em que a utilidade (*Nutzen*) se tornou utilidade *humana* (MARX, 2010a, p. 109).

O homem, pelas suas objetivações, passa a realizá-las não para a fruição do capitalista, mas de todo o conjunto social. Nessas condições, o capitalista nem existirá mais, não haverá egoísmos, e sim mais fruição, mais reconhecimento do homem e da sua objetivação, mais humanidade e utilidade humana. Esta utilidade descaracteriza o consumo com base no *ter* para se centrar em uma ação de usufruir sensivelmente do objeto, individual e socialmente, da mesma forma que esse processo relacional com a

⁸⁰ A categoria práxis relacional, para Marx, não dualiza teoria, prática, fatos e valores, pensamento e ação, para ele são condições organicamente ligadas “[...] no interior de um único movimento do pensamento, de uma ‘ciência crítica’, em que a explicação e a crítica do real estão dialeticamente integradas” (LÖWY, 2012, p. 40). Essa condição e entendimento relacional dão ao homem e trabalhador não somente interpretar o mundo, mas bases para que, enquanto classe social, organize sua luta para libertar-se historicamente da mão opressora, e assim transformá-lo em uma sociedade melhor.

coisa é visto pelo homem em sua essência, isto é, como vindo da natureza, passado por um trabalho exteriorizado e transformado em uma natureza humanizada.

Assim como as objetivações passam a integrar um único contexto, mais humano e consciente, o trabalhador, para chegar a esse ponto, precisou reconhecer a sua natureza e a natureza nos diversos níveis de produção e, por sua vez, quem a produz, ou seja, desde aquele sujeito que atua num nível mais prático/manual até o pensante/intelectual. Esse reconhecimento dos homens, em relação às suas distintas capacidades, ocorre porque agora são conscientes de que todo esse processo de logística vai do insumo ao consumidor de que interdependem, e que estão todos na mesma classe – a dos trabalhadores assalariados.

Os envolvidos no processo de produção, ao compreenderem essa dinâmica, terão superado o estranhamento do produto do seu trabalho, por meio da superação paulatina dos limites e padrões impostos pelo capital. O homem possui o produto, o produto possui o homem, este produto é social e a “[...] sociedade se torna ser (*Wesen*) para ele neste objeto”, os homens trabalham livremente em condição associada, regulando-se racionalmente, em que eles mesmos determinam seu controle e a produção de sua vida, em vez de serem controlados por um poder opressor e unilateral. O homem, antes indigno, agora pode envolver-se, desenvolver-se, autoconstruir-se, vislumbrar novas objetivações, novos processos com mais dignidade; as diferentes necessidades do homem se ampliam, assim, há a abrangência e equidade das objetivações e do desenvolvimento do ser social que, como Marx (2010a, p. 109) define, é “[...] órgão da minha *externação de vida* e de um modo de apropriação da vida *humana*”.

4.3 Suprassunção (*Aufhebung*) positiva da propriedade privada

[...] A suprassunção da propriedade privada é, por conseguinte, a *emancipação* completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado *humanos*, tanto subjetiva quanto objetivamente. O olho se tornou olho *humano*, da mesma forma como o seu *objeto* se tornou um objeto social, *humano*, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os *sentidos* se tornaram *teoréticos*. Relacionam-se com a *coisa* por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento *humano objetivo* consigo própria e com o homem, e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa se a coisa se

relaciona humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza egoísta e a natureza a sua mera *utilidade (Nützlichkeit)*, na medida em que a utilidade (*Nutzen*) se tornou utilidade *humana* (MARX, 2010a, p. 109).

O conceito de suprassunção insurge quando, num processo dialético, há a negação prática do estranhamento e a volta à realidade social prática. Contudo, o homem necessitará estar organizado coletivamente enquanto classe social, podendo suprimir o estranhamento que ocorre pela propriedade privada e realizar sua essência humana. Na propriedade privada, o homem somente reproduz sua condição de dominado e os bens de consumo (Cf. MARX, 2010a, p. 131), contudo, esta nova conjuntura implicará a superação do individualismo, e o homem deverá reapropriar-se das forças políticas para, então, desenvolver uma atitude social.

Então, Marx (2010a, p. 132) indica que a suprassunção da propriedade privada ocorre, mediante a supressão desta e da religião; o comunismo é reivindicação “[...] da vida humana efetiva enquanto propriedade, é o vir a ser do humanismo prático”, positivo e que é parte de si mesmo. O homem, assim, possui uma possibilidade real de desestranhamento, indicado pelo autor. Marx (2010a, p. 145), ainda sobre este indicativo de suprassunção, diz que “[...] para suprassumir o pensamento da propriedade privada basta todo o comunismo pensado. Pra suprassumir a propriedade efetiva é preciso uma ação comunista efetiva”.

Em qualquer forma de reapropriação (tanto aquela que visa suprimir o Estado quanto aquela que não o visa), Marx (2010a, p. 105) considera necessário que haja a “[...] reintegração ou retorno do homem a si, como suprassunção do estranhamento de si humano”. Além disso, salienta que o trabalhador, dependente da propriedade privada, sabe conceituar o estranhamento e por vezes sabe-se estranhado, mas pode não ter compreendido o estranhamento em sua essência, pois ele ainda está submerso em seu egoísmo e desejo de gozo privado; desde seu nascimento está acostumado a ser direcionado para o que deve ser, o que deve escolher, o que deve pensar, como deve agir, a ponto de se contrapor ao que não lhe foi determinado.

Ranieri (2001, p. 60) ressalta que para Marx: “[...] o ponto de partida deve ser a posição originária do objeto, e o pressuposto da análise deve estar constantemente remetida a particularidades inseridas em complexos totalizantes, a partir dos quais são extraídas as determinações materiais específicas”. Ter claro esta materialidade, e o que

foi construído historicamente pelo sujeito, contribui para a compreensão e articulação entre as múltiplas subjetividades dos homens que, de forma consciente, estabelecerão caminhos e inter-relações para seu desenvolvimento.

Diante da objetivação do trabalho, o trabalhador é desefetivado e torna-se servo alienado e estranhado. Ranieri salienta que a

[...] suprassunção será necessária para que se supere o momento ao qual ela pertence. Neste sentido, o estranhamento se verifica, sempre, de modo prático: o capital aparece como a realização efetiva do trabalho, mas essa realização efetiva é a objetivação do próprio trabalho, que aparecerá então, a um só tempo, como estranhamento e alienação (RANIERI, 2001, p. 61).

Ranieri (2001, p. 63) sublinha ainda que: “[...] é somente no interior do estranhamento (*Entfremdung*), por outro lado, que se desenvolve plenamente a possibilidade de suprassunção da forma de ser da propriedade privada, processo que instaura uma nova forma de alienação ou exteriorização (*Entäusserung*)” positiva, isto é, construir uma dialética da atividade, na qual o homem volta-se ao objeto, a um motivo, a um futuro desejado e ideal, com correta clareza da finalidade e podendo construir dialeticamente sua história. É preciso criar o futuro desejado não pela contemplação, mas pela própria realidade humana, pela práxis social, pela atividade, que no objeto encontra tanto a singularidade de quem o constrói quanto, intrinsecamente, seu significado, assim como se faz necessário que o homem identifique possibilidades e relações acessíveis entre as objetivações e a lógica dialética do trabalho, não o destruindo, antes superando a burguesia (tese) e o proletariado (sua antítese) resultando na síntese, ou seja, seria a superação da sociedade capitalista, substituindo-a por homens livres, apropriados de sua essência omnilateral, construída de maneira omnilateral.

Nessa perspectiva, Ranieri (2001, p. 63-64) enfatiza que o homem precisa conhecer a gênese do trabalho (fundado no valor econômico, entre os aspectos do valor de uso, do que é imediato), ter claro sua finalidade enquanto ser, para então poder reverter o domínio econômico, sendo que tal reversão, salienta: “[...] só tem lugar no âmbito da práxis, e é pela compreensão desta gênese do trabalho que se pode tomá-lo como a base sobre a qual está sedimentado todo o complexo da sociabilidade humana”.

É pela categoria ‘trabalho’ que o homem pode desvendar as nuances ideológicas da economia política. Superar o estranhamento, portanto, garante ao gênero humano que as conquistas sejam mantidas em busca da “livre emancipação da vida” (RANIERI, 2001, p. 165). Nesta perspectiva, não se concebe a exclusão do trabalho, pois como atividade necessária da vida humana é constituinte do ser social. O trabalhador ao agir com liberdade e consciência de seu autoestranhamento, tanto pode contribuir para a reprodução desse caráter estranhado, ao sublimar seus interesses subjetivos por meio de sua ação, como para que as objetivações tenham caráter objetivo, social e universal. Isso fará com que o trabalhador se reconheça no objeto produzido, reconhecimento este que não ocorrerá somente pelo homem, mas também pelos outros homens e entre os homens; isso acontece porque o objeto, o homem e a sociedade tornaram-se objeto social, ser social, e sociedade social para esse novo ser e esse novo objeto.

O homem enquanto trabalhador vivo, ao opor-se ao trabalho morto, opõe-se também ao objeto estranhado da propriedade privada. O trabalhador precisa entender o seu processo concreto de inserção no próprio processo de trabalho e de sua condição de exploração, em virtude da relação de produção. Marx (2010a, p. 89) salienta ainda que “[...] a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são apenas modificações e consequências dessa relação”.

Essa oposição não está apenas no nível das ideias, mas carece de uma ação para a transformação social, contudo, pensá-la, requer sublimar os interesses pessoais e voltar-se nos interesses de toda a humanidade; a classe trabalhadora, detentora da força de produção, poderá inscrever os primeiros passos rumo à liberdade.

Isso leva a classe trabalhadora a refletir sobre a necessidade de forçar uma reestruturação das relações petrificadas, de modo que busquem por eles mesmos construir seus caminhos, da mesma forma que “[...] é preciso ensinar o povo a se aterrorizar diante de si mesmo, a fim de nele incutir coragem” (MARX, 2010b, p. 148). Marx afirma, assim, sobre a crítica e o poder tanto material quanto teórico⁸¹ de

⁸¹ No que tange ao caráter teórico, defende, assim como Löwy (2012, p. 42), que “[...] todo elemento teórico pode ter, ao mesmo tempo uma dimensão prática, cada parágrafo pode se tornar um instrumento de tomada de consciência e organização da ação revolucionária”, contudo partindo do próprio real e em sincronia com o momento histórico vivido, sendo, pois, científica e revolucionária.

transformação que se apodera das massas “[...] tão logo demonstra *ad hominem*⁸², e demonstra *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem” (MARX, 2010b, p. 151), assim, quanto mais o homem enraizar-se em sua localidade, sua cultura, sua história, tanto mais tem condições de se espriar e estar consciente no mundo; o caminho inverso leva a lugar nenhum, a um desejo pelo ter, a buscar completar um vazio que nunca será completo. Conhecer suas raízes e valorizá-las, torna o homem consciente das suas necessidades e com mais condições de alcançar sua realização.

Marx trata da necessidade de uma radicalidade transformadora, ao olhar e encontrar na história do homem os elementos que o fazem ser quem é; implica tomada de consciência, desvelar os conflitos sociais, ideológicos, desmistificar os ‘grandes homens’, ‘os heróis’ das camadas dominantes; requer práxis revolucionária enquanto projeto de autolibertação. Discute também acerca da emancipação teórica e prática do homem alemão (e que pode ser a emancipação do homem que vive em nosso tempo) que possui uma importância prática, porque é revolucionária: “[...] assim como outrora a revolução começou no cérebro do monge, agora ela começa no cérebro do filósofo” (MARX, 2010b, p. 152). O autor reflete também sobre a singularidade da atuação do filósofo ao descortinar no homem seu olhar limitado, causando-lhe estranheza o que é imposto pela classe dominante, e a consciência em suas ações, da mesma forma que dá indicativos para que o desestranhamento e a emancipação ocorram por processos reflexivos que “começam no cérebro”.

Para Marx, uma teoria só se efetiva, quando o trabalhador reconhece nela a efetivação de suas necessidades e “[...] não basta que o pensamento procure se realizar; a realidade deve compelir a si mesma na direção do pensamento” (MARX, 2010b, p. 152). Somente ao transpor as barreiras reais, é que o caráter emancipatório pode ocorrer, e ressalta ainda que o sonho utópico da Alemanha não seria a revolução radical, mas a “emancipação humana universal”, uma emancipação em que seus desejos e interesses seriam também os do seu representante (MARX, 2010b, p. 154).

⁸² *Ad hominem*, do latim, corresponde a um argumento contra a pessoa. “[...] Assim foi chamada, na lógica do séc. XVII, a argumentação dialética que consistia em contrapor ao adversário as consequências que resultam das teses menos prováveis, concedidas ou aprovadas por ele” (ABBAGNANO, 2007, p.17).

Marx destaca, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, que as classes trabalhadoras estão apáticas e ausentes da “[...] consistência, penetração, coragem e intransigência que fariam delas as representantes negativas da sociedade” (MARX, 2010b, p. 154), contudo, por seu “modesto egoísmo” competem entre si mesmas para oprimir a outra classe, da mesma forma que

[...] manifesta sua essência mesquinha antes que sua essência generosa tenha conseguido se manifestar e, assim, a oportunidade de desempenhar um papel importante desaparece antes mesmo de ter existido, de modo que cada classe tão logo inicia a luta contra a classe que lhe é superior, enredando-se numa luta contra a classe inferior (MARX, 2010b, p. 155).

Assim, no caderno III dos *Manuscritos*, Marx (2010a, p. 104), na abordagem sobre a “propriedade privada e o comunismo”, infere sobre o comunismo, identifica a construção teórica que delinea o retorno do homem à sua condição humanizada e desestranhada. Marx, com essa reflexão⁸³, vem mostrar o quanto o homem está inter-relacionado com a natureza e ao objetivar-se por meio do trabalho constitui seu ser social e apreende seu ser genérico, da mesma forma que, pelas suas objetivações, ele vai se humanizando. Marx, assim, afirma que pelo trabalho o homem se satisfaz, mas cria também necessidades:

[...] nesta relação também se mostra até que ponto a carência do ser humano se tornou carência *humana* para ele, portanto, até que ponto o *outro* ser humano como ser humano se tornou uma carência para ele, até que ponto ele, em sua existência mais individual, é ao mesmo tempo coletividade (*Gemeinwesen*) (MARX, 2010a, p. 104).

O que se pode notar é que Marx, apesar de toda a rudeza proposta pelo comunismo, no que tange à socialização, procurou chocar a sociedade capitalista, e propor aos trabalhadores o início de um movimento de rechaço e suprassunção positiva da propriedade privada, e dos processos de alienação e estranhamento por elas originados, fomentando a aproximação e desenvolvimento social e humano do homem.

⁸³ Marx, no complemento ao caderno II, trata do comunismo grosseiro, no que tange à tentativa de superação da propriedade privada, sem o pleno desenvolvimento das forças produtivas, propõe também a socialização de todas as riquezas, e da relação: mulher e natureza; no primeiro caso, salienta o caráter desta relação que existe e sua importância; e no segundo, refere-se à relação biológica de interdependência entre um e o outro, ao dizer que: “[...] até que ponto a essência humana veio a ser para o homem natureza ou a natureza [veio a ser] essência humana do homem”. Outra reflexão, no que diz respeito à relação homem e mulher, questiona um parâmetro de avanço do comunismo grosseiro rumo a um comunismo humano, ao olhar para a relação entre homem e mulher não como uma relação de propriedade, de dominação, de autoridade, mas sim como uma relação em que as pessoas se mostram, se distinguem ou se veem em sua individualidade e como iguais.

Marx, ao negar a propriedade privada, intencionou que suas contribuições pudessem despertar nos homens o desenvolvimento de sua autoconsciência, ao nutrir dentro de si uma nova forma de consciência que incorporasse o outro, sendo que este incorporar exclui a propriedade privada, mas instala a propriedade social. Essa forma incorpora na produção social mecanismos de preservar a cultura e o resgate da história (Cf. MARX, 2010a, p. 105).

Para isso, ressalta a necessidade de uma forma de comunismo de natureza política, democrática ou despótica, na qual o homem ainda afetado pelo estranhamento causado pela propriedade privada, mesmo assim, busca a superação da condição de alienação e estranhamento. Contudo, Marx (2010a, p. 105) faz uma ressalva a que “[...] em ambas as formas, o comunismo já se sabe como reintegração ou retorno do homem a si, como suprassunção do estranhamento de si humano”. Esse retorno dá ao homem a capacidade de reconhecer-se a si mesmo e sua essência, assim como de se ver como homem social, por compreender-se inserido num espaço social. Marx (2010c, 28) ainda salienta que essa nova forma de homem social é “[...] a verdadeira solução do conflito do homem com a natureza, do homem com o homem, a verdadeira solução da luta entre a existência e a essência, entre a objetivação e a subjetivação, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie”.

Quando Marx aponta caminhos dentro do comunismo, nos *Manuscritos*, a possibilidade de transição de um estado a outro, no homem consciente e com atitudes democráticas e humanizadas, indica, pela forma como apresenta o comunismo, a “[...] suprassunção (*Aufhebung*) positiva da propriedade privada” (MARX, 2010a, 105) para uma forma socializada de gestão comum, ou seja, para uma nova propriedade coletiva, uma propriedade social, em que todos possam participar do processo, pois conscientes das riquezas produzidas, e enquanto homens sociais, estarão mais aptos (dentro das habilidades de cada ser humano) a assumirem as posições dentro do processo de produção, em decorrência de uma ação democrática teórica.

No comunismo há o desenvolvimento do homem no tocante às suas qualidades verdadeiramente humanas, sociais e conscientes, e por esta apropriação a história passa a ser concebida e construída no seu próprio vir a ser. Deste ponto de vista, não existe mais

[...] o antagonismo do homem com a natureza e com o homem; a verdadeira resolução (*Auflösung*) do conflito entre existência e essência, entre objetivação e autoconfirmação (*Selbstbestätigung*), entre liberdade e necessidade (*Notwendigkeit*), entre indivíduo e gênero. É o enigma resolvido da história e se sabe como esta solução (MARX, 2010a, 105).

O comunismo ao identificar a essência das coisas, no mundo marcado pela propriedade privada, aponta as frustrações, as misérias do homem e propõe o movimento de sua transformação. Este movimento revolucionário tem como referência a base materialista, empírica e teórica que difere conforme as condições de vida existentes nos diferentes povos, seja mais “[...] na consciência ou no mundo exterior, seja mais na vida ideal ou real” (MARX, 2010a, p. 106), aquelas que foram naturalizadas como leis gerais pela propriedade privada e que estão oprimindo o homem. Marx também fala da necessidade da supressão religiosa, pois, por meio dela, atinge-se o mundo interior humano e sua consciência, e além da supressão econômica há a da vida efetiva. Desta forma, Marx apresenta que a:

[...] supressão (*Aufhebung*) positiva da *propriedade privada*, enquanto apropriação da vida *humana* é, por conseguinte, a supressão positiva de todo estranhamento (*Entfremdung*), portanto, o retorno do homem da religião, família, Estado, etc., à sua existência. (*Dasein*) *humana*, isto é, *social* (MARX, 2010a, p. 106).

O retorno do homem à sua existência se dá quando ele se relaciona com o mundo, a natureza e com os outros homens. Contudo, essa relação precisa ocorrer com o novo, com o que está transformado, pois assim como o homem produz a sociedade, ela também é produzida por ele, que produz, assim, suas objetivações, sua fruição, sua existência. Pela supressão positiva da propriedade privada, “[...] é preciso uma ação comunista efetiva” (MARX, 2010a, p. 145), para que o homem possa eliminar as qualidades adquiridas na dinâmica da propriedade privada e se reencontrar com o humano que lhe pertence (Cf. SCHÜTZ, 2001, p. 157).

Essa supressão positiva da propriedade privada, ressaltada por Marx, é desenvolvida por meio de uma ação transformadora que tem como objetivo a fruição, contudo, não é pela posse de algo, pois, para Marx, *ser* não é *ter*. *Ser* é abrir-se para o outro e, pelo reconhecimento, reconhecer sua individualidade no outro. Não ocorre de forma unilateral, mas omnilateral, pois permite ao homem apreender o mundo em sua diversidade de elementos, assim a:

[...] supressão positiva da propriedade privada, ou seja, a apropriação *sensível* da essência e da vida humana, do ser humano objetivo, da *obra* humana para e pelo homem, não pode ser apreendida apenas no sentido da *fruição imediata*, unilateral, não somente no sentido da *posse*, no sentido do *ter*. O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* da apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana (MARX, 2010a, p. 108).

Como ser social, e como ser que pode atuar ativamente e conscientemente na sociedade, a ação do homem terá um peso para ela, pois ele compreenderá que mesmo as pequenas ações poderão resultar num movimento a longo prazo e de grandes proporções. Nesta nova percepção, a prática capacita a construção de um novo aspecto teórico, sistematizado a partir da atuação enquanto ser social. Posto isso, como se pode alçar à nossa emancipação positiva? Pela teoria marxiana, podemos nos utilizar de elementos do pensamento criativo para construir práxis inovadoras e qualitativas, de forma que possamos objetar as relações capitalistas reificadas. A emancipação humana é gestada do que é negado do poder opressor do capitalismo, das opressões sofridas pelo homem; são as referências que devem ser negadas, o não ser do homem, o não ser do produto do trabalho, de sua atividade, e da relação deste homem com os outros homens.

A mudança advém do trabalhador que, ao tomar consciência de si e das relações sociais que o envolvem, ressurgente como ator verdadeiro do ato da produção. O sistema capitalista, as relações capitalistas de produção e reprodução econômica, social e institucional são superadas e, em seu lugar, estabelecem-se formas integradas, sociais de desenvolvimento que contribuem para a libertação e harmonização das carências e necessidades humanas, em relação às formas produtivas.

Por isso que Marx insiste na necessidade de humanizar os sentidos. Esse processo não ocorre pela observação, mas pelas objetivações sociais humanas que ocorrem fora da propriedade privada, fora de um movimento unilateral que visa suprir apenas os “meios de vida e a vida”, enquanto meio de vida produzido pelo trabalho que objetiva lucro. Essas objetivações visam à sustentação do homem “[...] sobre os próprios pés, e só se sustenta primeiramente sobre os próprios pés tão logo deva a sua existência a si mesmo” (MARX, 2010a, p. 113). Isso implica desvencilhar-se das amarras do outro

para a manutenção da vida. Ao manter a vida, neste caso a propriedade privada, também cria, como quer que seja, a vida. Desde pequeno, o homem é inserido numa dinâmica de aprendizagens (fortalecida pela escolarização, pela cultura, Estado, religião...), na qual aprende a repetir os comandos impostos pela classe dominante, ficando dependente das “*palpabilidades* da vida prática”. Marx então aponta que o grande desafio ao homem é “ser-por-si-mesmo”, é ser sujeito da história, negando as imposições aprendidas.

Ao escrever sobre a emancipação, o autor não delimita o que precisa ser feito para que ela ocorra, antes aponta o que é preciso ser rechaçado para que o homem possa deixar aflorar suas potencialidades, sem medo. Aponta para a conscientização do trabalhador em relação à sua miséria e condição de estranhamento, engendrada mediante o trabalho. Marx salienta que:

[...] da relação do trabalho estranhado com a propriedade privada depreende-se, além do mais, que a emancipação da sociedade da propriedade privada etc., da servidão, se manifesta na forma *política da emancipação dos trabalhadores*, não como se dissesse respeito somente à emancipação deles, mas porque na sua emancipação está encerrada a [emancipação] humana universal. Mas esta [última] está aí encerrada porque a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são apenas modificações e consequências dessa relação (MARX, 2010a, p. 89).

Por isso, Marx defende a necessidade da emancipação humana, pois ela vai muito além da forma política da emancipação dos trabalhadores, ao incorporar o conceito de cidadania, originada nas relações econômicas, na compra e venda da força de trabalho. A emancipação política, mesmo que não representando uma emancipação humana, “[...] constitui a forma definitiva da emancipação humana *dentro* da ordem mundial vigente até aqui. Que fique claro: estamos falando aqui de emancipação real, de emancipação prática” (MARX, 2010c, p. 41). A emancipação política, cuja relação é baseada no direito, que “[...] é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente, e, por outro, a *cidadão*, a pessoa moral” (MARX, 2010c, p. 54), ganha a liberdade de religião, de propriedade e de comércio.

Marx (2010c, p. 38-39), afirma que “[...] o limite da emancipação política manifesta-se imediatamente no fato de que o Estado pode livrar-se de um limite sem que o homem dele se liberte realmente, no fato de que o Estado pode ser um Estado

livre sem que o homem seja um homem livre”. Apesar da emancipação política não representar a garantia de emancipação humana, ela garante ao homem o exercício dos seus direitos políticos, mas também o mantém preso à propriedade privada.

Desse modo, é necessária uma transformação na forma de pensar e agir dos homens na sociedade; é estar a caminho do processo de desestranhamento e em busca da formação omnilateral do homem⁸⁴, pois nela instaura-se um novo modelo social que supera o sistema do capital, além de envolver um processo coletivo e social. Para que esse processo coletivo de trabalho se efetive, antes é preciso que os homens cooperem entre si ou, como Marx (2010a, p. 109) afirma, que seus sentidos e qualidades humanas tornem-se propriamente humanos, uma vez que cooperar exclui a natureza egoísta e utilitarista humana.

Marx cita Rousseau, a quem atribui ter criado acertadamente a abstração do homem político, pela transformação do homem individual e solitário em um novo homem, destituído de suas antigas forças e possuidor de novas forças que somente podem ser exercidas conjuntamente com o outro (Cf. MARX, 2010c, p. 53). Destarte, a emancipação humana pode ser almejada e Marx cita que:

[...] A emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado *ente genérico* na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “*forces propres*” [próprias forças] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força *política* (MARX, 2010c, p. 54).

Essa atitude representa o caminho para a libertação do homem em relação ao que o prende dentro da estrutura do trabalho alienado e estranhado, “[...] a capacidade de dizer ‘não’, abre-lhe os olhos e ele se vê como um estranho no mundo, acossado por conflitos com a natureza, entre o homem e seu semelhante, entre o homem e a mulher” (FROMM, 1979, p. 67). É preciso que o homem veja outro fundamento como pressuposto de sua produção, que não a propriedade privada. Mesmo que a propriedade privada seja expressão do capital e de uma sociedade que, hoje, se apresenta

⁸⁴ Que abrange a educação integral, isto é, os aspectos intelectuais, culturais, pesquisa, práxis, extensão e o trabalho.

aparentemente igualitária, equânime, ela separa o trabalhador de suas objetivações e somente lhe dá condições de sobreviver.

Para que a emancipação do sujeito inicie, é necessário que o homem tenha em mente sua história, para que toda luta das gerações passadas não seja em vão,

[...] a tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com venerável roupagem tradicional essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial (MARX, 2011b, p. 25-26).

A consciência histórica de como a geração passada avançou humanamente, exerce influência sobre as atuais e sobre a subjetividade humana. É preciso resgatar esta *anima* e ter clareza que sem luta vigorosa, individual e coletivamente, a condição de estranhamento não será alterada. Neste contexto histórico, os processos de formação do homem constituem elementos de fortalecimento da classe trabalhadora. Na contramão do capital, é preciso lutar pelo que gera vida, pelo que restaura e liberta as qualidades e sentidos humanos, pelo que reconhece o homem enquanto ser social, para que ele próprio se utilize de seu trabalho como um agir humano, consciente e crítico. Esta forma de agir requer renúncia das imagens do passado, dos heróis plantados pela classe dominante, dos condecorados, para reconhecer aqueles que lutaram verdadeiramente por uma causa, valorizaram e respeitaram o passado, sua cultura e as tradições, reconhecendo que esse processo formou o homem que aí está, contudo não se pode ficar nesse passado, caso contrário, permanecer-se-á refém do capital. O homem precisa ter consciência de que ao estar dentro do modelo capitalista reproduzirá tal modelo, e suas ações expressarão a permanência do *status quo*.

No entanto, Marx afirma que é preciso: “[...] deixar que os mortos enterrem os seus mortos para chegar ao seu próprio conteúdo. Naquelas, a fraseologia superou o conteúdo, nesta o conteúdo supera a fraseologia” (MARX, 2011b, p. 28-29), ou seja, o que não contribuir para o processo de desestranhamento e emancipação humana precisa ser enterrado, para que o novo renasça, primeiro na consciência e na individualidade do homem, para depois nos demais homens, da mesma forma que indica no processo de transformação, fomentado pelo homem dentro dos movimentos culturais e sociais, o

resgate destas heranças que dão significado à luta e influenciam na subjetividade do homem, mas que ultrapassem a ordem social do capital. Assim, diante desses indicativos possíveis para o desestranhamento, pode-se questionar o fato de que o homem possa desenvolver suas capacidades pelo trabalho socialmente desenvolvido, mas para isso o homem precisa começar o processo com ele mesmo, desestranhar-se a si próprio, ou seja, “[...] temos de [nos] emancipar a nós mesmos, antes de poder emancipar [os] outros” (MARX, 2010c, p. 34); se os trabalhadores não lutarem pelas suas causas, ninguém o fará por eles.

5. CONSIDERAÇÕES

Marx mostra que o progresso do homem e trabalhador abordado pela lógica capitalista é contraditório. Em vez de ele estar em melhores condições, ele foi separado da natureza, de sua produção objetiva, de sua atividade, dele próprio e do seu semelhante. O homem conquistou a liberdade, mas uma liberdade formal⁸⁵ que condiciona e cerceia o desenvolvimento de suas potencialidades. A sua construção histórica barbarizou-o e o decompôs interiormente, separou-o do homem natural e livre, com isso houve a perda de si mesmo e ele transformou-se em objeto, aprisionou-se, automatizou-se, desumanizou-se, o que originou barbárie e miséria ao trabalhador. Marx demonstra ainda que o desenvolvimento histórico do homem, obcecado pela manutenção do *status quo* e a possibilidade de comandar outros homens, pelo poder e posse dos objetos, revelou sua incorporação e imposição de valores objetivamente válidos e espirituais, forjados no desenvolvimento do trabalho e nos processos educacional e cultural, inseridos em uma dada sociedade, classe e tempo histórico.

Dessa forma, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844)*, Marx apresenta as condições de alienação (*Entäußerung*) e estranhamento (*Entfremdung*) em que o homem está submerso, ao mesmo tempo que pode consolidar-se como um irrompimento para o desestranhamento e a emancipação. Mas a reestruturação desse homem torna necessário reunir o trabalhador e as condições de trabalho, fazê-lo reconhecer as forças que o aprisionam e aquelas que o levam à mudança social, superar o pensamento mesquinho, reintegrá-lo às verdadeiras necessidades e levá-lo à liberdade e ao desenvolvimento de suas potencialidades. Contudo desenvolver-se requer do homem o enfrentamento de suas ilusões e sofrimentos subjetivos, pois ele leva em consideração o homem concreto e real, inserido na sociedade, e requer que o capital cesse seu processo exploratório e da criação de necessidades efêmeras no homem. As soluções imaginárias ou projetivas somente criarão conjunturas para a permanência de seu estado alienado e estranhado. Marx concebeu o homem em toda sua concretude, ou seja, pertencente a uma classe social determinada e inserida em uma sociedade, e da qual se tornou escravo.

⁸⁵ Liberdade formal no aspecto jurídico, mas liberdade abstrata no que tange ao que o trabalhador pode verdadeiramente fazer e ser.

O conceito de homem desenvolvido por Marx vai desde sua condição de liberdade, quando vivia em comunhão com a natureza, até seu processo de aprisionamento, pelo modelo capitalista - enquanto condição de alienação e estranhamento - e, a partir desse momento, esse movimento aponta para a perspectiva socialista do retorno do homem a seu estado de liberdade no desenvolvimento de seu trabalho, uma nova liberdade humanizada, consciente, responsável perante a natureza, o homem e a sociedade. Esta sociedade de que aqui se fala, pressupõe que o homem, desejando uma sociedade melhor, a reconstruísse de tal maneira que ela amparasse o regresso do homem a si mesmo e impedisse que forças contrárias, autoritárias, limitantes e empobrecedoras prevalecessem sobre esse resgate (Cf. FROMM, 1979, p. 69).

A perspectiva socialista pressupõe igualdade social, e que o consumo de antes somente detido pela classe dominante, seja agora ressignificado e passe a atender às carências e necessidades (também) da classe trabalhadora, extinguindo assim a produção e o consumo do efêmero. A liberdade da condição de assalariamento por parte do trabalhador equivale à liberdade para trabalhar e ser livre, e a não ter medo de que amanhã ele possa não ter mais trabalho. Liberdade congrega os direitos atendidos universalmente, sem privilégios; consiste em poder expressar-se com responsabilidade e consciência; defender suas ideias, organizar-se, respeitar as diferenças individuais; enfim, uma liberdade que não condiciona nem impõe condições, ou seja, não barganha. Esta perspectiva prevê liberdade, mas esta condição só se efetiva por meio da igualdade social e da reconquista da propriedade verdadeiramente humana.

Essa atitude desestranha o homem do produto do seu trabalho, de sua própria atividade, de seu ser genérico como homem e da relação dele com os outros homens, consolida a sua condição de emancipação humana e de um novo homem, mais feliz e sereno diante de toda a dimensão natural, humana e social que o cerca. Como já foi citado, “[...] a *propriedade privada* resulta portanto, por análise, do conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, de *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem *estranhado*” (MARX, 2010a, p. 87), mesmo que essa condição, num segundo momento, conforme abordado por Marx, se condicione duplamente, não sendo possível definir quem dá origem ao quê. Contudo, Marx aponta para a possibilidade de reflexão sobre as causas da alienação (*Entäusserung*) e do estranhamento (*Entfremdung*), ao nos dar indicativos de como iniciar esse processo de

reapropriação da essência humana, nos mais diversos lugares, desde que se tenha como objetivo o desestranhamento, o regresso do homem a si e a busca por sua emancipação.

Por isso, Fromm (1979, p. 70) defende que “[...] o socialismo é o repúdio da autoalienação do homem, a volta do homem como ser humano real”. Para Marx, tal repúdio se dá porque dissolve o antagonismos entre: natureza e homem, existência e essência, objetivação e autoconfirmação, liberdade e necessidade, e entre indivíduo, gênero e os conflitos (Cf. MARX, 2010a, 105). Não existir antagonismos é estar religado ao que nos cerca (natureza, atividade, produto, outros homens...) e a nós mesmos, ou seja, não sendo como o prato de que não se sente o sabor, mas como a língua que o sente. O antagonismo se desfaz com a luta de classes, visto que a classe dominante fará tudo para permanecer na condição social privilegiada, fazendo com que cada classe fique isolada em sua esfera de estranhamento.

Marx sinaliza a necessidade de o homem/trabalhador consciente, ressignificar a ordem social, com vistas a percorrer um caminho que leve ao

regresso do homem a si mesmo, a identidade entre existência e essência, a superação do isolamento e antagonismo entre sujeito e objeto, humanização da natureza; significa um mundo onde o homem não mais é um estranho entre estranhos, mas está no mundo dele onde se sente em casa (MARX, 2010a, p. 105).

Nesta sociedade o homem, no afã pelo ter, apresenta o desejo de ser visto pelo outro homem. Esse desejo representa, portanto, o estranhamento dos sentidos humanos. Contudo, quando ele, por um processo gradual de conscientização, transformar seu vazio impreenchível de ter e determinar que sua ação visa a um fim social, e diante da multiplicidade de habilidades as empregar conscientemente para o bem comum, estará aí iniciado o processo de humanização das necessidades humanas. Assim, pelo trabalho como expressão das objetivações e da omnilateralidade do homem, os sentidos e a propriedade, objetiva e subjetivamente, se tornam humanos e sociais.

Tornar-se humano é apreender a amplitude da dimensão do ser social, na qual ele é manifestado conscientemente. É necessário buscar a construção da efetividade de um mundo mais distribuído, em que cada um, com suas habilidades, se integre e conviva. Mas ainda, vivemos em um mundo que nos desafia à transição socialista. Para isso, precisamos conviver com o velho e experimentar o novo, já que esse velho não pode permanecer, pois desumaniza o homem, o torna egoísta, o anula, o inutiliza, deixa-

o rude, enquanto o novo está fecundado na *ânim*a dos trabalhadores, mas carece de decisão, de uma luta coletiva dos que são oprimidos contra os que os oprimem. Entretanto, para que os oprimidos vençam, primeiro o homem precisa realizar uma luta pessoal consigo mesmo, uma luta que se paute pela ética.

Marx, nessa perspectiva, nos dá indicativos do processo de desestranhamento em busca da emancipação do homem enquanto homem, no que tange ao comportamento humano com o mundo, quando diz que:

[...] tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança etc. Se tu quiseres fruir da arte, tens de ser uma pessoa artisticamente cultivada; se queres exercer influência sobre outros seres humanos, tu tens de ser um ser humano que atue efetivamente sobre os outros de modo estimulante e encorajador. Cada uma das tuas relações com o homem e com a natureza – tem de ser uma *externação* (*Äusserung*) *determinada* de tua vida *individual efetiva* correspondente ao objeto da tua vontade. Se tu amas sem despertar amor recíproco, isto é, se teu amar, enquanto amar, não produz o amor recíproco, se mediante tua *externação de vida* (*Lebensäusserung*) *como homem amante não te tornas homem amado, então teu amor é impotente, é uma infelicidade* (MARX, 2010a, p. 161).

O autor apresenta, desse modo, o desafio de cada um de nós começar o processo de transformação social, a partir das contingências sociais enfrentadas a cada dia. Comportar-se humanamente com o mundo pode ser realizado por diversas formas de encontro; é chegar até onde o sujeito está, é “[...] desenvolver novos princípios para o mundo a partir dos princípios do mundo” (MARX, 2010c, p. 72), com a linguagem que ele conhece (arte, sentidos, musicalidade, conhecimento empírico e científico) e, a partir da relação estabelecida, construir novos caminhos emancipatórios. Marx alerta para a necessidade de, antes de iniciar tal processo, primeiro o homem precisa iniciar com o próprio indivíduo, ou seja, a *externação* deve corresponder à vida individual, desestranhando-se do homem e na relação com os outros homens, do ser genérico, de sua própria atividade e do produto do trabalho. Da mesma forma que, por meio de uma atitude permanente de interpretação do mundo, o homem busca sua transformação para novamente interpretá-lo e transformá-lo (Cf. LÖWY, 2012, p. 41).

Assim, só pela renúncia ao conforto e mediante o enfrentamento da barbárie é que se pode pensar em práticas emancipatórias, em que o sujeito supere sua falsa consciência e adote a concepção de homem que Marx propõe. Esse processo visa dotar de consciência, as práticas e o pensar inconsciente, ou seja, “[...] interiorizar sua

consciência, despertando-o do sonho sobre si mesmo, *explicando-lhe* suas próprias ações” (MARX, 2010c, p. 72), tornando-o autoconsciente para, assim, sair da própria condição em que se encontra: de arraigado a padrões comportamentais aprendidos ou impostos historicamente e tomados como verdadeiros pela negação permanente do que é um direito do sujeito.

Em virtude da padronização criada pelo capital, esse esforço visa despertá-lo da escravidão, dos silenciamentos e da descrença. Esse processo de transformação não segue uma via única, não ocorre somente pelo conhecimento das mazelas históricas sofridas ou pela construção de um pensamento, ou mediante ações revoltadas e negativas. O homem por ser diferente pessoal e historicamente, mesmo estando alienado e possuindo as categorias do estranhamento acaba por fazer com que o encontro com o humano, em seu processo de consciência, se faça por diversas vias: pelo movimento, gestos, palavras, arte (em suas linhas, cores, imagens, sons, cheiros, texturas, espaços, formas), textos nos diversos gêneros, pela diversidade do conhecimento construído ideologicamente por teóricos e por meio da busca por sua interpretação e intencionalidade, contribuindo para a desestabilização interna e o irrompimento de amarras históricas.

Sabe-se também que esse caminho, essa reaprendizagem, se faz numa via de mão dupla, se faz em conjunto. É a reaprendizagem de um novo saber, de um novo *sapere*⁸⁶; é um aprender a saborear esse saber que tornará o homem melhor como pessoa e trabalhador, mais consciente dos direitos conquistados, porém que lhes foram negados. Para isso, ele precisará identificar-se com a nova concepção de homem, de trabalhador, de sociedade que lhe pertence; sentir-se e enxergar-se como sujeito de direitos; compreender e acreditar no que é, e naquilo pelo qual está lutando. Assim, para que haja uma transformação da realidade social, é necessário que ela esteja inscrita no próprio real, e à qual deve ter sido incorporado um conjunto de valores e estruturas a serem defendidos.

No entanto, ignorar que a consciência é um produto social e histórico, nos afasta da possibilidade de desestranhamento. Consciência que implica perceber-se diferente e,

⁸⁶ *Sapere*, etimologicamente, vem do latim e origina a palavra saber, significa “[...] ter gosto, exalar um cheiro, um odor, perceber pelo sentido do gosto; fig., ter inteligência, juízo, conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber” (MACHADO, 2003).

nesta diferença percebida, identificar o diferente dentro de uma realidade social, produzida e reproduzida não só economicamente, mas social, política e humanamente, mediante o domínio de uma classe sobre outra, pois dela depende uma gama de outras relações. Saber que “[...] as ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante” (MARX e ENGELS, 2005, p. 57), nos dá o entendimento de que somente quando houver uma transformação radical social e na base econômica, poderá haver perspectivas emancipatórias. E o homem, submerso nesta sociedade, é levado para onde lhe for determinado? Não se pode negar que o ou sistema econômico, imposto pela classe dominante, tenha influência sobre o homem, contudo pela práxis dele, agindo na base do processo, pode influenciar as gerações seguintes, para que elas vendo a luta deste tempo, destes homens por sua humanidade, reconheçam-se dignas de direito e continuem a luta em prol de seu processo de desestranhamento e de sua emancipação.

Os *Manuscritos* são uma forma de expor a condição efêmera, aparente, alienada e estranhada vivida pelo homem, “[...] contra a exploração do homem pelo homem, e contra sua atitude exploradora face à natureza, o esbanjamento de nossos recursos naturais a expensas da maioria dos homens de hoje, e mais ainda das gerações vindouras” (FROMM, 1979, p. 66). Ele nos instiga, portanto, a ressignificar a relação entre o homem e a natureza. A natureza passaria a ser respeitada e cuidada, compreendendo que dela depende a sobrevivência das gerações; o homem compreenderia que a convivência associada e respeitosa com os outros trabalhadores poderia gerir condições humanamente justas, e que a própria classe, ao compreender quais ideias representa e em que condição pessoalmente se encontra, poderia traçar rumos coerentes para uma transformação inseparável e a construção de um homem e trabalhador omnilateral.

Pensar na concepção de homem, tanto nos *Manuscritos* como nas obras de Marx, é identificar a luta travada pelo autor em defesa de sua humanização. Não um homem na perspectiva teórica, mas na de um humanismo na práxis; de um homem que transforma as determinações históricas impostas, do trabalho imposto pela necessidade, pela coação e coerções, para uma ação de um homem que escreve sua história, seu futuro, seu trabalho e que se construa enquanto ser social. Esta concepção de homem mostra-se como um instrumento revolucionário em um processo de transformação, e Marx aponta para uma filosofia humanamente revolucionária que leva

a uma utopia concreta. O fomento revolucionário ocorre porque o homem identificou que o presente e o futuro precisam ser transformados.

Marx, ao realizar sua crítica à realidade exploratória sofrida pelo homem e suas consequências enquanto condição de alienação e estranhamento, expressou a necessidade de ele reencontrar sua humanidade em sua totalidade e de levá-lo a alcançar determinações essenciais na atividade humana, a reconectar as relações sociais e a contribuir para a sua humanização, por meio da superação do determinismo sócio-histórico e do cretinismo unilateral produzido na propriedade privada. Ao ir além de uma relação mercantil de troca, que contribui para o esvaziamento das relações e da vida humana, para estabelecer relações socioculturais e sócio-humanas, visando o desenvolvimento humano no trabalho, por meio da criação e produção de objetivações que lhe pertencerão, o trabalhador, em suas distintas instâncias, participará do planejamento de seu trabalho e de sua execução. Continuará dependente do trabalho e dos demais homens, pois assim como o trabalho o constitui como ser social, essa interdependência o constitui como homem.

É necessário, pois, que o homem reelabore as experiências do passado, os falsos encantamentos e/ou os sofrimentos vencidos, que servem aos discursos acerbados, e se torne consciente desta condição, e para que diante das causas sociais, políticas, culturais, econômicas..., possa potencializar sua criatividade na forma associativa, racional, consciente, sob seu controle e desestranhado. Assim como o homem chegou a esse ponto no plano social, a sua libertação do jugo e da opressão econômica depende de sua postura em assumir-se como construtor de um futuro sem desigualdades, contudo, mediado pelo trabalho equânime.

A meta dessa sociedade, desejada por Marx, é o homem livre do Estado, da máquina e da burocracia. Um homem que supere a alienação e o estranhamento, se reencontre e encontre o mundo, se una à natureza e se relacione produtivamente, mas possa caminhar e produzir com serenidade, compreendendo que suas ações interferem socialmente. Além disso, ao reconhecer as objetivações e que, assim como ele deseja viver, o outro também o deseja, mesmo vivendo em um reino de carências, pode ter como base o que não deseja e que as necessidades reais respeitem a natureza - indispensável à consecução da essência humana, isto é, que o modelo exploratório capitalista seja extinto e dê lugar a um outro que respeite a natureza e o homem. Nessas

condições, é emancipador para os próprios trabalhadores poderem determinar-se, em vez de serem determinados e direcionados.

Suprassumir de todo o estranhamento é, portanto, se autorrealizar enquanto sujeito em suas objetivações, é dar vazão ao processo criativo. Suprassumir seu pensamento indica a necessidade da suprassunção de si próprio, significa partir de uma ação consciente para um “comunismo pensado” (MARX, 2010a, p. 145).

O desestranhamento e a emancipação do homem é defendida porque o homem torna-se um miserável diante da condição capitalista e da propriedade privada. Assim pode-se observar que o que Marx deseja é “[...] a emancipação espiritual do homem, sua libertação dos grilhões do determinismo econômico, sua reintegração como ser humano, sua aptidão para encontrar unidade e harmonia com seus semelhantes e com a natureza” (FROMM, 1979, p. 15). Marx ao acreditar no homem como um ser ativo, considera que ele possui, em sua essência, um potencial criador, por isso é preciso defender a necessidade de resgatar sua essência humana, a partir de sua realidade e da construção de processos emancipatórios e de desestranhamento.

Essa liberdade que Marx aborda pressupõe a suprassunção positiva da propriedade privada, das classes sociais e, por sua vez, da emancipação social. A liberdade como sinônimo do socialismo, que exclui uma lógica mercantil que nega o homem, é uma condição para que o homem se recupere, se reconquiste, acredite em seus potenciais, desenvolva e potencialize sua criatividade, e coletivamente resgate e efetive sua essência humana. Fromm (1979, p. 64) ressalta que a liberdade pressupõe independência e está “[...] apoiada no fato de o homem valer-se a si próprio, utilizando suas próprias forças e relacionando-se produtivamente com o mundo”. Essa relação compreende e é construída por meio de uma ação sócio-histórica contínua, na qual o homem ao identificar as contradições do sistema capitalista, busca o que deseja e o seu vir a ser.

A emancipação das forças sociais que mantêm o homem aprisionado à rudeza do capitalismo, só será efetivada quando o homem reconhecer e assumir de forma consciente o compromisso com essas forças e as mudanças que elas podem operar. Caso contrário, continuará alienado e estranhado, a serviço de um grupo que sabe o que quer e está comprometido, consciente e exclusivamente, com uma causa: o capital. Eximir-se

do comprometimento com a transformação pessoal e social, implica que alguém assumirá uma meta em nosso lugar e usará de todos os meios ao seu alcance para concretizá-la como se fosse sua. Assim, permaneceremos em uma escravidão inconsciente, aquela em que acariciamos as correntes que nos prendem e, se houver tentativa de libertação, em virtude da mudança de postura e da saída do nosso comodismo, é possível que nos viremos contra o nosso libertador. Nada, nem ninguém, está solto, no entanto, estarmos presos ou estarmos livres é uma escolha que temos que fazer diariamente.

No sujeito, a emancipação do trabalho passa pelo desestranhamento – manifestado historicamente pela apropriação das objetivações do homem, que tem como ponto de partida, no trabalho humano e nas questões (sociais, históricas, econômicas...) envolvidas nessa relação, a possibilidade de transcender o gênero humano e “[...] a si mesmo [...] na medida em que emancipa o trabalho do seu jugo” (RANIERI, 2001, p. 9), mas para isso precisa crer no potencial humano e deixar de ser receoso. Nessa perspectiva de desestranhamento, cabe salientar que a solidariedade entre os homens tem resultados positivos, quando se intenciona sua emancipação.

Na luta de classes, é preciso compreender que os condicionantes vividos pelo homem não garantem a emancipação, contudo, ao compreender o modo como a produção capitalista se organiza, se utiliza e se apodera da estrutura social, política, econômica, cultural... para ocultar dele a existência de classes sociais antagônicas, da mesma forma que a classe trabalhadora reconheça que essa exploração não atingirá somente este presente empobrecido, mas toda a raça humana e as próximas gerações, no sentido de que possam se organizar e encontrar caminhos para o processo de desestranhamento e emancipação permanentes.

Assim o homem e trabalhador conhece o passado e sabe que o resultado - o hoje, é desumanizante para a classe trabalhadora. O saber-se situado em uma classe social é o caminho para saber-se inserido em um conflito com a classe dominante. A consciência dessa percepção nos dá elementos para, por meio do trabalho, podermos agir no mundo, transformando-o. Então, agir sobre o trabalho de forma consciente e efetiva, faz com que ele se transforme e, por sua vez, transforme o homem em sujeito, e este a sociedade. O amanhã não existe, contudo cabe a nós construirmos o futuro que desejamos. Como homem concreto, consciente e desejoso, pelo desestranhamento rumará à libertação, ou

seja, a uma conquista que não é individual, mas coletiva e de classe; por outras palavras, rumará a uma luta radical, reconhecendo e reconhecendo-se em seu trabalho, o que lhe permitirá criar, modificar e superar as dificuldades em conjunto.

Assim, o homem e trabalhador tem em suas mãos a possibilidade de uma transformação social real. Não se pode esperar que a mudança venha da classe dominante, nem que o outro faça a parte dele, para que então eu faça a minha. É preciso que o homem se assuma como sujeito do processo, tenha consciência de suas necessidades reais, aja localmente para um resultado global, sabendo da sua interdependência com a natureza, consigo mesmo, com os outros homens e com o resultado de seu trabalho, para rumar à liberdade, ao desestranhamento, à emancipação. Esse movimento deve surgir a partir dos próprios homens e trabalhadores oprimidos, por meio de processos educativos conscientizadores *construídos com e por* eles, e não *para* eles. Não basta ter consciência crítica e saber-se explorado, é preciso disposição para transformar essa realidade, deixar que a história opressora e oprimida esteja presente em nossa memória e que as vozes que ecoam clamando por liberdade deixem de ser um murmúrio, para se tornarem uma força organizada, consciente, que luta pelo desestranhamento, pela emancipação e por um futuro de esperança.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANTUNES, Jadir. Marx e as noções de progresso, liberdade e sujeito na história. **Acta Scientiarum, Human and Social Sciences**, Maringá, v. 31, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/3112/3112>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Revista Dialectus**, ano 1, n. 2, p. 14-32, jan./jun. 2013.

_____. Diferença entre alienação e estranhamento nos Manuscritos econômico-filosóficos (1844) de Karl Marx. **Educação e Filosofia**, ano 8, n. 16, p. 23-33, jul./dez. 1994.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LÖWY, Michael. **A teoria da revolução do jovem Marx**. Tradução, Anderson Gonçalves. 1. ed. rev. ampl. São Paulo: Boitempo, 2012.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 5. ed. v. 5. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas: Jesus Ranieri. 4. reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010a.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. Supervisão e notas: Marcelo Backes. 2. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010b.

_____. **Sobre a questão judaica**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010c.

_____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. Supervisão editorial Marai Duayer. Tradução Mario Duayer e Nélio Schneider (Col. de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo: Boitempo, 2011a.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução e notas Nélio Schneider; prólogo Herbert Marcuse. São Paulo: Boitempo, 2011b.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Livro 1: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Trabalho assalariado e capital.** [Editorial] Avante. 1982. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1849/04/05.htm>>. Acesso em: 4 maio 2015.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** [Editorial] Avante. 1999. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Manifesto do partido comunista.** Tradução Álvaro Pina. 4. reimp. São Paulo: Boitempo, 2005.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2001.

REISMAN, George. **A teoria marxista da exploração e a realidade.** 2013. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1368>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis.** Trad. Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2007. (Col. Pensamento Social Latino-Americano).

SCHÜTZ, Rosalvo. **Religião e capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre a sua natureza e suas causas.** Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOBRAL, Fabio Maia. **A concepção circular de homem em Marx: um estudo a partir dos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* de 1844.** São Paulo: Editora Nojosa, 2005.

TEIXEIRA, Osvaldo de Freitas. Cartel como forma de abuso do poder econômico. **Revista Jus Societas, Ji-Paraná – RO – CEULJI/ULBRA**, v. 3, n. 1, p. 82-96, 2009. Disponível em: <<http://revista.ulbrajp.edu.br/ojs/index.php/jussocietas/article/viewFile/15/453>>. Acesso em: 29 abr. 2015.